



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

RAFAELA GAVA ETECHEBERE

Cotidiano na *Diaspora*:

Uma etnografia sobre haitianas na cidade de Santa Barbara
d'Oeste, interior de São Paulo

Campinas,

2018

RAFAELA GAVA ETECHEBERE

Cotidiano na *Diáspora*:

Uma etnografia sobre haitianas na cidade de Santa Barbara d'Oeste,
interior de São Paulo

Dissertação apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestra em Antropologia Social.

Orientadora: Bela Feldman

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO
FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA
ALUNA RAFAELA GAVA ETECHEBERE E
ORIENTADA PELA PROFA. DRA. BELA FELDMAN

**Campinas,
2018**



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Dissertação de Mestrado composta pelos Professores Doutores a seguir descritos, em sessão pública realizada em 10 de abril de 2018, considerou a candidata Rafaela Gava Etechebere aprovada.

Profa. Dra. Bela Feldman

Prof. Dr. Omar Ribeiro Thomaz

Prof. Dr. Igor José de Renó Machado

A Ata de Defesa, assinada pelos membros de Comissão Examinadora, consta no processo de vida acadêmica da aluna.

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/3387

Et21c Etechebere, Rafaela Gava, 1992-
Cotidiano na diáspora : uma etnografia sobre haitianas na cidade de Santa
Barbara d'Oeste, interior de São Paulo / Rafaela Gava Etechebere. –
Campinas, SP : [s.n.], 2018.

Orientador: Bela Feldman.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas.

1. Migração. 2. Transnacionalismo. 3. Imigrantes hatianos - Brasil. 4.
Mulheres. I. Feldman, Bela. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Daily life in diaspora : an ethnography about haitians in the city of
Santa Barbara d'Oeste, interior of São Paulo

Palavras-chave em inglês:

Migration

Transnationalism

Hatian immigrants - Brazil

Women

Área de concentração: Antropologia Social

Titulação: Mestra em Antropologia Social

Banca examinadora:

Bela Feldman [Orientador]

Omar Ribeiro Thomaz

Igor José de Renó Machado

Data de defesa: 10-04-2018

Programa de Pós-Graduação: Antropologia Social

Dedicado aos queridos e pequenos
brasileiro-haitianos Jujú e John Gavens.

Agradecimentos

Essa dissertação foi produzida a partir de redes de afeto e cuidado, por isso a gratidão que se exprime nesses poucos parágrafos não darão conta de todo o processo e talvez nem de todas as pessoas com as quais ela foi feita.

Agradeço as queridas haitianas que dividiram comigo sua vida, seu cotidiano e seus sonhos. Obrigada Ruth, Pharadia, Darline, Natacha, Marlene, Sherline, Elsin, Marijo, Geralda, Carline, Jane por sua acolhida, seus cuidados, nossos *boullions*, *fritas*, nossos passeios, nossas trocas e conversas, capazes de me deslocar de momentos de trabalho para momentos de amizade. Agradeço também a Lídia, grande colaboradora dessa pesquisa e com toda certeza um grande exemplo pessoal para mim.

Sem dúvida, uma das pessoas mais importantes nesse trabalho é minha orientadora Bela Feldman. Desde sua acolhida a mim e a minha pesquisa foi uma orientadora presente e uma leitora cuidadosa. Além disso, dotada de grande sensibilidade na análise dos dados e sempre atenta ao protagonismo dos migrantes em suas histórias, Bela me mostrou o quanto necessária é a contribuição antropológica para a compreensão do mundo “globalizado” no qual o deslocamento humano é criminalizado.

Não posso pensar no início dessa pesquisa na Universidade Estadual de Campinas sem a calorosa acolhida, desde a graduação, de Omar Ribeiro Thomaz, Rodrigo Bulamah, Ana Bersani e Berhman Garçon. Omar e seu grupo de orientandos contribuíram de maneira decisiva tanto para a apreensão do conteúdo quanto na escolha por persistir nos estudos sobre imigração haitiana no Brasil.

Na Unicamp, fui amparada com debates de extrema pertinência acadêmica e intelectual por todos os professores e alunos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social e a eles agradeço. Mas meu agradecimento em especial dedico a Bibia Gregori e sua rede de orientandos, que me mostraram que a academia era muito mais que a produção de conhecimento. Os momentos de troca com o grupo da Bibia-, Larissa Nadai, Julian Simões e nossos colegas Rafael Nascimento, Juliana Valente – foram valiosos

Nessa mesma rede também me vi envolvida em debates de pesquisas de extrema pertinência e de execução precisa, feita por pessoas que contribuíram de maneira decisiva para a pesquisa que aqui apresento. Por isso, agradeço a Natalia Corazza, Mariana Petroni, Ernernek, Carla Camargo e Everton Oliveira.

Meus agradecimentos especiais às professoras que fizeram parte da banca de meu exame de qualificação, Adriana Piscitelli e (novamente) a Bibia Gregori, pela leitura cuidadosa do manuscrito apresentado. Suas sugestões foram de imensa valia para a versão final desse manuscrito.

Também gostaria de agradecer à Capes (Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), por ter me auxiliado nos primeiros anos de trabalho com uma bolsa. Esse auxílio possibilitou meu foco integral em minha pesquisa de pós-graduação.

No entanto, não foi no mestrado que esse trabalho se iniciou. Por isso, gostaria de agradecer a Aly, Enoc, Raynord, George, Jean, Chris e John pelo carinho que mantiveram comigo desde o princípio dessa ideia. Agradeço também aos professores da graduação na Universidade Federal de São Carlos Kike Toledo, Gabriel Feltran e ao Igor Machado por terem me auxiliado nesse caminho. Desse mesmo modo agradeço aos colegas Vitor Hugo Kebbe, Marcus Vinicius Guidotti Silva, Yasmin Lucita e a Deborah Rio From Trinta, pela colaboração profissional e pessoal com este trabalho.

Como dito, neste trabalho não foram somente contribuições profissionais e acadêmicas que me auxiliaram na construção dessa pesquisa. Gostaria de agradecer a Cilmara Veiga Lima de Melo e a Alcione Veiga Lima, pelo grande afeto e cuidado que tiveram comigo enquanto estive com vocês.

Nesse momento final de escrita, preciso agradecer aos queridos colaboradores, excolaboradores e clientes da Livraria Cultura de Campinas: Daniella, Keiko, Fernanda, Kraucher, Laura, Gabriel, Guilherme, Tais, Elaine, André, Marcus, Pedro, Eduarda, Luma, Nicole., Mayara e Luana além de Flowers, de Albert, do senhor Eloir e de Aike, por serem meus queridos e meu cotidiano, me dando grande força nos meus momentos de dúvida.

A vocês, muito obrigada.

Agradeço a minha família, avós, primos e tios pelo suporte nunca negado. Agradeço aos meus pais, Evandro e Sandra, que me ensinaram uma versão do amor tão grande e linda que mal pude relativizá-la nos momentos da minha pesquisa, agradeço e muito. Como também agradeço ao meu irmãozinho, Murilo. Todo amor e dedicação que vocês têm por mim, saibam que sempre foi e sempre será recíproco.

Por último, agradeço ao Javier de Queretaro, por confirmar minha hipótese de que o amor está nas entre linhas e nenhuma destas diz respeito a fronteiras nacionais. E que, na verdade, ele, o amor, cria mais e mais laços, redes e caminhos que conectam todo um mundo.

RESUMO

A partir da pesquisa etnográfica realizada em 2015 em Santa Barbara d'Oeste, interior de São Paulo, Brasil, este trabalho busca refletir sobre as experiências de mulheres haitianas que se estabeleceram nesta cidade. Ao falar de uma imigração haitiana, se analisa como mulheres negras, transmigrantes, oriundas de classes e lugares distintos do Haiti e que possuem redes de relações de dimensões distintas agenciam suas redes de afetos em prol de uma melhor qualidade de vida para elas e para aqueles que dependem de sua migração.

Palavras-chave: Migração; Transnacionalismo; Haiti; Mulheres

ABSTRACT

Based on ethnographic research conducted in 2015 in Santa Barbara d'Oeste, in the interior of São Paulo, Brazil, this work seeks to reflect on the experiences of Haitian women who have settled in this city. When speaking of a Haitian immigration, we analyzed how black women, transmigrants, coming from different classes and places of Haiti who have networks of relations of distinct dimensions, agitate their networks of affections in favor of a better quality of life for them and for those who depend on their migration.

Keywords: Migration; Transnationalism; Haiti; Women

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO UM - REDES QUE LEVAM A SANTA BARBARA D'OESTE.....	27
1.1 Introdução.....	27
1.2 Luíza.....	27
1.3 Santa Barbara d'Oeste.....	31
1.4 Rede de Mercina.....	35
1.5 Rede de Phahidra.....	41
1.6 Rede de Claudia.....	45
1.7 Redes de afeto.....	49
1.8 Reconfiguração da periferia de Santa Barbara d'Oeste	51
1.9 Diáspora no cotidiano.....	54
CAPÍTULO DOIS - NEGOCIAÇÃO DA INTIMIDADE: ANÁLISE POLÍTICA E ECONÔMICA DAS RELAÇÕES COTIDIANAS E ÍNTIMAS DAS HAITIANAS EM SANTA BARBARA D'OESTE.....	56
2.1 O quadro da porta e o colchão.....	58
2.2 <i>Boullion</i>, as tranças de Phahidra e o suco.....	64
2.3 Sobre economias da intimidade na diáspora.....	76
CAPÍTULO TRÊS - MATERNIDADE NO COTIDIANO TRANSNACIONAL.....	79
3.1 As remessas e o trabalho com o lixo.....	81
3.2 Mãe, mulher, negra, haitiana, desempregada no Brasil.....	91
3.3 O cotidiano na diáspora.....	99
3.4 A saudade é o mais difícil.....	105
3.5 Legenda dos Gráficos de Parentesco e Ajuda.....	108
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	109
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	112

INTRODUÇÃO

Já passava da metade do mês de agosto de 2015 e meu trabalho de campo seguia seu curso. Em um momento, recebo uma mensagem *online* de um colega, via *Messenger*¹. Nela, junto da frase “talvez interesse para sua pesquisa”, havia um link que levava a uma reportagem², cujo título dizia “Haitianos no Brasil fazem web série para combater o preconceito”. Além do título, chamou minha atenção que no foco da foto de divulgação havia um homem haitiano, e, ao seu lado, uma mulher haitiana, por sua vez, desfocada. Cliquei no link. A reportagem se

iniciava dizendo que “imigrantes haitianos em São Paulo esta[vam] produzindo uma web série para contar aos brasileiros as dificuldades que enfrentam aqui. O projeto Superação é uma forma de buscar integração e combater o preconceito”.

Ao longo da reportagem, se destacava a participação dos haitianos³ em todo o processo da web série. Outro fato que me instigou a olhar mais de perto o ocorrido foi o de que não apenas Papouch⁴ era protagonista, mas também Miselene³, como afirma a própria descrição da série⁴, ou seja, as mulheres haitianas teriam um espaço - e um espaço de protagonismo - em uma produção cultural promovida pelos próprios migrantes haitianos. Achei excelente, visto que durante todo o meu processo de construção de bibliografias sobre Haiti e migração haitiana, era recorrente encontrar análises que consideravam as mulheres haitianas como coadjuvantes até mesmo de suas histórias.

Segui a procura dos episódios. A série conta com quatro vídeos: “A chegada”, “Opressão”, “Dia-a-dia” e “Esperança... Aí está você?”. Os episódios são curtos, entre cinco a sete minutos e meio cada, tratando do cotidiano e das dificuldades do casal no Brasil. Pelo que se entende durante os episódios, Papouch e Miselene chegam sem muitos contatos no Brasil, visto que ninguém foi busca-los na estação de trem, algo que pode ser visto na primeira cena da web série (buscar os parentes que chegam é uma prática

¹ *Messenger* é um aplicativo de comunicação da rede social *Facebook* que permite conversas instantâneas entre usuários conectados à Internet.

² <http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2015/08/haitianos-no-brasil-fazem-webserie-para-combaterpreconceito-3258.html> ³ A web série “Superação” é o resultado do projeto “Vivências” que envolveu haitianos, a Escola Livre de Cinema e Vídeo de Santo André, a Secretaria de Cultura e Turismo, a Secretaria Municipal de Direitos Humanos, Cultura e Paz da Prefeitura de Santo André. ⁴ Interpretado pelo haitiano Pierre Montlais

³ Interpretada pela haitiana Kidney J. Gerisma

⁴ “O diretor Cristiano Roppa conta que até os nomes dos protagonistas, Papouch e Miselene, foram tirados de listas de imigrantes haitianos que chegam ao Brasil.”

recorrente dos haitianos com quem trabalhei). Nos dois primeiros episódios, Miselene reclama de fome, nos levando a pensar que todo dinheiro acabou durante a viagem e que o casal chegou aqui sem recurso algum para se manter.

Sem ter mais o que fazer, Papouch aceita uma proposta do primo de Miselene para vender produtos de beleza em uma banquinha na rua. A dificuldade de Papouch em achar um emprego, especificamente para sua qualificação e a humilhação por trabalhar em serviços abaixo de sua capacidade passam a ser o mote central da série. Mesmo trabalhando todos os dias, Papouch não consegue pagar todas as contas, o que deixa Miselene muito descontente, principalmente porque a série deixa claro que ela não queria ter vindo para o Brasil. Todos esses acontecimentos acabam minando a relação do casal. Papouch se mantém esperançoso, persiste e encontra um emprego para suas qualificações no país em que escolheu se estabelecer. Miselene também consegue um emprego e abandona seu marido.

Ao terminar os episódios, vi que a web série trabalha com questões pertinentes ao campo da imigração haitiana no Brasil. São problemas legítimos e que, ao serem apresentados na série, deixam claras as demandas desses haitianos. Mas a história, assim como a pesquisa de campo que realizei ainda na graduação⁵, retratam a realidade e as dificuldades enfrentadas por haitianos com qualificação escolar e profissional. Há aí um primeiro marcador social de classe que não pode ser ignorado e nem estendido para todos os haitianos que se instalaram no Brasil. Mesmo retratando problemas pertinentes com os quais já havia me deparado no desenrolar dos episódios, fui ficando cada vez mais incomodada com o modo pelo qual o enredo se desenvolvia no que diz respeito à protagonista feminina. Ela, desde suas primeiras falas, ocupava o espaço de uma vilã. Praticamente todos os seus problemas giravam em torno da incapacidade de Papouch trazer uma estabilidade para a vida do casal.

Seus cabelos, que foram ficando desarrumados, não pareceram sequer um problema na série. Sua dificuldade de obter internet para se comunicar com seus familiares no Haiti também deixou de ser retratada. E mesmo que a dificuldade de comunicação em português apareça em uma cena, ela não dá conta da frustração e a insegurança da haitiana com a situação. Sendo assim, os problemas que essa série traz são referentes, em sua maior parte,

⁵ Desenvolvida entre os anos de 2011 até 2013, com haitianos residentes na cidade de São Carlos, cujo título era: *Haitianos no Brasil: sociabilidade e parentesco no interior paulista*. Orientado pelo Professor Igor Machado.

às vivências dos homens haitianos no Brasil. O enredo, a construção das personagens e até mesmo as aparições da personagem feminina, que vão ficando cada vez mais escassas até se tornarem somente em um comentário no último episódio, indicam que a mulher haitiana não era, de fato, a protagonista. Nem mesmo quando a estória se propunha a ser “do casal”. A descrição da série, que havia me instigado a assisti-la, foi perdendo força, e a foto da divulgação começou a fazer todo o sentido (de alguma forma, sempre fez...).



Figura 1: Reprodução da Foto de Divulgação da reportagem

Em minha monografia de graduação, focalizei haitianos universitários da Universidade Federal de São Carlos e da Universidade Estadual de Campinas e também trabalhadores da construção civil de Limeira – todos homens (São Carlos e Limeira são cidades do interior do estado de São Paulo). Mesmo que houvesse mulheres entre os haitianos com quem convivi, por exemplo, a saudade que Nikolta sentia de seus filhos que ficaram no Haiti para que ela pudesse seguir para o Brasil junto de Henrique não estava entre os problemas centrais da minha pesquisa. Tampouco levei em conta as dificuldades de uma mãe haitiana universitária em criar seu filho que nascera no Brasil somente com a ajuda de seu marido. Nem mesmo no capítulo 3 de minha monografia, em que trago algumas reflexões sobre *relatedness*⁶, essas mulheres tiveram espaço.

Tendo uma maior proximidade com os haitianos do que com as haitianas, o estudo

⁶ Trabalhei a partir da definição de Janet Carsten (2004), em que a autora afirma que, “no seu sentido mais amplo, *relatedness* (ou parentesco) é simplesmente as maneiras como as pessoas criam similaridade ou diferença entre si próprios e os outros”.

que realizei nas cidades do interior do estado de São Paulo acabaram por ter resultados muito parecidos com a dissertação que Cotinguiba (2014) desenvolveu na cidade de Porto Velho, capital do estado de Rondônia. Seu trabalho analisa a migração haitiana para o Brasil entre 2011 e 2013 e se propõe a refletir, através do método etnográfico, sobre a relação existente entre esse processo migratório e o trabalho enquanto uma constante da expansão capitalista. Outra questão que o seu trabalho interdisciplinar se propõe a analisar é a da inserção social desses haitianos.

Novamente nesses trabalhos, assim como na web série, não vi cabelos sendo trançados, comidas sendo preparadas, questões que passaram a ser centrais em minha pesquisa de mestrado ao trabalhar diretamente com mulheres haitianas. Na minha monografia de graduação, vi haitianos e haitianos, haitianos e brasileiros, haitianos e outras nacionalidades estabelecendo relações através de uma paixão nacional dita masculina: o futebol. De forma similar, Cotinguiba (2014)⁷ vê nesse esporte um importante e interessante espaço de integração dos haitianos no Brasil, seja no hábito de jogar partidas entre vizinhos ou de acompanhar os jogos televisionados. Mas essa paixão entre os haitianos é predominantemente masculina.

Há momentos em que permanece a sensação de que por serem 20% da imigração haitiana para o Brasil (Fernandes e Castro, 2014⁸), as questões sobre as mulheres mereçam apenas 20% da luz sobre o tema. Elas representam 20% dos questionários aplicados por Chandeline Baptiste⁹ (2015) em sua pesquisa quantitativa sobre juventude e transição para vida adulta. Em sua dissertação, Baptiste analisa um marcador muito relevante para a compreensão da diáspora haitiana no mundo: a idade. Muitos dos que saem diretamente do Haiti, se não a maioria, são jovens recém-casados ou com a intenção de se casar, que concluíram seus estudos e veem a migração como uma oportunidade de transição para a vida adulta.

Entre tabelas e gráficos, mesmo que delimitado pela “idade” circunscrita como “jovens”, dados como gravidez e estado civil são dissociados de dados como classe social, local de partida e nível de escolaridade. Dados que, ao serem colocados em relação às narrativas com as quais me deparei em meu campo, mostram apontamentos

⁷ COTINGUIBA, Geraldo. *Imigração Haitiana para o Brasil – a relação entre trabalho e processos migratórios*.

⁸ FERNANDES e CASTRO. *Estudos sobre a Migração Haitiana ao Brasil e Diálogo Bilateral*. Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/lumis/portal/file/fileDownload.jsp?fileId=8A7C816A45B266980145DCAB8EF42233>
Acessado: 27/01/2016

⁹ BAPTISTE, Chandeline Jean). *Transição para a Vida Adulta e Migração Internacional: o caso dos Jovens Haitianos na cidade de São Paulo*.

interessantes e pertinentes para o meu trabalho. Em suas considerações finais, Baptiste aponta que o principal objetivo dos jovens haitianos que estão no Brasil é o de conseguir estabilidade financeira na área em que escolheram trabalhar, muito próximo ao enredo da web série “Superação” que narrei acima.

Já com uma proposta disciplinar e metodológica mais próxima da minha, há a tese de doutorado de Joseph Handerson¹⁰ (2015). Junto às observações de campo, Handerson traz trajetórias de migrantes haitianos no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa para examinar o termo êmico e polissêmico *diáspora*. Ao optar por uma “etnografia multisituada” (Marcus, 2001), Handerson analisa várias experiências de mobilidade de haitianos no decorrer da tese. Trajetos e trajetórias se articulam com classe, gênero, cidade de partida, e são levados em conta para pensar os principais pontos do seu campo partindo da análise das lógicas e dos circuitos das mobilidades haitianas. Em seguida, o antropólogo se propõe a analisar as configurações e lógicas das casas e, finalmente, traz uma reflexão sobre como mobilidade e a imobilidade fazem parte da lógica da *diáspora*, além dos sentidos desse termo, ou seja, o seu campo semântico.

Além da notável reflexão que Handerson (2015) realiza sobre o tema da *diáspora*, a maneira como ele trama as narrativas de suas protagonistas femininas merece destaque. Ao trazer como parte da reflexão a trajetória de vida de vários haitianos, Handerson (2015) destaca problemas, soluções, aflições e esperanças que enfatizam a heterogeneidade desses haitianos com os quais ele se deparou em campo.

Duas dessas haitianas ganharam destaque em “As relações de Gênero, de Classe e de Raça: mulheres migrantes haitianas na França e no Brasil”, texto de Joseph Handerson e Rose Myrlië Joseph, de 2015. As trajetórias e corpos de Yollete e Anne no Brasil, analisadas por Handerson, e as trajetórias e corpos de Laurette e Keli, na França, analisadas por Joseph, são os objetos da reflexão dos autores. Nesse diálogo entre o antropólogo e a socióloga, ambos de origem haitiana, verifica-se que as mulheres que eles focalizaram em seus estudos tinham bons empregos e eram respeitadas, no Haiti. No entanto, nos locais em que elas resolveram se estabelecer, tais mulheres receberam “um golpe no ego”, como os autores descrevem, pois somente foi lhes dada a oportunidade em trabalhos considerados sujos por elas. Trabalhos dos quais elas próprias tinham pessoas

¹⁰ HANDERSON, Joseph (2015). *Diáspora. As dinâmicas da Mobilidade Haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa*

contratadas para realiza-los no Haiti. Isso devido ao fato dessas mulheres não serem somente estrangeiras, mas por serem estrangeiras negras.

Assim como Handerson (2015) em suas reflexões, percebi que as experiências dos haitianos que se estabeleceram no Brasil eram muito diversas. Como posso falar de uma imigração haitiana quando, além de raça, gênero, classe, idade e local de partida também se interseccionam em corpos muito diversos, com trajetos e trajetórias distintos? Corpos que me falam sobre um mesmo Haiti de formas bastante distintas, mas próximas ao mesmo tempo? Um Haiti tão distante, por um lado, pelos quilômetros de terra e mar percorridos para chegar ao

Brasil, mas também um Haiti que se faz tão próximo pela presença intensa de parentes, amigos, amantes, vizinhos em seus convívios cotidianos no Brasil ou mesmo por meio de *smartphones* e comprovantes de depósito da *Western Union*¹¹.

Assim, através dos encontros e dos desencontros que narrarei a seguir, pretendo apresentar e desenvolver o foco atual de minha pesquisa sobre a imigração haitiana a partir das mulheres haitianas que se estabeleceram numa localidade brasileira. Por se tratar de mulheres negras transmigrantes, oriundas de classes e lugares distintos do Haiti e que possuem redes de relações de dimensões distintas, a proposta de análise do meu material se dá a partir de Pessar e Mahler (2001) com a ideia de “*gendered geographies of power*”. Nessa proposta, além do gênero, a raça, a classe, a sexualidade, a etnicidade e nacionalidade se interseccionam com

outras “hierarquias”, nos termos das autoras, que o campo trama, como por exemplo, se essas mulheres vieram do campo ou da cidade, se elas são casadas e estão com seus maridos ou se são as amantes de haitianos que sustentam suas esposas no Haiti, entre outras hierarquias.

Ao falarmos de gênero, raça, classe e localidade de saída dessas mulheres, nos situamos simultaneamente no campo de concepções e ações e o consideramos como um operador de diferenças, pensado como um “através”, um meio pelo qual se organizam relações sociais, marcando experiências (Kofes e Piscitelli, 1997). Quem narra suas lembranças recria e comunica experiências marcadas pelas diferenciações estabelecidas pelas construções dessas hierarquias.

¹¹ A *Western Union* é uma empresa multinacional que oferece serviços financeiros e de comunicação. É por meio dessa casa de câmbio que os imigrantes haitianos enviam suas remessas de dinheiro a seus parentes que permaneceram no Haiti.

A escolha por trabalhar com meu material via “*gendered geographies of power*” se deu, primeiro, em razão de o conceito dar conta de como as experiências que são caracterizadas por gênero, classe, raça e localidade operam, simultaneamente, em múltiplas escalas espaciais e temporais (corpo, família, estado) através de terrenos transnacionais. É a partir de tais configurações sociais de uma determinada escala que ideologias e relações de gênero são reafirmadas e /ou reconfiguradas. Em resumo, “*gendered geographies of power*” é uma estrutura de análise corporal e cognitiva das agências sociais das pessoas, dada segundo a própria iniciativa do sujeito e suas posições e marcadas por múltiplas hierarquias de poder que operam com e através de muitos terrenos.

Caminhos para Santa Barbara d’Oeste

Vários são os caminhos que me levaram a Santa Barbara d’Oeste. Iniciei, no final de 2011, meu trabalho com haitianos que estavam no Brasil sob orientação do Professor Igor Machado, na Universidade Federal de São Carlos. No processo da realização de minha monografia, tive contato com atas das reuniões do Ministério do Trabalho e Emprego¹², órgão responsável pelo Conselho Nacional de Imigração (CNIg), as quais seriam o meu primeiro objeto de estudo.

No entanto, poucos meses depois, chamou minha atenção a quantidade de haitianos que residiam no interior do estado de São Paulo. Em minha cidade natal, Limeira, havia alguns haitianos com quem eu poderia conversar. Procurei, então, um professor de crioulo haitiano: Berhman Garçon, aluno de mestrado em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). A partir dos encontros com Berhman, vi a possibilidade de desenvolver uma pesquisa junto a alunos haitianos que vieram para o Brasil através do Programa Emergencial Pró-Haiti¹³, da CAPES¹⁴.

Abandonando a primeira ideia de pesquisa, acabei abrindo três frentes de trabalho: a primeira, entre haitianos trabalhadores da construção civil de Limeira; a segunda, através do meu professor de crioulo haitiano que vivia em Campinas; e, a terceira, entre estudantes haitianos de graduação que estavam na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Pela proximidade física, já que realizei meu curso de graduação em Ciências

¹² <http://portal.mte.gov.br/portal-mte/>

¹³ <http://www.capes.gov.br/cooperacao-internacional/haiti/pro-haiti>

¹⁴ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

Sociais na UFSCar, acabei ficando muito próxima aos haitianos que estudavam na universidade. Cheguei até mesmo a me tornar madrinha do filho de um deles.

Quando segui para a pós-graduação em Antropologia Social na UNICAMP, me propus, em meu projeto, a realizar uma pesquisa na tríplice fronteira Brasil-Colômbia-Peru. Durante a aula de Projetos de Pesquisa, a Professora Heloisa Pontes, responsável pela disciplina, sugeriu que eu realizasse a pesquisa no estado de São Paulo, já que eu tinha contatos prévios aqui. Lembro-me de não ter gostado muito da sugestão e estava disposta a não a aceitar. Entretanto, a notícia de que meu afilhado iria se mudar de São Carlos para Aquidauana, no interior do estado do Mato Grosso do Sul, me fez perceber que eu havia sido afetada pelo meu campo e pela falta que sentia de certos amigos que havia feito. Esse momento afetivo foi o estalo responsável por me fazer pensar sobre os possíveis afetos daqueles interlocutores com os quais eu havia trabalhado durante a graduação. Percebi que aqueles haitianos e haitianas que se estabeleceram no interior de São Paulo ainda poderiam me contar muitas coisas sobre seus afetos, sobre a maneira como construíam seu cotidiano ou como tramavam suas redes de relações e parentesco, enroscando brasileiros, dominicanos, colombianos, cabo verdianos, guineenses e muitos outros haitianos no caminho.

Voltei-me para minhas redes e, quase que simultaneamente, vários colegas, amigos e conhecidos que sabiam que eu trabalhava com a temática da imigração haitiana para o Brasil vinham me contar sobre haitianos que viviam em suas cidades, que trabalhavam nos mesmos lugares que eles e que poderiam conseguir com que eu contasse com essas pessoas para minha pesquisa. Mas foi meu pai quem me apresentou para minha *broker*¹⁵. Luiza é uma operadora logística que compra flores para supermercados e floriculturas na cooperativa de flores onde meu pai trabalha. Foi através dele que obtive seu contato.

Assim como eu, Luíza havia se embrenhado em relacionalidades diversas, descritas no primeiro capítulo desta dissertação, e entrado na equação dos afetos dos haitianos. Esse fato me intrigou a ponto de eu seguir meu campo na cidade de Santa Barbara d'Oeste. Entre os haitianos dessa cidade, eu nunca fui confundida com uma agente de estado, assistente social, representante de uma ONG, ou repórter. No início, era amiga de Luíza. Depois passei a ser amiga de Phahidra, Claudia e Mercina. Minha entrada em campo não foi através da negociação de ajuda e assistência, como é mais comum nos trabalhos com

¹⁵ Wolf, 2003. Segundo o autor, *brokers* são aqueles indivíduos que exercem o papel de intermediadores de relações.

haitianos imigrantes que estão no Brasil. As negociações em meu campo sempre passaram pelo afeto, o que me possibilita trazer outras contribuições para esse campo de estudo.

Esse caminho, traçado por afetos, não me levou necessariamente direto às haitianas de Santa Barbara d'Oeste, entre as quais realizei meu trabalho de campo. No primeiro movimento do meu campo, Luíza me levou para conhecer muitas casas, na maioria delas havia a proporção de uma mulher para cada seis homens, sendo elas esposas ou namoradas de algum deles. Dentre dezenas de casas que visitei nos primeiros meses, somente em duas os contatos de Luíza eram mulheres: a casa de Mercina e a casa de Claudia. As duas se comunicavam, na época, de forma precária em português. No entanto, diferente das outras mulheres, elas conseguiam, ainda que com dificuldades, se comunicar na língua local. Como já notado por Rosa (2006), as mulheres haitianas, em sua maioria, são monolíngues (falantes apenas do crioulo haitiano), como um reflexo do déficit educacional do país e pela falta de apoio familiar a sua imigração¹⁶. Essa situação, segundo Rosa, acaba criando uma fragilidade nas redes de cooperação femininas de incentivo à imigração, o que reduz a exposição das mulheres à vida pública, “obrigando-as à dedicação quase que exclusiva à reprodução familiar, limitando as chances de sobrevivência social fora do lar e do seu próprio país” (Rosa, 2006:22).

Não são todas as mulheres que passam por um processo pelo qual passaram as duas haitianas que citei acima. Mas devo adiantar que a impossibilidade de comunicação com essas mulheres passou pela minha dificuldade de falar e compreender o crioulo haitiano e a dificuldade delas de falar e compreender o português. Como consequência disso, em um primeiro momento, essas mulheres ficaram “desfocadas” no meu campo e em meus diários.

Conforme foram ocorrendo as visitas e as apresentações, Luíza sempre comentava de dois, três ou quatro haitianos que haviam chegado naquela semana. Comecei a focalizar com mais frequência as mulheres haitianas ao perceber que a maior parte da atenção de Luíza era voltada para as mulheres, que tinham maior dificuldade de “se virar”: não sabiam como fazer sua carteira de trabalho e, quando eram contratadas, não conseguiam realizar os exames necessários para a contratação. Se ficavam doentes, precisavam

¹⁶ Todos os haitianos com quem conversei me contam que só estavam no Brasil pelo fato de pelo menos um familiar ter investido alguma quantia (que pode ser a passagem total ou algo para completar o valor) na viagem do seu irmão, tia, primo, esposa ou filho. Visto assim, a imigração parece ser um investimento familiar, que teria retorno mais rápido e prático se feito em um membro do sexo masculino

mobilizar algum parente, amigo ou conhecido para leva-las ao hospital, se não, era Luiza que o fazia.

Outro ponto que me chamou atenção para o recorte que começava a se desenhar em meu campo eram os constantes flertes por parte dos homens haitianos que também colaboraram para a delimitação de minha pesquisa. “*Ou se marrye?*” era uma das primeiras - se não a primeira questão - que um haitiano fazia ao me conhecer. Devo lembrar que a rede na qual eu me inseri é heteronormativa e majoritariamente homofóbica. Por isso, esses jogos de flerte sempre partiram de homens haitianos em minha direção.

Numa dinâmica semelhante, Togni (2014)¹⁷, em sua tese de doutorado, opta por deter seus esforços no gênero masculino para pensar a imigração de jovens brasileiros em Portugal. No princípio do seu campo, a pesquisadora era vista como uma possibilidade de paquera. Portanto, ao assumir o estatuto de mulher solteira, era exigido dela negociações constantes e diferentes com os rapazes. E não era somente o status de solteira que estava sendo negociado na paquera, como também sua escolaridade, sua idade e sua cor da pele, que por ser muito branca a rotulava como *parecida com portuguesa*. Como resultado dessas negociações, a posição da pesquisadora se revelava bastante ambígua entre os rapazes com quem trabalhou. Não era considerada uma parceira possível para eles, pois eles atavam relações somente com as moças do grupo - e ela era de fora - mas era, ao mesmo tempo, considerada uma das mulheres do grupo que deveria ser protegida de outros rapazes. Também ao dizer que era solteira, Togni abria ainda a possibilidade de desentendimento com as mulheres de seu campo, visto que para as mulheres comprometidas ela poderia ser uma potencial ameaça, e para as solteiras, uma potencial concorrente.

Para evitar esse tipo de desentendimento com as haitianas, eu optei por dizer que estava noiva, fato que não desencorajou o flerte de alguns haitianos. Tive duas abordagens muito diferentes, mas muito emblemáticas, de dois rapazes mais persistentes. Toussaint e Cliforde eram recém-chegados ao Brasil e tinham pouco domínio da língua portuguesa. Toussaint tinha o ensino superior completo e a ele fui apresentada como pesquisadora. Cliforde tinha o ensino médio completo e foi Phahidra, sua irmã, que me apresentou como sua amiga. Toussaint me abordou como faria com uma haitiana: ligava e mandava mensagens. Nessas mensagens, não mostrava suas intenções de forma direta perguntando,

¹⁷ TOGNI, Paula. *Europa é o Cacém. Mobilidades, gênero e sexualidade nos deslocamentos de jovens brasileiros para Portugal*.

por exemplo, sobre minha família e se eu estava precisando de alguma coisa. Comentei com Claudia a situação e foi ela quem me revelou que o haitiano estava interessado em mim.

Cliforde, por sua vez, foi mais direto. Na noite seguinte a que fomos apresentados, ele me adicionou no *Facebook*. via *Messenger*; e iniciou uma conversa parte em inglês, parte em espanhol, parte em crioulo e parte em português. Depois dos cumprimentos cordiais, ele escreveu que gostaria de se encontrar comigo pois estava apaixonado por mim. Rejeitei a iniciativa dizendo que estava noiva. Sua insistência me colocou em uma posição delicada uma vez que eu construía com sua irmã uma relação de interlocução fundamental para a continuidade de meu trabalho de campo. Diante de sua resposta de que ele não se importava com meu noivado e que me queria em sua cama, me vi impelida a rejeitá-lo uma última vez, de forma mais incisiva, deletá-lo e bloqueá-lo de minha rede social. Ao conversar com Phahidra sobre o ocorrido, preocupada que minha atitude viesse a chateá-la ou ofendê-la, sua postura foi dizer ao irmão que parasse de flertar com sua amiga.

Quero mostrar com esses relatos, os meus e os de Togni, que nossos corpos comparecem em nossos campos de pesquisa. Na situação narrada acima, fui classificada como uma mulher brasileira. Percebi isso quando coloquei em relação a forma que Cliforde havia se dirigido a mim com um relato de dois amigos haitianos. O primeiro deles, universitário, me perguntou certa vez porque as brasileiras eram tão “safadas”. Quando eu lhe perguntei de volta o que ele entendia por “safada”, ele me disse que no Brasil as mulheres “chegam beijando os homens”. Expliquei para ele que isso não fazia delas “safadas”, mas que as mulheres iniciarem o flerte era algo mais comum no Brasil do que no Haiti. O segundo relato foi fruto de uma conversa com outro amigo, casado e com esposa e filho residentes no Brasil. Nessa conversa, ele me disse já ter traído sua esposa com uma brasileira. A razão, de acordo com ele, devia-se ao fato de que “todo haitiano comenta como as brasileiras são na cama. Elas fazem bom sexo, gritam e tudo mais”.

Em vista disso, percebi que ser uma “mulher brasileira” me colocava em um espaço de negociação atravessado pela chave de entendimento mais geral que os haitianos faziam das mulheres brasileiras: “safadas” e possivelmente “boas de cama”. Assim, passei a evitar conversas mais aprofundadas com os haitianos de meu campo, principalmente quando não os conhecia e estava sozinha, o que me aproximou ainda mais das mulheres.

Para elas, em razão de minha pouca idade, eu ocupava um espaço, por vezes de visita e por vezes de uma irmã mais nova. Convivendo com as mulheres em seu cotidiano dos finais de semana, tive acesso a um outro lado da imigração haitiana para o Brasil, um lado mais doméstico em que pude presenciar relações conjugais, certos cuidados de si, os cuidados com a casa, vizinhos e parentes. Pude ver amizades, casas, romances que se faziam e se desfaziam. Vi diversos tipos de fé e religiosidade se consolidando em situações adversas, como a perda de um emprego ou dificuldade de trazer um filho para o Brasil.

Junto a essas haitianas, desenvolvi, do início de janeiro de 2015 até setembro de 2015, o meu trabalho de campo. No começo, realizava visitas mais esporádicas às suas casas, mas, a partir de julho de 2015, me mudei para Santa Barbara d'Oeste e, desde então, realizei visitas mais frequentes, durante os fins de semanas e os dias de folga dessas mulheres. Por mais que o destino inicial fosse suas casas, ia com as haitianas visitar outras haitianas, as acompanhei em cultos, na busca de trabalho, no processo de conseguir uma carteira de trabalho, às festas, à rodoviária para buscar parentes, entre tantos outros espaços em que pude verificar as nuances de ser uma mulher imigrante e negra no Brasil. Para além da observação participante, também realizei quinze entrevistas em profundidade, nas quais procurei apreender as trajetórias de vida e de imigração dessas mulheres.

A partir do que vem sendo relatado e descrito, o objetivo desta pesquisa se desenvolve em torno de compreender a migração haitiana para o Brasil a partir das nuances que se fazem ver ao focalizarmos o olhar na migração das mulheres haitianas. Seria, nesse sentido, *não tirar Papouch de cena, mas simplesmente colocar Miselene no foco da cena etnográfica*. Busquei entender quem eram essas mulheres: sua classe social, sua escolaridade, suas redes, seus afetos, e a partir disso, procurei compreender como, porquê e principalmente por quem essas haitianas migraram para o Brasil. Com isso, acabei por encontrar uma migração outra em relação à pesquisa que realizei em minha graduação: mesmo que tenha os mesmos trajetos, passem por dificuldades parecidas, tenham o mesmo trabalho e se estabeleçam nas casas junto aos homens haitianos que migraram, a migração das haitianas para Santa Barbara d'Oeste tem demandas, expectativas e questões que foram vistas a partir da escolha pelo recorte de gênero.

Capítulos da Dissertação

No primeiro capítulo da dissertação, trabalho com as redes dos haitianos que residem em Santa Barbara d'Oeste a partir da noção de rede da Escola de Manchester, tendo como referência os trabalhos de Barnes (2010 [1969]) e Boissevain (2010 [1974]). Escolhi por traçar as redes que se iniciam na cidade, através de dois intermediários culturais, respectivamente Cunha e Luíza. Cunha é dono de uma empresa de construção civil da região de Santa Barbara d'Oeste. No ano de 2012, ele trouxe um grupo de haitianos para trabalhar na construção civil da cidade. Por sua vez, Luíza, como descrito anteriormente, deixou-se enroscar pela rede de afetos que acabaram por torna-la uma referência entre os haitianos da cidade e na região.

Luíza, em sua ida à Brasileia, trouxe seis haitianos para trabalhar em supermercado em um município vizinho de Santa Barbara d'Oeste. No momento em que estava lá, quatro haitianos pediram para que Luíza¹⁸ os levasse para onde é que ela fosse. Esses foram os “primeiros” haitianos que chegaram a Santa Barbara d'Oeste e a partir deles outros haitianos vieram se instalar na cidade.

Ao fazer um mapeamento dos fluxos de chegada que se seguiram, tracei uma breve genealogia da migração até chegar às minhas principais protagonistas: Claudia, Phahidra e Mercina. Quando se trata da rede de Mercina, verificamos as estratégias e os agenciamentos para a chegada e o estabelecimento na cidade de Santa Barbara d'Oeste. A partir da rede de Phahidra, podemos verificar como foi a estrutura do *lakou*, um espaço físico que se assemelharia a um quintal dividido por uma família, composta por várias gerações, residindo em várias casas próximas. Ali, naquele espaço, há lugar para a produção de bens econômicos e, além disso, a reprodução do social. A partir desse local, Phahidra traçou uma rede de imigração.

Ao falar da rede de Claudia, pode-se notar a diferença entre os haitianos que vem do universo rural haitiano e os que vem do universo urbano e a influência nas redes e nos contatos que os haitianos estabelecem ao chegarem no Brasil. A partir do relacionamento que estabeleci com elas, outras redes se abriram para a pesquisa. Por isso, na última parte do capítulo, traço minhas próprias redes em campo, que tiverem como sua principal substancia o afeto.

¹⁸ Os nomes das pessoas apresentadas na dissertação foram trocados, assim como combinado com as mesmas. A maior parte dos nomes foi escolhido pelos próprios interlocutores.

Já no segundo capítulo, abordarei as relações amorosas e como elas operam no cotidiano dessas mulheres haitianas que residem no Brasil. Ao analisa-las, é verificada a importância do prover masculino e do cuidado retribuído pelas mulheres no cotidiano diásporico. Essas dinâmicas foram analisadas a partir tanto de narrativas das próprias haitianas sobre elas, quanto por focos sobre a vida amorosa de Eloise, Claudia, Alina, Malene, Ena e Wilmener, cada qual ocupando um status diferente da outra na vida de seus companheiros e cada qual operando as “economias da intimidade” (Cole, 2009), associando cuidado, romance e dinheiro, mobilizando e relacionando “mundos hostis” (Zelizer, 2009)¹⁹. Assim como nesses contextos em que relações amorosas, intimidades, sexo, *lajan* (dinheiro), direitos e deveres maritais se emaranham, pretendo pensar o *amor* como uma possibilidade para mulheres haitianas de criarem novos fluxos de pessoas e bens no contexto transnacional.

Dando continuidade à reflexão do capítulo anterior, atento-me aos aspectos do cotidiano da *diáspora*. Procuro discutir, no capítulo três, alguns acontecimentos que marcaram as vidas e os corpos de Marli, Mercina e Rose. Neste capítulo, trago algumas reflexões sobre “ser mãe” entre as haitianas que vivem em Santa Barbara d’Oeste. Muitas mulheres haitianas com quem conversei eram mães, que deixaram suas crianças para trás. Quanto a isso, não há nada de novo ou inesperado. Nos trabalhos de Feldman-Bianco (1997), Machado (2015), Kebbe (2011), Bumachar (2012) e Canales (2005) fica claro que deixar entes queridos em busca de melhores oportunidades é uma constante na imigração.

Com a recente intensificação da migração transnacional e, sobretudo, a crescente feminilização da migração, ocorreu um novo tipo de configuração da família transnacional, em que a mulher, sozinha, também deixa os filhos para trás, estando à procura de oportunidades de melhora de vida através do emprego e não somente da reprodução familiar (MADIANOU e MILLER, 2012; PARREÑAS, 2001). Enfrentando trabalhos precários, o racismo em sua violência mais diluída e corriqueira, como ocorre no Brasil, sigo essas três mulheres que me falam sobre as possibilidades de “ser mãe” em contextos em que o “prover” e o “cuidar” não podem ser feitos presencialmente e no dia a dia.

A partir do relato de Marli, pretendo introduzir a temática do trabalho precário e insalubre que atravessa o cotidiano de outras haitianas que migraram para cidade.

¹⁹ Além de Zelizer (2009) e Cole (2009), estabeleço o debate proposto com Piscitelli (2011, 2011b), Illouz (2009), Povinelli (2006), Hunter (2010), Constable (2009) e Kempadoo (2004).

Independentemente de trabalharem na empresa de reciclagem ou não, as condições de trabalho da maioria dessas mulheres são bastante precárias. Mercina, assim como Marli, é mãe. Também como Marli, cria sozinha suas crianças sendo que, no caso dela, devido ao falecimento de seu marido. Ela decidiu vir para o Brasil ainda grávida, chegando à Santa Barbara d'Oeste no seu sétimo mês de gestação. No dia do nascimento de Luciana, nome escolhido pelo filho mais novo de Luíza, algumas questões sobre racismo surgiram e é sobre elas que eu quero trabalhar com o relato de Mercina.

A história de Rose tem muitos elementos em comum com as trajetórias de Mercina e Marli e é a última que trago para esse capítulo. Rose também é mãe e seus dois filhos, que estão com sua irmã no Haiti, são de sua inteira responsabilidade, já que o pai dos meninos faleceu durante o terremoto de 12 de janeiro de 2010. Rose, assim como Marli e Mercina, também trabalhava na empresa de reciclagem “Reciclagem SA”. Através da história de Rose, discuto a maneira como *dinheiro* e *smartphones*, *videoconferências* e *mídias sociais* dinamizam o cotidiano transnacional dessas mulheres.

Para as considerações finais, trago uma reflexão sobre o momento presente da imigração haitiana para o Brasil a partir de minhas protagonistas. Nele, revejo o momento em que realizava o trabalho de campo e comparo com a “crise econômica”: as dificuldades de obtenção de visto, emprego, os custos de passagens aéreas e a desvalorização do dólar tornaram mais complexa a vinda de novos haitianos para Santa Barbara d'Oeste, reconfigurando o contexto da *diáspora* na cidade.

A partir do ano de 2016, inicia-se um novo fluxo de haitianos do Brasil para os Estados Unidos, utilizando antigas e hostis rotas que os levavam para uma das fronteiras atuais mais polêmicas: México e Estados Unidos. No entanto, nem todos os haitianos decidiram reemigrar. Assim como Mercina e Claudia, tantos outros persistem na sua vida em Santa

Barbara d'Oeste. Mesmo que de uma maneira muito diferente do que haviam planejado, mantém com eles o sonho que os trouxeram para terras brasileiras.

CAPÍTULO 1 – REDES QUE LEVAM A SANTA BARBARA D'OESTE

1.1 Introdução

O intuito é traçar, nesse primeiro capítulo, os caminhos feitos para e no campo em Santa Barbara d'Oeste. A escolha por trabalhar com os haitianos dessa cidade justifica-se pelo contato feito com Luíza, uma voluntária brasileira que ajudou os primeiros haitianos a se estabelecerem em Santa Barbara d'Oeste.

Santa Barbara d'Oeste, uma cidade pequena do interior de São Paulo, caracterizada pela imigração americana para o Brasil no século XIX, apresentava uma extensa rede de transmigrantes haitianos em 2015. Essa rede, que majoritariamente se relaciona com a brasileira, colocou-me em estreito contato com três haitianas, Mercina, Phahidra e Claudia.

Neste capítulo, são as histórias de migração, o trajeto do Haiti até o Brasil e o estabelecimento dessas três mulheres na cidade, que me conduzem e colocam em relação ao dia a dia diaspórico de outras haitianas. Descrevo, neste capítulo, o modo como essas haitianas, assim como os maridos, namorados, irmãos e amigos, reconfiguram a localidade de Santa Barbara d'Oeste. O convívio cotidiano com essas mulheres e os depoimentos possibilitaramme uma análise eminentemente êmica.

1.2 Luíza

Encontrei-me com Luíza na praça de alimentação do shopping de Santa Barbara d'Oeste no dia 07 de fevereiro de 2017. Luiza é loira, baixa, de olhos azuis, uma mulher de tipo comum, ponto notado por sua vestimenta (uma blusa amarela, calça jeans, sapatilha e uma bolsa grande, trajes do cotidiano), quanto em sua fala, com o uso de palavras do dia a dia das tarefas desse cotidiano.

Enquanto estávamos sentadas à mesa, em uma conversa que duraria quatro horas,

muitos haitianos passavam por ela e a cumprimentavam. Quem não a conhecia era apresentado a ela de forma demorada, e nessas conversas frisavam-se muito as qualidades do haitiano que acabara de chegar no Brasil e sua intenção de conseguir um emprego logo. Luíza então marcava o telefone de contato do haitiano que estava junto do recém-chegado e um dia em sua pequena agenda, pois iriam procurar algo para essa pessoa. Isso ocorreu duas vezes.

Encontramos, porém, bem mais que duas duplas de haitianos. Luíza me explicou que nessa semana muitos viriam para o shopping, pois havia passado o dia de pagamento e a única Western Union que possuíam na cidade ficava no local e esse era o meio dos haitianos enviarem o dinheiro que haviam guardado para suas famílias que estavam no Haiti. Conheci Luíza não em uma ONG, nem em uma página de *Facebook*, mas através de meu pai. Ele trabalha como gerente de Tecnologia da Informação na cooperativa Veilling de Holambra e Luíza é compradora de flores do mesmo local, atuando como representante de alguns supermercados da região.

De acordo com meu pai, Luíza é uma pessoa que acredita muito na causa que adotou, por isso não hesita em pedir ajuda àqueles que talvez possam ajudá-la. Foi dessa maneira que ela entrou em contato com meu pai, perguntando como ele poderia ajudar os haitianos que estavam no interior de São Paulo, considerando doações de moveis, comida, roupas, cobertores e inclusive com possíveis emprego e moradia para estes. Meu pai pensou em algumas possibilidades, mas a mais interessante delas foi a de me apresentar a Luíza.

Como dito anteriormente, ela foi apresentada a mim como uma compradora e vendedora de flores para supermercados. No nosso encontro, ela disse que gostava de castanhas, e com a expertise no mercado de flores, começou um negócio em que compraria as castanhas do produtor e revenderia para os mercados com os quais já trabalhava. Luíza fez um primeiro teste, com um lote pequeno, que deu certo, então tentou uma segunda vez, com um pedido muito maior. Ela procurou na internet e encontrou um site de uma "cooperativa" no Acre, tendo investido 40 mil reais nessa empreitada, descobrindo pouco tempo depois que foi enganada. No momento em que descobriu que seu dinheiro havia sido roubado, Luíza fez um boletim de ocorrência, e o caso foi designado para um município do Acre (entre Brasileia e Rio Branco). Meses se passaram, (era o final de 2011) quando Luíza percebeu que seu caso não se resolvia. Ela então que fez uma viagem até a cidade para qual seu boletim de ocorrência havia sido encaminhado

para ver o que estava acontecendo. Ela descreveu uma delegacia lotada, com muito movimento e homens negros. O delegado explicara a ela que devido à essa chegada repentina centenas de haitianos, o caso dela dificilmente se tornaria prioridade. Essa foi a primeira vez que ela teve contato com a migração dos haitianos para o Brasil.

De volta à Santa Barbara d'Oeste, Luíza pensou "ninguém em São Paulo sabe sobre isso". O tema passou a ser recorrente em sua casa. A empatia não foi muito difícil de se estabelecer entre os haitianos, seu ex-marido (que vivia em sua casa) e seu filho mais velho, pois ambos também haviam sido migrantes no Japão²⁰.

O ex-marido de Luíza era descendente de japoneses, assim como seu filho. Quando o segundo completou dezoito anos de idade, os dois seguiram para o Japão e sua promessa de prosperidade. Luíza conta que seu “coração de mãe” sempre se apertava ao pensar em Luan, seu filho, que mal sabia a língua do país para onde iria, e questões do tipo *Como ele se viraria lá? Aonde dormiria? Teria comida? Saberia comprar a própria comida?* passavam pela cabeça de Luíza. No entanto, Luan foi recebido por uma comitiva de voluntários que auxiliavam a empresa na recepção dos “japoneses” que nasceram e cresceram em outras nacionalidades. Tanto o jovem como seu pai receberam todo apoio de que precisavam para se estabelecerem com segurança e razoável conforto no país que os recebia para o trabalho. Luíza sempre diz que agradecia muito às *baa-chan*, termo japonês carinhoso para falar sobre avós ou senhoras mais velhas, que cuidaram do seu filho.

Luíza, sempre pensava nas mães dos imigrantes haitianos ao se deparar com a sua situação nas fronteiras brasileiras. Esses imigrantes sem documentação, sem casa, sem emprego, sem ter onde dormir e o que comer tinham mães, que assim como ela, torciam para o sucesso de seus filhos que foram tentar melhores chances em outro país. “Só que eu tive a sorte do meu filho ter sido muito bem recebido, elas não. Eu tinha que fazer algo por essas pessoas e por essas mães”, afirmou Luíza em nossa primeira conversa.

²⁰ Como traz Kebbe (2014), com a necessidade de mão de obra nas indústrias nipônicas no fim do século passado, o governo japonês abriu suas portas à imigração de trabalhadores para especificamente ocuparem nas indústrias os cargos conhecidos como 3K – *kitanai*, *kiken* e *kitsui* - sujo, difícil, perigoso - (Oliveira 1997, 1999). Esse processo teve início em meados dos anos 1980, selecionando através de dispositivos legais os *Nikkei*, descendentes de japoneses. Como a constituição japonesa confere nacionalidade japonesa pelo sangue, através de um “cálculo *nikkei*”, os descendentes de japoneses nascidos fora do Japão seriam incorporados de maneira menos problemática à sociedade japonesa (Tsuda 2000) enquanto mão de obra para postos específicos. Essa abertura à imigração, coincide à recessão econômica brasileira no mesmo período, ofereceria à “comunidade *nikkei*” no Brasil uma oportunidade para conseguir melhores condições de vida que aqui não eram possíveis. A mudança para o Japão garantiria um retorno financeiro capaz de permitir o acesso a melhor segurança, educação, serviços de saúde e bens materiais, antes indisponíveis no Brasil.

Algumas semanas após ficar a par dos acontecimentos nas fronteiras do norte do Brasil, através de reportagens da mídia digital, o único funcionário de Luíza "se deu férias", deixando ela sozinha para carregar e descarregar caixas de flores do Veilling para os supermercados. Luíza resolveu que iria para Brasileia contratar um haitiano como seu ajudante. Enquanto planejava a viagem, ela entrou em contato com o dono de uma das redes de supermercado da região para o qual ela fornecia flores. Ela contou a ele, de forma breve, sobre a situação dos haitianos no Brasil e disse que iria para Brasileia tentar contratar um deles para trabalhar para ela e se ele, como dono de uma rede de supermercados, poderia oferecer algumas vagas para estas pessoas que precisavam de emprego. Ele disse que ela poderia procurar por seis pessoas que tivessem interesse em trabalhar no mercado de Nova Odessa, pois lá ele teria também condições de conseguir moradia com uma maior facilidade.

Luíza seguiu para Brasileia, no início de 2012. Assim como outros empresários, Luíza se estabeleceu em uma pousada e ficou sabendo lá que a contratação de haitianos era feita na praça, frente à Igreja Matriz de Tabatinga. A praça, melhor descrita por Handerson (2015), era o segundo lugar mais frequentado pelos haitianos, depois da Igreja do Espírito Santo, onde se encontravam diariamente. Na praça Luíza conheceu Djala. Em espanhol, que Luíza compreendia com dificuldade, o jovem contou que havia se casado e logo em seguida rumou para o Brasil. Ele queria ter condições de se estabelecer no país e trazer sua esposa que ficara no Haiti. A brasileira quis então contratá-lo, mas Djala a desencorajou a contratar um único haitiano para viver só em Santa Barbara d'Oeste sem que tivesse outros conterrâneos para dividir o cotidiano em uma cidade que não conhecia. Desistindo da contratação de um funcionário para trabalhar para ela, e junto de Djala, Luíza procurou mais cinco haitianos para trabalharem no supermercado de Nova Odessa. Estando pronta a lista, Luíza conta que esses haitianos a seguiam na praça e em outros lugares de Brasileia, com medo de que ela trocasse os seus nomes na lista.

No segundo dia, Luíza retornou à praça central para confirmar a contratação dos haitianos com Damião, homem descrito por ela como um "herói", pois era ele que "cuidava" dos haitianos e os ajudava a chegar aos seus destinos. Nesse segundo dia, com a lista dos seis já fechada, Luíza foi abordada por Leonard, que começou a falar em inglês com ela. Sem compreender o idioma, o haitiano trouxe um outro colega da mesma nacionalidade, que Luíza veio a saber que era o primo de Leonard, para falar com a

brasileira em espanhol. Jean, primo de Leonard, pediu para que a brasileira levasse eles e mais dois amigos para onde quer que ela fosse. Segundo Luíza o pedido a marcou profundamente, pois aqueles haitianos não a conheciam, não faziam ideia se era uma pessoa boa, se lhes ajudaria de fato ou se os enganaria e os exploraria. Com medo de que o desespero e ansiedade deles os levassem a procurar uma outra pessoa com más intenções, Luíza se dispôs a ajuda-los. Assim, foi montada a primeira casa de haitianos da rede que tem Luíza como *broker ou intermediária cultural*, na rua Recife, 686, no município de Santa Barbara d'Oeste. Os quatro haitianos que viriam a trabalhar no mercado foram, em agosto de 2015, os primeiros a escolherem essa cidade como destino. Hoje, até minha última contagem, a rede é composta por volta de 150 deles.

1.3 Santa Barbara d'Oeste

Esta é uma cidade brasileira no interior do estado de São Paulo, pertencente a mesorregião e microrregião de Campinas, que se localiza a noroeste da capital do estado. O município ocupa uma área de 271,492 km², sendo que 82 km² estão em perímetro urbano, e sua população em 2010 foi contada em 180.148 habitantes, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Sua fundação é considerada como ocorrida em 1818, visto que este foi ano em que foi construída a igreja matriz local. Margarida da Graça Martins foi considerada a fundadora da cidade, por ter doado o terreno para a construção da matriz, sendo assim o primeiro município brasileiro fundado por uma mulher. A cidade também é considerada como o berço da indústria automobilística no Brasil, uma vez que foi a responsável pela produção do primeiro automóvel do Brasil.

A característica mais marcante de Santa Barbara d'Oeste é o fato da primeira população que formou a cidade como tal ter sido de imigrantes americanos, diferente de outras cidades paulistas conhecidas pelas imigrações portuguesa e italiana. Tais imigrantes americanos vieram para o Brasil para se refugiarem das lavouras abandonadas ou destruídas e da economia e produção totalmente desarticuladas que transformaram o Sul após a Guerra de Secessão num cenário de desolação e privações. O Museu da Imigração de Santa Barbara d'Oeste abriga hoje artefatos históricos da cidade, como objetos da bagagem como objetos de uso pessoal, recordações de família, utensílios domésticos, peças de mobiliário, ferramentas e instrumentos de trabalho, arados, armas, as bíblias familiares, que contam um pouco da história desses imigrantes.

Terminada a guerra, o Sul dos Estados Unidos passa a ser alvo de intensa campanha em prol da emigração. O governo brasileiro, interessado em atrair colonos americanos, conhecedores da técnica de cultivo do algodão, instalou um escritório em Nova York, destinado ao agenciamento de emigrantes para o Brasil. Em um curto espaço de tempo, os portos de Galveston, Mobile, Nova Orleans, Charleston, Newport News, Nova York, Boston, Baltimore e outros menores, passam a receber grande contingente de emigrantes que deixavam os Estados Unidos para se estabelecerem em outras terras. Até 1867, cerca de dez mil sulistas haviam abandonado o país, destes, aproximadamente 2.700 se dirigiram para o Brasil, e São Paulo receberia aproximadamente 800 desses americanos. Em 1866 os primeiros americanos se fixaram em território martinense, estabelecendo-se em terras da fazenda Machadinho. Aos poucos, novos imigrantes vão adensando a população americana da região. Os recursos locais eram poucos e a maioria dos americanos não possuía reservas significativas em dinheiro e tudo estava por ser feito. O trabalho era realizado pelo esforço conjunto da família. Era preciso construir casas, abrir picadas meio as matas, fazer estradas e preparar a terra para o plantio. Aqueles que trouxeram consigo algum capital, adquiriram terras logo na chegada. Outros vendiam sua força de trabalho e conhecimentos técnicos para os grandes fazendeiros da região até acumularem capital suficiente para se estabelecerem por conta própria. A comunicação com outros moradores não pertencentes ao grupo era difícil devido às barreiras impostas pela língua e também pela prática de uma religião protestante.

No início, não havia espaços onde esses imigrantes pudessem se encontrar e praticar

a sua religião, mas isso não impedia que a tradição dos cultos se realizasse sempre que houvesse pastor disponível. Marcada a visita do pastor, os homens procuravam um lugar adequado, roçavam uma clareira, próxima a algum riacho e sob arvores e lá faziam seu culto. Esses encontros eram marcados pelo comparecimento de todos os imigrantes americanos, não importando se eram presbiterianos ou batistas.

Com o passar do tempo, resolvidas as questões relativas ao cotidiano na nova terra e à moradia, a comunidade se mobiliza para a construção da primeira capela protestante de Santa Barbara d'Oeste e o local escolhido foi o Campo que passa a ser local de culto e o cemitério dos americanos.

Desde os primeiros tempos da colonização brasileira, os cemitérios estiveram sob

a administração da Igreja Católica, que proibia o sepultamento em “campo santo” de negros escravizados e não católicos. Por volta de 1868-1869, falece a esposa do Cel. Thompson Oliver, imigrante americano estabelecido com propriedade nas proximidades do bairro do Campo.

Diante da recusa da Igreja de Santa Barbara d’Oeste em autorizar o sepultamento de sua esposa no cemitério local, o Coronel Oliver, seguindo um velho costume do Sul rural dos Estados Unidos, elege um local de sua propriedade para dar sepultura ao corpo de sua esposa. No ano seguinte, enterraria uma filha no mesmo local. A partir de então, os americanos residentes em

Santa Barbara d’Oeste e nas proximidades passam a enterrar no Campo os restos mortais de seus entes queridos. Atualmente, a cidade realiza anualmente a Festa da Imigração, a Feira das Nações e a Festa Confederada Brasil-Estados Unidos. Estas festas são dadas no Cemitério do Campo, mais conhecido por "Cemitério dos Americanos", que é administrado pela Fraternidade de Descendência Americana, entidade que promove reuniões e eventos periódicos no local para preservar as tradições e costumes dos imigrantes estadunidenses.

Luíza é descendente dos fundadores americanos da cidade. De origem humilde, nascida área rural, falava que não tinha vergonha em pedir ajuda pelos outros, mas tinha vergonha em pedir ajuda para si. Ela instalou e pagou com seu próprio dinheiro Leonard, Jean, Edson e Gerard, os quatro haitianos que conheceu em Brasileia, em uma pousada simples do centro da cidade e saiu a procurar ajuda em vários locais que sabia que poderia obtê-la. Da prefeitura, em um primeiro momento, conseguiu cestas básicas para atender a demanda imediata dos haitianos. Ela também entrou em contato com o pastor da Igreja Presbiteriana da cidade. Ele, como ela se diverte ao contar, a compreendeu como uma “boa samaritana” e então facilitou a documentação para que os haitianos conseguissem alugar uma casa que o pastor possuía na periferia de Santa Barbara d’Oeste. Ela seguiu procurando por emprego para os quatro haitianos. Luíza procurou estabelecer uma rede de ajuda aos haitianos e a partir dela se formou a maior rede de haitianos dessa cidade.

Para compreender a ideia de rede na Antropologia Social, pensando na

conformação do grupo de haitianos, estabelece-se o diálogo com Boissevain (2010:1974) e Barnes (2010:1969). Para Barnes (175/176), a noção de rede social que se produzia na disciplina tinha em vista a análise e a descrição dos processos sociais que envolvessem conexões que transpassam os limites de grupos e categorias. O conceito de rede social, assim, seria apropriado em situações em que grupos persistentes que ainda não estão formados ou estão em situações em que indivíduos são continuamente requisitados a escolher sobre quem procurar para obter liderança, ajuda, informação e orientação.

Segundo Boissevain (2010:1974 - 208 /214), a diferença é somente de grau, pois todos acabam por problemas a serem resolvidos via amigos e amigos de amigos, que muitas vezes acabam por formar alianças temporárias. Em sua discussão, ao autor avalia como as relações interpessoais são estruturadas e influenciadas, no modo como indivíduos – vistos como empreendedores sociais – procuram manipula-las para atingir metas e resolver problemas, e na organização e no dinamismo das coalizões que constroem para atingir seus fins. Ao longo da discussão, o antropólogo enfatiza, de propósito, a noção de que os indivíduos escolhem entre séries de alternativas socialmente legítimas, ainda que agindo primordialmente de acordo com o que consideram melhor para eles, em vez de agirem de acordo com o que é melhor para seus vizinhos, seus grupos ou sua sociedade. Ou seja, além de motivos pragmáticos, uma pessoa também age de acordo com valores que são importantes para si, uma vez que ela faz parte de certos grupos e participa de atividades institucionalizadas com valores próprios a que se subscreve.

Sendo assim, a escolha de traçar redes egocêntricas (BARNES, 2010 (1969); HANNERZ, 2015), ou seja, ancorando-as em um ponto particular na estrutura dos relacionamentos sociais, tal como traçar a rede a partir de Luíza, não significa que se deve tratá-la como uma liderança ou alguém que falava pelos haitianos. Luíza tinha grande acesso ao cotidiano dos haitianos, assim como tinha o contato e a expertise para viver no Brasil, portanto era estratégico tanto brasileiros com interesse em contatar ou contratar haitianos acionarem Luíza, como aos haitianos que eram, por exemplo, apresentados a ela no shopping, passarem a fazer parte de sua rede de contatos.



Figura 2 Trajetos dos Haitianos ao Brasil

1.4 Rede de Mercina

Luíza continuou a procurar ajuda para os quatro haitianos que passaram a viver em Santa Barbara d'Oeste. Como Leonard tinha grande domínio do inglês por ter nascido nas Bahamas, país com grande população de migrantes haitianos que tem como língua mãe o idioma anglo-saxão, foi contratado para ser professor em uma escola línguas onde lecionava para cursos avançados. Gerard, um homem um pouco mais velho que os outros três, trabalhava em um pequeno restaurante em Gonaives. Pensando em uma possível promoção no ramo alimentício, Luíza conseguiu um emprego para ele como auxiliar de cozinha. Jean e Edson, mais jovens e com pouca experiência profissional, foram contratados por uma empresa que fazia móveis no município. Já estabelecidos e empregados, esses quatro haitianos começaram a acionar seus amigos e parentes que estavam em diferentes lugares do trajeto entre Haiti e

Brasil para se instalarem na cidade de Santa Barbara d'Oeste.

Jean havia passado para seu primo Misson, também de Gonaives, o trajeto, os

valores que gastaria e o seu novo número do Brasil enquanto este estava no Panamá. Do Panamá, Misson seguiu para o Peru, que no princípio do ano de 2012, ainda era o lugar mais difícil de se atravessar até a chegada na cidade fronteiriça de Brasileia. Lá ele contratou um atravessador nativo que o levaria junto com um grupo de haitianos até o seu destino: Brasil. Nesse grupo haviam outros nove homens haitianos, de várias partes do Haiti, e duas mulheres. Uma mais velha, Nemorin e sua sobrinha Cat. As duas eram de Cayes, uma região que tem um papel importante na indústria haitiana de turismo. Nemorin trabalhava com turismo e Cat acabara de terminar seu curso na área de administração. Sem grandes esperanças de crescimento profissional na região, as duas decidiram vir para o Brasil para conseguirem trabalhar e estudar.

Sem terem ninguém que já tivesse vindo para o país e somente com o dinheiro que haviam juntado mais uma noção do trajeto que seus conterrâneos haviam lhe passado, Nemorin e Cat seguiram atravessando diversas fronteiras acompanhadas por vários haitianos, em sua grande maioria homens. No entanto nenhuma situação foi tão assustadora quanto passar pelo Peru, lugar onde encontraram Misson. Cat narra que se deu conta do medo que tinha de toda situação quando ela e sua tia estavam em uma casa, de um único cômodo, no meio do nada, onde os atravessadores peruanos deixaram os haitianos passando a noite antes de seguirem viagem no dia seguinte. Eram só as duas mulheres em meio a dez homens desconhecidos. Cat começou a chorar muito no desespero que estes homens lhe fizessem mal. Misson, entendendo o motivo do nervosismo da moça, sentou-se ao seu lado e disse que a protegeria de qualquer um que tivesse a intenção de fazer algo com ela.

Cat confiou em Misson e seguiu a viagem próxima ao rapaz. Chegando na fronteira, Misson deu a ela o número de celular de seu primo, pois seguiria para a cidade onde este se instalara. Misson falou que, se Cat precisasse de qualquer coisa, ele estaria em Santa Barbara d'Oeste, onde havia uma mulher muito boa que estava ajudando os haitianos e pediu para avisá-lo quando a moça e sua tia tivessem um destino. Misson seguiu viagem para São Paulo e Cat e Nemorin ficaram mais alguns dias em Brasileia. Lá conheceram outras mulheres, entre elas Mercina. Mercina, também de Gonaives, estava claramente grávida, por isso não conseguira um emprego. Cat e sua tia também não haviam conseguido nada nos poucos dias que ficaram na cidade fronteiriça e isso estava preocupando-as. Mercina perguntou se as duas mulheres não tinham nenhum contato no Brasil, pois ela afirmou que tinha dinheiro de sua casa – mostroulhes o documento do

imóvel - para pagar uma casa e seus moveis, só precisava saber se havia algum lugar seguro onde pudesse se instalar para ter seu bebê e arranjar um trabalho.

Cat emprestou o celular de uma outra haitiana, colocou crédito nele e ligou para Jean, em um momento em que Misson não estava por perto, para falar que tinha conseguido a ajuda de uma amiga e que ela, sua tia e a amiga estavam seguindo para Santa Barbara d'Oeste. Nesse momento, a casa em que antes só moravam os quatro haitianos, já contava com sete residentes – Leonard, Jean, Edson, Gerard, Misson, Aude e Steven. Mas como ela era uma conhecida de Misson, Jean deu-lhe as instruções para chegar em Santa Barbara d'Oeste.

Cat e Nemorin, bancadas por Mercina, chegaram a Campinas. Jean e Misson receberam-nas na rodoviária e de lá seguiram em um ônibus intermunicipal para Santa Barbara d'Oeste. Chegaram na casa, já apertada, pois mais um colega haitiano, Wilson, havia se instalado a poucos dias na cidade. Cat falou que não os deixariam desconfortáveis por muito tempo, pois ela, sua tia e Mercina arranjariam logo um lugar para morar, porque Mercina tinha dinheiro para financiar as três nos próximos meses enquanto elas ainda não tivessem dinheiro para o aluguel.

Foi nessa conversa que a verdade veio à tona: Mercina realmente tinha uma casa em que viviam seus quatro filhos mais velhos e sua irmã que cuidava deles. Por essa razão, não tinha dinheiro algum de aluguel para financiar a estadia das três nos próximos meses. Segundo Cat, ela ficou muito brava com a situação. Como Mercina podia tê-las enganado daquela maneira? Como poderia ser tão egoísta? Mas soube através de fofocas, que Mercina teria chorado e que não havia pensado em outra coisa senão no bebê que carregava. Cat teria consigo a única chance de Mercina sair de Brasileia e ter sua filha em um lugar melhor.

Jean e Misson, com o auxílio de Luíza, já tinham procurado anteriormente um novo lugar para morar. Aceleraram o processo, e se mudaram na mesma semana junto de Cat e Nemorin, que foram apresentadas a Luíza como amigas de Misson. Quando o trabalho de campo estava sendo feito no ano de 2015, Nemorin, Cat e Misson dividiam uma casa. Cat e Misson se tornaram um casal e estavam esperando seu primeiro filho. Mercina continuou vivendo com os outros seis haitianos que a acolheram sem dizer nada a Luíza com medo do julgamento que a brasileira fizesse da moça. No entanto, não conseguiram esconder o fato de uma mulher, grávida, estar morando na casa deles.

O encontro com Mercina foi narrado pela brasileira em nossa primeira conversa. Luíza fazia visitas semanais às casas que se estabeleciam na periferia de Santa Barbara d'Oeste sem avisar aos haitianos previamente. Como sabia que Wilson ainda estava sem emprego, foi visita-lo para ver se sua documentação estava em ordem e se ele já havia ido a algum lugar procurando emprego.

Luíza tinha ficado surpresa em ter que lidar, em menos de um mês, com quase uma dúzia de haitianos em Santa Barbara d'Oeste. Ela havia organizado sua semana, de maneira que, nas terças, quintas e sábados ela ficava por conta de procurar casa, cestas básicas, trabalho, ajudar a enviar a remessa – daqueles que haviam chegado a mais tempo. Mas o que realmente a deixou surpresa foi quando, ao bater palmas e ninguém atender, ela entrou pelo portão destrancado – sinal de que havia pessoas na casa – e ao passar pelo corredor lateral que ligava ao quintal, encontrar lá uma mulher, claramente grávida, lavando uma porção de calças jeans, na mão, em uma grande bacia de plástico. Quando a viu, a mulher, Mercina, correu para dentro da casa, deixando sua tarefa para trás. Luíza foi atrás e encontrou Wilson, Gerard e Aude na sala, em pé, prontos para a reação de Luíza.

Luíza pediu explicações sobre quem era a moça, ao que eles responderam que era uma amiga que eles estavam ajudando, pois ela estava grávida e não conseguiria emprego. Enquanto isso, Luíza comentou que Mercina, cuidava deles para “pagar” a sustento que eles lhe davam. Luíza ficou muito preocupada com Mercina. Se estava grávida, fazia o pré-natal? Ela era esposa ou namorada de algum deles? O que os vizinhos iriam pensar dos haitianos que ela estava ajudando? Depois de conversar com os três haitianos sobre a nova moradora da casa, Wilson chamou Mercina para conversar com Luíza. Com a intermediação de Gerard, Luíza pediu para ver a documentação de Mercina, lhe garantiu que a ajudaria a ter sua criança de uma maneira segura e que logo que ela pudesse, Luíza conseguiria um trabalho para a haitiana. Luíza fala que desde então, Mercina passou a considera-la como uma mãe adotiva.

A narrativa anterior descreve a formação da rede de contatos de Luíza. Através dela pode-se visualizar quais pessoas que informaram e trouxeram os haitianos e haitianas que se estabeleceram em Santa Barbara d'Oeste. O gráfico a seguir apresenta a rede (traçada a partir da narrativa de Luíza) que os haitianos que ela ajudou a se estabelecerem em Santa

Barbara d'Oeste teceram no acionamento de seus contatos para que seus parentes, amigos e conhecidos também se instalassem na tranquila cidade de interior de São Paulo.

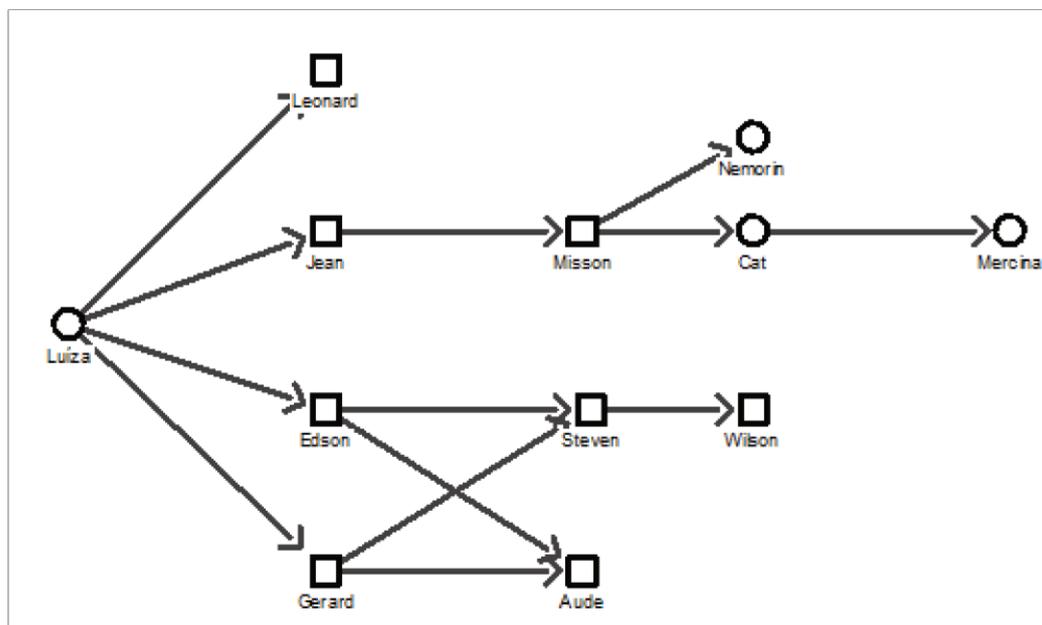


Figura 1 – Rede de Mercina

Como no caso de Aude e Steven, tanto Gerard como Edson, receberam suas ligações e deram instruções sobre os trajetos mais simples que os guiariam para a cidade onde eles se estabeleceram. Steven, durante o percurso, ajudou seu amigo Wilson a seguir para o mesmo destino. Enquanto isso, Jean ajudava seu primo Misson a percorrer o trajeto que ele havia feito. E Misson, sem ter a intenção, acabou por ajudar Nemorin e Cat a chegarem a Santa

Barbara d'Oeste. As duas vieram acompanhadas de Mercina.

Nesse primeiro momento da imigração, os haitianos acionavam suas redes de amigos e parentes para virem para o Brasil principalmente para ajuda-los com as finanças cotidianas e com administração da casa. Quando Misson estava para vir para Santa Barbara d'Oeste, seu primo já procurava outra casa para os dois com um aluguel menor e mais próxima ao local onde trabalhava. Assim, ele teria mais dinheiro para mandar para sua família no Haiti e teria mais tempo para cuidar dos afazeres da vida no Brasil. Como aconteceu com Jean, no decorrer dos meses e anos que os haitianos estavam em Santa Barbara d'Oeste, as casas se subdividiam entre aqueles que tinham mais afinidade junto a outros que os ajudariam com a administração do cotidiano e com o envio das remessas.

Em 2015, ano em que o trabalho de campo foi realizado, a rede de Mercina já havia se ampliado tanto que foi necessário limitar a rede para a análise dos dados de modo a contemplar as principais personagens desta dissertação.

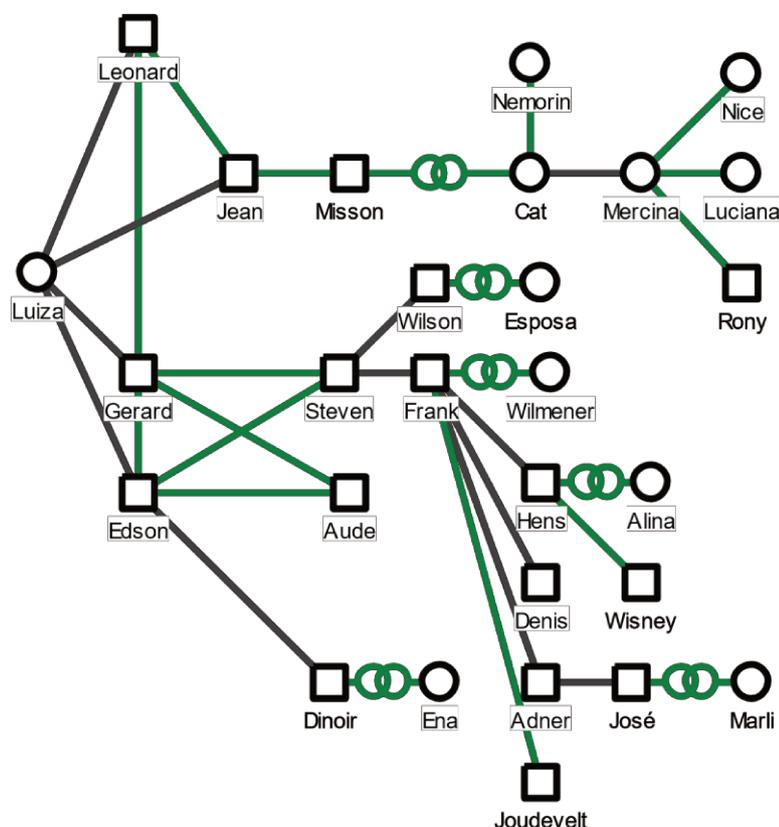


Figura 2 -Rede de Mercina – Parentesco sinalizado pelas conexões em verde; relacionamentos amorosos sinalizados com círculos contínuos; amizade sinalizada em cinza

Depois da chegada de Nemorin, Cat, Mercina e Wilson à casa alugada em Santa Barbara d’Oeste com o aluguel facilitado pelo pastor presbiteriano, ainda chegaram Frank e Dinoir, que depois seguiram a procura de outras casas com mais conforto. Alguns continuaram a dividir casa com seus companheiros até conseguirem trabalhos melhores, ou conseguirem juntar dinheiro para trazer sua esposa e filhos do Haiti.

Outros continuaram a dividir casas com seus companheiros até 2015, ano em que realizei meu trabalho de campo. Para alugar um imóvel em Santa Barbara, é necessário passar por um aparato burocrático quase intransponível até mesmo para os brasileiros. É preciso que o locatário não tenha rasuras ou débitos, estando com o “nome limpo”, além de ter um fiador. Essa pessoa deve ter uma propriedade documentada, terreno ou casa em seu nome e contas em ordem, para que seja possível alugar o imóvel. Não tendo um fiador para ajudá-lo com o processo, Jean entrara em um acordo com a imobiliária para que o

aluguel fosse facilitado caso ele deixasse um cheque de 3 mil reais ao firmarem um contrato. Esse cheque não seria devolvido e seria debitado no momento em que eles saíssem da casa. Foi assim que ele estabeleceu a primeira residência no Zabani.

Quando Frank e Dinoir chegaram, o primeiro trouxe uma rede grande de amigos e parentes haitianos que foram se instalando, primeiro na casa do amigo e, depois, procurando casas próximas para alugarem, seguindo o mesmo “esquema” que Jean fizera. Assim como Mercina, que depois de se estabelecer, e conseguir com a ajuda de Luiza um trabalho e uma escolinha para Luciana frequentar, também recebeu seus irmãos, Caleb e Nice e seu cunhado, marido da irmã que a ajudava no Haiti com seus filhos, Rony. Com isso, o bairro periférico da cidade de Santa Barbara d’Oeste foi tomando uma nova forma, tendo um novo som – que ia do reggeaton ao *konpa* -, um novo cheiro – de comidas com muito tempero – e uma nova fisionomia, negra, circulando entre os moradores da região.

1.5 Rede de Phahidra

No mesmo bairro, vivendo muito próximo aos haitianos da rede de Mercina, uma rede majoritariamente de Gonaives, havia uma casa com haitianos do Cabo Haitiano. Diferente da rede de Mercina, apresentada anteriormente, e da rede de Cláudia, que será apresentada a seguir, a rede de Phahidra, uma moça do *Kap*²¹ não teve Luíza e sim Cunha, nessa intermediação cultural. Cunha era chefe de uma construtora da região de Campinas e viu na chegada dos haitianos no Brasil uma oportunidade de contratação de um contingente maior de pedreiros, mais aplicado e que fariam jus a oportunidade de trabalho que lhes era oferecida. Então, no início de 2013, ele contratou 10 homens para a região de Santa Barbara d’Oeste, entre eles, Kendy, um jovem haitiano, o mais velho entre seus irmãos, que vivia com sua mãe e seu padrasto na República Dominicana desde que terminou a escola. Em Santo Domingo, Kendy ficou sabendo sobre o Brasil e suas oportunidades, inclusive que poderia trabalhar e estudar. Ele, seus irmãos, sua mãe e seu pai, que morava nos Estados Unidos, juntaram dinheiro para sua viagem para o Brasil.

Em Brasileia, por já possuir experiência na construção civil, logo foi contratado por Cunha, que primeiro instalou seus novos empregados em duas casas e que, como na rede de Mercina, foram se desdobrando em tantas outras. Passados alguns meses, depois que Kendy se mudara para uma nova casa, com mais dois colegas com quem tinha mais afinidade, ele mandou buscar sua irmã mais nova, Phahidra, que havia acabado de

²¹ Cabo Haitiano em crioulo haitiano.

concluir seus estudos no ensino médio em Santo Domingo. Ele e sua família concordaram que ela teria que vir para o Brasil para dar continuidade aos seus estudos e ter melhores chances de trabalho futuramente. Foi com essa expectativa que Phahidra veio para o Brasil. Mesmo que o principal motivo de sua vinda fosse para continuar seus estudos, a jovem haitiana foi em busca de oportunidades de trabalho. Com a ajuda de colegas de seu irmão, Phahidra distribuiu seu currículo no distrito industrial de

Santa Barbara d'Oeste e foi contratada por uma empresa que produzia sacolas plásticas.

Nesse emprego, Phahidra descobriu que o aprendizado do português não seria tão difícil pois ela tinha o espanhol como sua segunda língua. Phahidra ficou amiga de alguns brasileiros que trabalhavam com ela e de uma haitiana, Alina, a namorada de Hens, da rede de Mercina. Com o dinheiro que ganhava em seu trabalho, Phahidra somava a quantidade que sobrava no mês à remessa que o irmão enviava ora para a mãe ora para a avó que os criara e que residia no Haiti. A saudade de sua avó aparecia com uma certa frequência nas conversas que Phahidra tinha comigo. Mas ela não sentia só falta da figura materna com a qual crescera quando seus pais foram para a República Dominicana. Também sentia falta do *Gran Lakou* onde foi criada.

Lakou é o grupo doméstico que se caracteriza enquanto uma unidade de produção e uma unidade de reprodução, configurado de modo mais amplo em relação à vizinhança. Em sua dissertação de mestrado sobre o cultivo dos comuns da região de Milot, norte do Haiti, Rodrigo Bulamah (2013) verifica que o sistema de *lakou*, anunciado por muitos como falido devido às plantations instaladas no Haiti, ainda tem grande importância no cotidiano dos haitianos que vivem no interior do país. Ao se defrontar com essa configuração de casas pela primeira vez, ele questionou seus interlocutores sobre como eram denominadas. Com certa naturalidade, disseram ser aquilo um *lakou*. O antropólogo descreve que conteve a surpresa e ao ver que o *lakou*, distante nas bibliografias no tempo e no espaço, começava a se fazer cada vez mais presente conforme adentrava os povoados distantes do burgo que conhecia. A partir dessa experiência em campo e das análises sobre o parentesco nas diferentes regiões do Haiti (Herskovits, 2007 [1937]; Bastien, 1951; R. Métraux, 1951; Romain, 1959; Lowenthal, 1987; Woodson, 1990), Bulamah defini o *lakou* como um grupo doméstico estruturado por algumas características principais. Dentre estas, estão, de um lado, um conjunto de relações de parentesco transmitidas e praticadas, e, de outro, relações econômicas de produção, distribuição e troca. Nesse

sentido, o *lakou* se configura, como unidade de reprodução familiar ao mesmo tempo em que se estabelece enquanto uma unidade de produção.

Bulamah ancora sua afirmação sobre o *lakou* apresentar algumas características do modo de produção doméstico, a partir definição de Marshall Sahlins. Em *Stone Age Economics* (Sahlins, 2004 [1974]), o autor analisa os modos de produção, distribuição e troca em sociedades primitivas e sua organização em torno do parentesco, no qual o econômico é estabelecido “como uma modalidade do familiar [intimate].” (: 77). No caso estudado por Bulamah, isso é bastante evidente quando notamos que um *lakou* é composto por unidades de residência e pelos terrenos de produção, em torno dos quais co-residência, comensalidade e cooperação, de um lado, se complementam a formas de produção, distribuição, reciprocidade e comércio, de outro. Nesse sentido, quando pensamos sobre do *lakou* haitiano, talvez tenha sido precipitado o anúncio de sua falência. Mesmo frente as mudanças na organização dos grupos domésticos, as formas de relacionar-se e os laços de parentesco continuam operando de modo notável. Desse modo, pensar o *lakou* é levar em conta também a movimentação de pessoas e suas formas de interações com a terra, com seus parentes, com o capital e com uma situação política e histórica particular.

Phahidra descreve o *Gran Lakou* onde cresceu, localizado em Limonade, como um grande quintal, onde a casa de sua avó era a principal do terreno e que haviam mais cinco casas, duas delas pertencentes aos seus tios-avôs, e três delas de seus tios. Nesse quintal havia mangueiras de diversos tipos, além de árvores de frutas variadas, dentre elas a fruta pão. Havia também neste quintal uma plantação, cultivada e cuidada por todos os residentes do *lakou*, que produzia os alimentos para as seis casas e para as demais pessoas que circulavam pelo quintal.

Phahidra e seus irmãos contam que o *lakou* sempre estava cheio, pois era muito grande e muitas pessoas da cidade frequentavam o lugar, que havia sempre amigos, parentes, crianças, jovens, adultos e idosos indo conversar com alguém que residia no *lakou*, jogando, brincando, ajudando com a plantação, comendo, e, por fim, participando da criação e da educação dos quatro irmãos.

Esse espaço de vivência e convivência foi extremamente relevante para a configuração da rede de Phahidra no Brasil pois, depois dela se instalar na cidade, outras pessoas, que participaram de sua educação, amigos que frequentavam ou moravam no *lakou*, também vieram para o Brasil. Dentre eles sua prima Giralda, que fora criada com eles no quintal, e as amigas da família Santana, Katia e Rose. Enquanto Giralda e Santana

estavam a caminho para o Brasil, Phahidra e Kendy encontraram uma casa, na mesma rua da casa de Mercina, onde as cinco mulheres poderiam se instalar. Wesley, o segundo irmão de Phahidra, havia chegado a pouco tempo e iria dividir o quarto que a irmã dividira com Kenzo. Phahidra foi morar com Giralda, Santana, e em poucas semanas, também com Katia e Rose. Enquanto o trabalho de campo era realizado, o marido de Santana, um amigo de Giralda e o terceiro irmão mais velho de Phahidra, Cliforde, também foram morar na casa, que acabou por se desmembrar até o final do trabalho de campo em Santa Barbara d'Oeste.

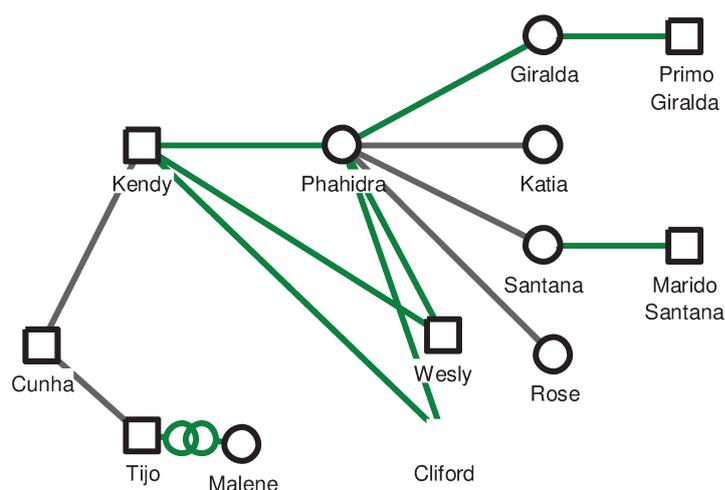


Figura 3 - Rede de Phahidra

Assim como o *lakou* de sua avó, durante os finais de semana, essa casa, nomeada nos diários de campo como casa do *Kap*, estava sempre cheia, com muitos amigos que vinham de outros bairros de Santa Barbara d'Oeste ou moradores do *Zabani* e que circulavam entre as casas da região para ver companheiros de trabalho conterrâneos de sua cidade, ouvirem música, cortar e trançar cabelos, cozinhar e comer comidas do Haiti, jogarem jogos de tabuleiro, emprestar tablets e notebooks para reverem seus famílias, aproveitando o descanso que o final da semana proporcionava depois de seguidos dias de um cansativo e precário trabalho.

Além disso, Phahidra tinha um papel muito importante entre os haitianos de Santa Barbara d'Oeste. Por trabalhar a noite, tinha suas manhãs e suas tardes livre, e por dominar a língua portuguesa, ela era muito requisitada para ajudar a entregar currículos, e acompanhar os haitianos em suas entrevistas de emprego. Sendo assim, Phahidra acabou por ocupar o papel de intermediária cultural desses haitianos.

Assim como no trabalho de Feldman-Bianco (1997), em que a antropóloga trabalha

com mulheres que foram muito jovens de Portugal para os Estados Unidos, essas mulheres acabam tendo um rápido domínio do novo idioma e dos tramites culturais necessários para obterem melhor qualidade de vida no país em que se estabeleceram. Phahidra também tem seu status alterado por sua capacidade de entender as lógicas de duas culturas distintas. Sendo assim, ao invés de ser somente uma jovem do interior rural do Haiti, ela era uma pessoa muito disputada e requisitada entre os haitianos. Essa mudança de status ficou muito clara na ocasião de seu aniversário. Diferente de tantas outras comemorações haitianas em que um círculo muito restrito de pessoas se fazia presente, no aniversário de Phahidra pude contar mais de sessenta haitianos e seis brasileiros que circulavam, dançavam, comiam e cantavam junto da aniversariante.



Figura 4 – Aniversário de Phahidra

1.6 Rede de Claudia

O contato com as irmãs Rozier foi feito através de Luíza, que também operou como *broker* para as duas irmãs. Luíza havia conhecido o irmão delas, Luk, enquanto estava em São Paulo para ter mais informações sobre os direitos dos haitianos no Brasil. Luíza ficou muito amiga de Luk. Segundo ela, o moço da capital conversava sobre os haitianos, suas diferenças culturais de região para região, sobre a situação política e econômica do país caribenho e principalmente sobre a *diáspora*. Com ele, tirava dúvidas de alguns momentos de estranhamento que tinha tido no convívio com os haitianos já instalados em Santa Barbara d'Oeste. Luk, por sua vez, ficou muito feliz de conhecer uma brasileira que se dedicava tanto aos imigrantes que mal conhecia, por isso, pediu a ela que cuidasse de suas irmãs, que por hora residiam, desempregadas, em um município no interior da Bahia.

Luk não tinha problema de ter suas irmãs por perto, mas pensava que a cidade de São Paulo era muito agitada e caótica para suas irmãs. Por isso, um município mais tranquilo no interior do estado possibilitaria tanto a eles ficarem perto uns dos outros quanto uma vida mais próxima à que as irmãs tinham no Haiti.

Pelas conversas com Luíza e posteriormente com Claudia, ficou claro que toda movimentação e organização da viagem dos três irmãos de Luk passou por ele. Mais novo que Claudia e mais velho que Eloise, Luk ficou sabendo sobre o Brasil e suas possibilidades de sucesso. Eloise e Luk estavam desempregados no Haiti e contavam com grande ajuda de Claudia e de seus pais e irmãos mais velhos (eles somam nove irmãos, mas os outros cinco tem uma grande diferença de idade) para sustentarem sua vida e seu estudo. Inclusive, Claudia dizia com orgulho que, graças ao seu trabalho no banco, foi possível cobrir as despesas incorridas com o casamento de Luk e os estudos no ensino superior de Eloise. No entanto, o rapaz haitiano, após seu casamento, precisava sustentar sua nova família e, por isso, migrar para o Brasil parecia ser uma excelente oportunidade apresentada por um amigo que estava também a caminho.

Eloise não demorou a se convencer, mas os dois queriam muito que sua irmã também viesse. Claudia ficou muito preocupada em deixar um emprego estável, sua casa própria e sua mãe, por quem era responsável, para trás, mas deixar seus irmãos sozinhos também não foi uma opção. Luk disse que, com a experiência que Claudia tinha, não seria difícil dela conseguir um trabalho em um banco, inclusive com melhor salário. Ela então decidiu acompanhar os irmãos na *diáspora*. Seu namorado ficou muito bravo com a decisão e terminou a relação que os dois tinham há mais de dez anos. O irmão que morava nos Estados Unidos também não gostou da ideia, pois confiava a Claudia os cuidados de sua mãe, já muito velha. Os únicos a apoiarem a decisão foram Zaque, o irmão Rozier mais novo e sua mãe.

Era março de 2014 quando Luk saiu do Haiti. Ele viria antes para verificar a rota e Eloise e Claudia o seguiriam. Do Haiti foram para a República Dominicana, onde as duas irmãs, ao segui-lo, passaram um mês sem fazer nada, pois, segundo Claudia, o ambiente hostil entre haitianos e dominicanos não ajudava as irmãs a tentarem conseguir um trabalho para que se mantivessem no país. Enquanto estavam lá, Luk foi para o Equador, lugar onde os irmãos permaneceriam 3 meses até conseguirem os vistos que facilitariam o pedido de documentação no Brasil. Luk chegou a receber as irmãs no Equador, mas ao perceber que o dinheiro que tinha separado para a viagem estava

acabando, preferiu seguir viagem para o Peru. Claudia e Eloise também não conseguiram ficar os três meses ao qual tinham se proposto e seguiram novamente o irmão.

Claudia e Eloise afirmam que essas duas fases da viagem foram muito ruins, mas com toda certeza a pior e a mais arriscada foi a travessia de ônibus pelo Peru. Claudia afirmou que o fato de elas serem duas mulheres solitárias atravessando o país deixou tudo pior. A haitiana chegou a comprar duas facas, uma para ela e outra para irmã, pelo medo de uma tentativa de estupro ou assalto.

No total foram quatro ônibus que o irmão as instruiu a pegar. No caminho, a polícia peruana fez várias paradas em que tiravam todo dinheiro dos haitianos, incluindo o dinheiro escondido em meias e roupas íntimas. Claudia conta, com certo orgulho, que quando foram revista-la, o pouco de dinheiro que ainda tinha para viagem estava em seu sutiã, mas no momento em que o policial peruano encostou no seu seio, a haitiana, que possui um domínio razoável de espanhol, começou a brigar com ele na língua, pois era uma moça de respeito e não deixaria que nenhum homem que não fosse seu namorado ou seu marido tocasse seu seio. Ela não sabe se foi seu tom de voz ou o fato dela saber o espanhol que impediu que o dinheiro que tinha fosse tomado. Mesmo com medo, ficou feliz de conseguir seguir viagem para o Brasil.

A chegada no Brasil foi descrita como um momento de grande alívio para as irmãs. Mesmo tendo que dormir dois dias na rua, Claudia e Eloise estavam tranquilas por chegarem no país. De Brasileia, as irmãs foram para o interior da Bahia, acreditando que trabalhariam como secretárias ou algo relacionado ao gerenciamento do hotel aonde Luk havia conseguido emprego para os três. Chegando lá, descobriram que seriam parte da equipe de limpeza do hotel. Claudia deu o seguinte relato sobre a situação: “Veja bem: eu nunca segurei uma vassoura no Haiti. Eu não sabia nem segurar uma vassoura! No Haiti eu tinha duas empregadas na minha casa e uma na casa da minha mãe!”. Os três irmãos trabalharam no hotel, insatisfeitos com seus salários e com os cargos que ocupavam durante dois meses, quando Luk, resolveu seguir para São Paulo.

Na capital paulista, o haitiano encontrou muitos de seus conterrâneos e Luíza. Luíza ajudou as irmãs a conseguirem um emprego e um lugar para ficar. Apresentou-as para os outros haitianos que conhecia e que sabia que poderia contar para o caso de uma emergência em que ela não estaria presente. No entanto, como Luíza sempre repetia, os três irmãos eram muito diferentes dos outros haitianos com quem Luíza convivia. Segundo a descrição da brasileira, quando as duas irmãs chegaram em Campinas, notava-se uma postura corporal diferente. As duas tinham duas malas cada e agiam como se

fossem donas de algo muito importante, contame a brasileira, com um riso estampado no rosto.

Nos meses que seguiram, Luíza notou que as duas irmãs não conviviam com os outros haitianos. Quando perguntei a Cláudia qual seria a razão para isso, ela falou que era diferente das pessoas do campo. Ela e seus irmãos eram da cidade, tinha hábitos diferentes, conversas diferentes, enfim, tinham pouco em comum, a não ser a nacionalidade com os outros haitianos de Santa Barbara d'Oeste. Por sua vez os haitianos de Gonaives, apresentados na rede de Mercina, falavam para Luíza que era para ela tomar cuidado com os haitianos da capital, pois esses eram espertos e se aproveitariam da boa vontade da brasileira.

Essa dualidade entre campo e cidade aparece na tese de Handerson (2015). O antropólogo descreve um país marcado desde a independência pelo dualismo *vil* (cidade) e *andeyò* (campo), refletido também nas pessoas: *nèg vil* (negro da cidade) e *nèg mòn* (negro do campo). Nesse sentido, Handerson coloca que os haitianos reproduzem em seu cotidiano a ideia defendida por alguns autores (MORAL, 1978 [1961]; BARTHÉLEMY, 1990) da existência simultânea de duas sociedades no Haiti, dois projetos distintos do mesmo país: mundo rural e urbano. Tal dicotomia está representada em diversas formas na cultura popular haitiana, uma delas por meio do *folklore* popular haitiano, através dos contos tradicionais e populares do país, a partir de duas personagens: *Bouki* e *Ti Malice*, que tem origem nas tradições orais africanas.

Segundo Handerson, os contos constituem um patrimônio de cultura oral com o nome “História de *Bouki* e *Malice*”. De acordo com os contos, *Bouki* é do campo, uma pessoa impaciente, burra, preguiçosa, fiel aos seus amigos e ama seus filhos. *Malice* é um esperto, malandro, inteligente, mentiroso e orgulhoso. Em algumas ocasiões, os nomes dessas personagens são utilizados entre os haitianos para qualificar uns aos outros de *Bouki* e *Ti Malice*.

Visto a partir dessa perspectiva, mesmo que Cláudia, Eloise e Luk ocupassem os mesmos cargos de trabalho, morassem em uma região periférica da cidade e tivessem as mesmas experiências migratórias no Brasil que os haitianos de Gonaives e do Cabo Haitiano, eles nunca seriam parte desse mesmo grupo. Para além da diferença de capital financeiro, cultural e social entre eles, a dualidade campo e cidade sempre pareceu ser mais relevante para os irmãos Rozier em relação aos outros haitianos. Isso acabou por definir a rede de contatos e a rede de ajuda das irmãs em Santa Barbara d'Oeste muito mais próxima aos brasileiros com quem conviviam do que com os haitianos. Algumas

vezes, as irmãs agiam como pessoas que falavam pelos haitianos, falando de “seu povo” para brasileiros e obtendo grande respaldo por isso, pois eram reconhecidas como parte da massa de imigrantes do Haiti, enquanto não tinham

“legitimidade” entre os haitianos para ocuparem tal espaço. Assim, quando tentavam reproduzir comunicados e explicações para os haitianos, suas falas de tornavam inaudíveis, pela falta de reconhecimento nelas como iguais.

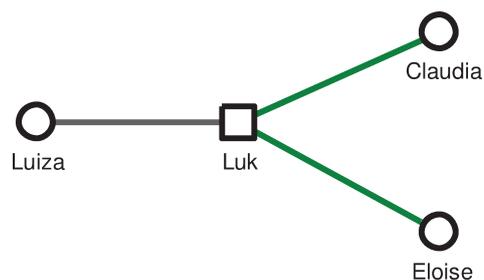


Figura 4 - Rede de Claudia

1.7 Redes de afeto

Ao analisar as três redes egocentradas traçadas acima, é possível verificar que toda imigrante que chegou em Santa Barbara d’Oeste se instalou na cidade através de um contato com algum homem haitiano com quem tinha ou não relação prévia no Haiti. Sendo assim, foi necessário traçar uma rede diferente das redes que remetem a chegada das haitianas à Santa

Barbara d’Oeste para que, durante a pesquisa, se tivesse acesso, de modo mais próximo possível, ao cotidiano das mulheres haitianas, evitando assim uma aproximação mediada e traduzida por seus maridos, companheiros, irmãos e colegas próximos. Por isso, as três personagens que dão nome e acabam por qualificar cada rede são essenciais para que se entenda como se deu a minha mobilidade enquanto pesquisadora e o processo pelos quais meus contatos no campo se estabeleceram.

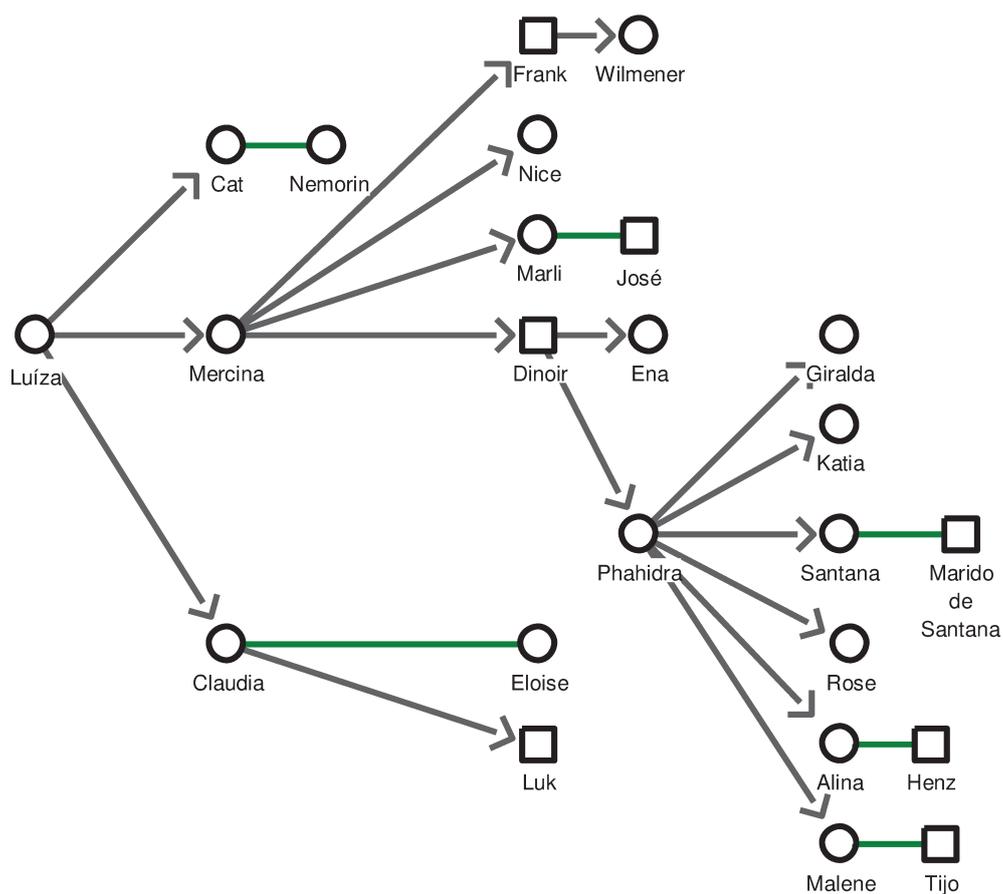


Figura 5 – Minha rede de contatos (quem me apresentou para quem)

Como mostra o gráfico acima, minha rede de contatos se inicia com Luíza. Ela, que foi-me apresentada como uma amiga, assim o faz em relação as outras haitianas. As três mulheres com quem mantive uma relação mais próxima foram Mercina, Phahidra e Claudia. Estas foram essenciais para o contato estabelecido com todas as personagens que são apresentadas na dissertação. As três tem como principal característica em comum o fato de serem solteiras e não se utilizarem da mediação masculina para se relacionar com brasileiros e com a cidade. Mercina, por mais que possua um namorado e que quando chegou teve grande ajuda de homens que vinham da mesma cidade que ela, aprendeu a lidar com a rotina sua e de sua filha a partir de Luíza. E uma vez que possuía um domínio maior do português, circulava livremente pela cidade.

Phahidra e Claudia, que vieram para o Brasil para acompanhar seus irmãos, sempre tiveram grande autonomia, visto que Luk sempre esteve distante ou um passo adiante de suas irmãs e que Phahidra e Kenzo não cumpriam os mesmos horários, tendo assim rotinas distintas. Ambas já possuíam um domínio prévio do espanhol, então o português, com a pratica diária, acabou se tornando simples para a comunicação na cidade onde viviam.

Sendo assim, com essas três mulheres eu tinha maior facilidade de comunicação, as conversas fluíam e se aprofundavam e uma grande confiança mútua se estabelecia.

Esse é um outro ponto importante nas redes que foram traçadas com os contatos em

campo: a substância dessa rede, o afeto. Nas apresentações feitas para os trâmites do trabalho, o mais relevante era que sempre se mantinha o foco no fato de que eu era amiga de Luíza (a imagem da antropóloga social fica em segundo plano após a identificação da relação com Luíza). Depois, eu era apresentada como amiga de Mercina, Phahdra e Claudia.

Sendo o afeto a substância que traçou as redes, a maior parte dos assuntos que foram

tratados em campo passavam pelo corriqueiro, pela cozinha, pelo dia-a-dia no trabalho, pelos amigos e familiares e como estes estavam; passavam pelas músicas novas, pelas palavras que haviam descoberto, pela roupa nova que haviam comprado, pelo cabelo novo que haviam adquirido de alguém que havia chegado. Dificilmente elas me pediam algo que não fosse uma carona para o shopping ou para a casa de algum outro haitiano. Raramente fui vista como uma mediadora, intermediária cultural ou alguém que conseguiria resolver um problema. Foi graças a essa configuração da rede que se formou pelo rumo das ações em que, como pesquisadora, estive envolvida, que assuntos como relacionamentos e família se desenharam nesta dissertação.

1.8 Reconfiguração da periferia de Santa Barbara d'Oeste

Ao se entrar em um bairro com muitos haitianos, o cenário muda, principalmente aos finais de semana. Em um sábado, virando a esquina de uma certa rua arborizada, vi muitos carros estacionados no meio fio e algumas crianças soltando pipa no meio da rua. Não demorou para que eu ouvisse o *konpa* tocando.

Mesmo estando próxima à esquina, eu podia ouvir a música que vinha do meio do quarteirão. Passo por um casal de negros com os cabelos trançados que seguia para o mercado e trocamos mútuos cumprimentos em sinal de reconhecimento. À medida que eu avançava pela rua, o som ia aumentando. Era possível ver algumas cadeiras na rua e nelas, alguns homens negros sentados. Ao passar por uma casa, consegui ver algo que parecia inicialmente estranho e passou a ser corriqueiro ao realizar as visitas todos os finais de semana para esses haitianos: um sofá na garagem.

Nesse sofá assim como no da casa vizinha, também na garagem, não havia ninguém

sentando. Enquanto eu passava por essa segunda casa, na qual se sabia que moravam haitianos, foi possível ouvir as gargalhadas que vinham da casa dos homens que estavam sentados na rua, que era vizinha da casa onde tocava o *konpa*.

Passo pela casa de Santana, que terminava de pendurar as calças jeans de seu marido

no varal improvisado na garagem, dando-lhe um forte abraço e dizendo em seguida que estaria ou na casa de Mercina ou na casa de Phahidra, que se ela pudesse passar mais tarde iria ser ótimo. Santana então disse que mais tarde iria na casa de Phahidra, trançar os cabelos de Katia.

“Nos vemos então”, eu disse e ela acenou com as mãos um “tchau”.

Ao longo da caminhada pela rua, noto que, ao passar na frente de uma casa para outra, a calçada se altera de uma passagem recém concretada para pedras que se assimilam às de uma calçada portuguesa com os rejuntas desgastados, culminando em um pequeno degrau para uma calçada com o pavimento todo rachado, para então dar de encontro com outra árvore da rua, ocupando um pouco mais de espaço do que deveria. Ao me aproximar dos homens que estavam sentados em suas cadeiras na calçada, noto vários rostos que não reconhecia. Um dos homens estava sentado à sombra de uma pequena árvore, enquanto Dinoir, com uma pequena lâmina de barbear, cortava o cabelo deste que permanecia sentado e um pouco calado em relação aos outros.

Ao cumprimentar Dinoir, observo que, à sua esquerda, dentro da garagem, havia mais de dez homens que se distribuíam entre dois sofás, muito gastos, e várias cadeiras de alumínio. Estes ouviam uma música diferente da que tocava na casa ao lado, que parecia ser um *reggaeton* dominicano cantado em espanhol. Dois deles jogavam damas em uma mesinha de alumínio, um pouco deteriorada pela ferrugem, que parecia ser conjunto das cadeiras, enquanto outros quatro jogavam dominó em uma mesa de compensado com o tampo de alumínio, com as folhas do compensado gasto se abrindo. Entre estes, podia-se ver Claude, marido de Santana, para quem acenei com a cabeça e do qual recebi um aceno de “olá” com as mãos. Todos os que jogavam e observavam as partidas foram cumprimentados por mim com ‘bom dia’.

Sigo e passo por três homens sentados e outros dois de pé, que conversavam com a dupla de “cabelereiro” e “cliente” que estavam embaixo da árvore. Cherry subia a escada lateral onde era a casa da garagem em que os homens jogavam. Ele vinha acompanhado

de mãos dadas com uma brasileira, branca, que eu sabia que não era sua esposa haitiana, a qual já tinha visto no *Facebook*. Quando me viu, Cherry soltou uma exclamação de felicidade e sua companheira abriu sorriso. Os dois me deram um beijo na bochecha. Cherry perguntou se eu procurava por Mercina e obtive resposta afirmativa. Ele então apontou a garagem ao lado, a que tocava a trilha sonora que me acompanhou pela rua. Mercina ali estava e arrumava alguns sucos artificiais de laranja na geladeira, muito antiga e também enferrujada. Próximas a ela, havia quatro caixas de banana nanica maduras. Encostado na outra parede havia o sofá, onde Luciana, filha de Mercina, folheava um livrinho infantil, parte do presente de aniversário que Luiza havia dado para a menina. Ao lado do sofá, duas potentes e enormes caixas de som se conectavam à um computador relativamente novo.

Mercina oferece a mim, que se sentara ao lado de Luciana, alguns dos sucos e cervejas que guardava, algo que recusei prontamente, pois sabia que ela estava tentando começar um pequeno negócio com o incentivo de Luíza, em sua casa. Por falar em Luíza, não demorou para que a brasileira aparecesse na garagem de Mercina. Junto dela, Luk, irmão de Cláudia e Rose. Luk sentou-se comigo e Luíza ficou em pé enquanto discutia com Mercina. Ela havia levado muitos documentos e uma grande lista. Finalmente saíram os nomes de vários dos primeiros haitianos que chegaram em Santa Barbara d'Oeste para fazerem seu RNE²². Luk disse que comemoraria comprando uma cerveja de Mercina e compraria também bananas para suas irmãs, pois mais tarde às visitaria e elas adoravam bananas. Também comprei um grande cacho, aproveitando a ocasião. A conversa com Luíza, Mercina e Luk durou mais um pouco, enquanto o grupo olhava as brincadeiras de Luciana. Na sequência, sigo para a casa de Phahidra.

Levando o grande cacho de banana, caminho e passo umas quatro casas até identificar a casa de Phahidra. Não era assim tão difícil, pois além do sofá na garagem, várias cadeiras de metal, plástico e algumas bambas de madeira, se espalhavam pela garagem e muitas roupas estavam penduradas no varal, no portão e nas plantas, pois sete pessoas dividiam a casa e todas essas lavavam suas roupas no sábado. Katia e Giralda, que estavam ao fundo, debruçadas sobre a bacia de água, lavando roupa, gritaram por Phahidra e começaram a fazer piadas por conta do grande cacho de banana. Havia dois moços por mim desconhecidos lavando seus tênis em frente ao portão que eu entraria. Um

²² Registro Nacional de Estrangeiro é carteira de identidade para estrangeiros. Ele é o principal documento do estrangeiro residente no Brasil, e identifica sua condição de residência (temporária ou permanente) e o prazo de estada.

deles se levantou para ajudar-me a entrar na casa denominada de Casa do *Kap*, pois todos que lá residiam vinham do norte do país, do Cabo Haitiano. Enquanto entrava, Rose apareceu pela porta lateral, que dava para a cozinha/sala de estar. Rose secou suas mãos nos shorts e logo pegou as bananas trazidas por mim.

“Mas com essas não dá pra fazer *fritae* pra você!”, exclamou Rose, que preparava o *boullion* a ser comido por todos mais tarde. Eu disse a ela que nem sempre havia duas intenções em meu ato de levar presentes para elas. Ela respondeu que gostava quando eu trazia a banana certa, banana da terra verde, pois gostava muito de ver minhas expressões ao comer o prato típico de rua haitiano feito com bananas verdes. Eu adorava aquilo e então abracei Tose, agradecendo o carinho e cuidado que a haitiana tinha comigo. Em meio a abraços e bananas, chega Phahidra. Mesmo tendo a mesma idade que a minha, Phahidra era bem menor e bem mais magra, chegando próxima à aparência de uma criança. Rose se desvencilhou do abraço e então pude abraçar Phahidra. Ela então olhou para as bananas e exclamou “essa não é a certa!”. A resposta dada por mim foi de que eu estava ciente deste fato e que a compra havia sido feita com Mercina com a intenção de dar as bananas para ela, Phahidra, leva-las para sua casa.

Phahidra puxou-me para o sofá, que estava com seu estrado quase todo quebrado e com um grande buraco no assento mais à esquerda, e então iniciou comigo uma conversa sobre a semana. Ela falava de como ainda procurava emprego, sobre como seu ex-namorado ainda a procurava e como os irmãos da minha amiga faziam de tudo para mantê-lo longe. Não que eles precisassem fazer isso, mas ela sabia que por ser a irmã mais nova, eles gostavam de cuidar dela.

Chegaram mais duas mulheres com produtos de beleza para fazer a unha e se sentaram próximas a nós. Elas entraram no assunto sobre Phahidra e seus pretendentes e acabaram por misturar seus próprios casos amorosos na conversa. Giralda e Kátia, mesmo focadas em acabar de lavar suas roupas, participavam da conversa de maneira ativa. E assim seguiu a tarde: um entra e sai de homens e mulheres, uma simultaneidade de músicas, áudios do aplicativo *Whatsapp* e conversas paralelas, pausa para o *boullion*, cuja porção servida a mim em uma tupperware grande era igual ao dos homens (o dobro da porção normal) e demandava esforço para ser saboreada graças a seu tamanho.

1.9 *Diáspora no cotidiano*

A proposta deste capítulo foi a de contextualizar o trabalho de campo feito na cidade

de Santa Barbara d'Oeste com o intuito de compreender o contexto de mobilidade em que as haitianas estão inseridas. Em busca de melhores oportunidades, haitianas e haitianos chegam a Santa Barbara d'Oeste, localidade em que a pesquisa de campo foi produzida e tema do terceiro parte do capítulo. Santa Barbara d'Oeste é um município do interior de São Paulo, que faz parte da região de Campinas. Em sua história, tradições, pontos turísticos, existe uma grande presença da migração estadunidenses que colonizou e construiu a pequena cidade. Cidade que até 2015 abrigou mais de 150 haitianos sem conseguir oferecer a melhor oportunidade para todos. Todavia, a presença de seus novos moradores modificou significativamente os traços de sua periferia.

Esse capítulo também se dispôs a traçar e analisar as redes das haitianas, assim como as minhas redes em Santa Barbara d'Oeste. A partir de redes egocentradas que se iniciam nos *brokers* brasileiros que ajudaram os haitianos a se instalar na cidade, é possível ver que a chegada de todas as mulheres com que se trabalhou no decorrer da dissertação passou pela mediação de um homem haitiano. Essas redes também evidenciaram a importância da procedência, da localidade de onde estas haitianas vinham na formação de vínculos no contexto brasileiro, sendo a rixa campo e cidade a mais acentuada na rede a mim apresentada. Tal rede, que diferente da rede que trouxe as haitianas, teve uma única mediação masculina, a de Dinoir na apresentação de Phahidra, constituiu-se de modo diferente também por ter como substancia principal de conexão não a dependência, mas o afeto entre as haitianas e Luíza e depois entre elas comigo. Essa relação foi a responsável por colocar-me em contato com a assuntos pessoais, profundos e delicados, como maternidade e relacionamentos amorosos, temas dos próximos capítulos dessa dissertação.

CAPÍTULO 2 - NEGOCIAÇÃO DA INTIMIDADE: ANÁLISE POLÍTICA E ECONÔMICA DAS RELAÇÕES COTIDIANAS E ÍNTIMAS DAS HAITIANAS EM SANTA BARBARA

D'OESTE.

Foi visto no primeiro capítulo desse trabalho que casamentos, afetos e amores são também partes relevantes da formação das redes das haitianas em Santa Barbara d'Oeste. No entanto, não foi desenvolvido um dos aspectos mais interessantes dessas relações: o dinheiro. Essa substância (CARSTEN, 2004)²³ traça, assim como o amor, as relações das mulheres haitianas, retraça seus caminhos e redefine suas escolhas em meio à *diáspora*. Nesse capítulo, pretende-se compreender as “economias da intimidade” (COLE, 2009) que permeiam o cotidiano migratório destas mulheres.

A primeira vez que amor e dinheiro apareceram relacionados durante o período de desenvolvimento do trabalho de campo foi no dia 20 de janeiro de 2015, na primeira entrevista de profundidade que realizei com Eloise. Ela é uma moça de trinta anos considerada jovem por ser solteira e não ter filhos. Ela e sua irmã mais velha, Claudia, são algumas das poucas haitianas que vieram de Porto Príncipe, e dentre todas as haitianas com quem meu estudo foi desenvolvido, somente essas duas irmãs se encontravam em uma situação financeira mais estável antes de migrarem para o Brasil, tal como descrito no capítulo anterior. Mesmo tendo o ensino superior completo e seus diplomas “dando volume” aos outros documentos que Eloise trouxe para o Brasil, a moça trabalha como auxiliar de produção em uma empresa que fabrica embalagens plásticas, no Distrito Industrial de Santa Barbara d'Oeste.

Essas foram as poucas informações que se conseguiu reunir a partir de algumas das breves respostas que Eloise deu às perguntas que foram feitas. Quando se perguntou se ela era casada, a resposta foi um pouco mais obscura. “Ah, não! É complicado”. Insisti

²³ Carsten (2004) revê o processo de produção do parentesco através do *relatedness*. De acordo com a antropóloga o parentesco também deve ser pensado quanto ao gênero, a produção dos corpos e da pessoa, estes socialmente variados. Pensar na “procriação, relações entre parentes, corpos, pessoa, gênero e alimentação” (Carsten, 2004, p.132) implica em observar também outra forma de idioma do parentesco. Assim, a substância, é uma maneira para compreender o parentesco de modo mais processual, “olhando para como as pessoas se constituíam através de suas relações com os outros” (Carsten, 2004, p.109). Através de variados exemplos etnográficos a autora mostra que a substância não pode ser encarada unicamente como algo imutável e permanente como assim foi entendida no Ocidente, mas algo fluido e em constante transformação tão logo exista o contato entre as pessoas no cotidiano. (Kebbe, 2007)

mais um pouco e ela então contou que tinha um namorado, mas ele não ficou muito contente com o fato dela viajar para o Brasil, dizendo a ela somente "*bonne chance*" (boa sorte). Pensando que ele morava no Haiti, perguntei a ela se ele planejava vir ao Brasil, ao que ela respondeu que nem passava pela cabeça dele e nem dela essa possibilidade, pois seu namorado morava em Atlanta, nos Estados Unidos, onde tinha um emprego como cozinheiro em uma prisão. Fixada na ideia de que um relacionamento amoroso passava pela convivência pessoal, perguntei a ela se seu namorado havia migrado pouco antes dela resolver sair do Haiti e ela disse que não, que ele estava "fora" há quase três anos. "Foi pouco depois do batizado da minha *fiyeul* (afilhada), lugar que a gente se encontrou pela primeira vez. Mas ele manda dinheiro toda semana"

Durante a próxima hora e meia em que a entrevista foi gravada, e depois em todos os outros momentos dos meses que fiquei em campo e conversei com Eloise sobre seu namorado, a conversa girava em torno ora das remessas que ele enviava para ela, ora sobre ele ter ajudado seu irmão a chegar ao Brasil e não ter dado a ela qualquer tipo de ajuda (ajudou em "nada, nada"), ora sobre ele ter enviado dinheiro com algum propósito específico para a irmã ou o pai de Eloise, que continuavam no Haiti. "É assim que ele faz, se essa semana ele não quer mandar dinheiro para mim, ele manda para alguém da minha família", disse Eloise.

Vista a dificuldade de pensar o amor fora da chave do convívio cotidiano e engajamento sexual que envolveriam uma relação amorosa, o primeiro movimento que busquei realizar foi o de desconstruir e dessacralizar o "amor" para compreender o "namoro" de Eloise, assim como faz Cole (2009).

Tendo como referência os códigos culturais Euro-Americanos, verifica-se que o "amor" é profundamente relacionado aos ideais cristãos de humildade e auto sacrifício. Com isso, no caso de um relacionamento amoroso, engajamentos materiais são muito problemáticos, pois não se pode amar outra pessoa para ganhar dinheiro ou fama. Ao contrário, o amor deve ser altruísta, assim como não se deve amar a Deus instrumentalmente.

Nos termos desses ideais, Eloise não amaria seu namorado. Aliás, essa relação mal seria um namoro, pois ao relacionar "mundos hostis" (ZELIZER, 2009), combinando relações íntimas com meios e transações econômicas, Eloise não teria uma relação uma vez que estaria "usando" seu namorado, o que, nos códigos culturais Euro-Americanos, não caberia ser chamado de amor. Porém, é necessário observar que esse relacionamento

de longa data, vivido ao longo de pelo menos três anos por meio de remessas em um contexto transnacional de *diáspora*, é definido por Eloise como um “namoro”, ou seja, de acordo com esses preceitos, a relação de Eloise com o namorado não seria entendida como um "namoro" na medida em que não se constituiria enquanto um "relacionamento amoroso", mas, sim, enquanto um relacionamento em certo sentido utilitário.

Ainda buscando compreender as questões que o relacionamento de Eloise mobilizava, foi realizado um segundo movimento em que procurei verificar em outras histórias de amor, sexo, traição, dinheiro, remessa e cuidado, com as quais me deparei em campo, fatos que se repetiam e ressoavam na narrativa da moça de classe média de Porto Príncipe. A história que mais me ajudou compreender essa relação foi a de Claudia, irmã de Eloise, narrada a seguir.

2.1 O quadro da porta e o colchão

Era o dia primeiro do mês de setembro de 2015. Phahidra havia dito que Claudia havia se mudado. Confirmei seu novo endereço pelo aplicativo de celular *WhatsApp* e então fui conhecer a nova casa de Claudia. Ela descreveu a casa nova como uma quitinete voltado para a complementação de renda, localizado em um terreno com um barracão em que seu proprietário consertava e desmanchava carros. A construção completa em que ficava a quitinete localizava-se nos fundos do terreno e se dividia em duas partes: a primeira quitinete em que Claudia e Eloise viviam e na qual havia uma pequena cozinha, um quarto e um banheiro, e ao lado dela, uma segunda quitinete, composta por um banheiro e um quarto em que dormia um senhor doente que era parente de um dos vizinhos do terreno.

Achei o novo endereço e mandei uma mensagem para Claudia dizendo que já havia chegado. Ela demorou um pouco e veio abrir a porta metálica que fazia parte do grande portão do “barracão”. Depois de atravessarmos vários carros empoeirados e outros tantos despedaçados, chegamos nas novas acomodações das irmãs Rozier, localizadas ao fundo. Depois de Claudia, entrei na casa e logo senti que ela era bem diferente da primeira em que eu estive. Era mais arrumada, tinha pinturas por todos os lados, tapetinhos e outros mimos que a ajeitavam, de maneira que agora a quitinete passava uma grande sensação de conforto e lar. Na primeira casa em que as irmãs se acomodaram quando chegaram a Santa Barbara d’Oeste, o caráter de improvisado estava por todos os lados: os móveis sobressalentes e quebrados, objetos amontoados, como visto repetidas vezes na casa de

outros haitianos, que sempre criavam a sensação de que aquele espaço era provisório. Mas as novas acomodações das irmãs Rozier tinham móveis, utensílios da casa, objetos de decoração, todos em seu devido lugar.

Claudia abriu uma cadeira retrátil para que eu sentasse e, ao fazê-lo, fiquei de frente para dois quadros que estavam colados na porta de entrada e na parede em que estava encostado o fogão. Perguntei a ela sobre os quadros que ela tinha em sua casa e ela disse que era uma

“coisa” que todo brasileiro iria estranhar, pois não via muita apreciação pela arte por parte dos brasileiros. Esses quadros, que ao todo eram sete e se espalhavam pela pequena casa, eram muito caros e muitos deles “exclusivíssimos” de pintores de seu país. Um deles, segundo Claudia, não o mais raro e nem o mais caro, valia, em média, 6 mil reais. Quando ela e seus irmãos resolveram migrar, seu irmão embalou os quadros em uma cartolina e os trouxe para o Brasil, junto da sua mala de mão, pois lá no Haiti havia a chance de alguém roubá-los e vendê-los, sendo que alguns tinham grande valor sentimental, *"Como esse aqui"*, como disse Claudia ao apontar para o quadro menor, que estava na minha frente e fixado na porta de sua casa, bem menos detalhado e colorido que os outros.



Figura 6 – Foto do quadro de Gérald Louis na Porta de Claudia

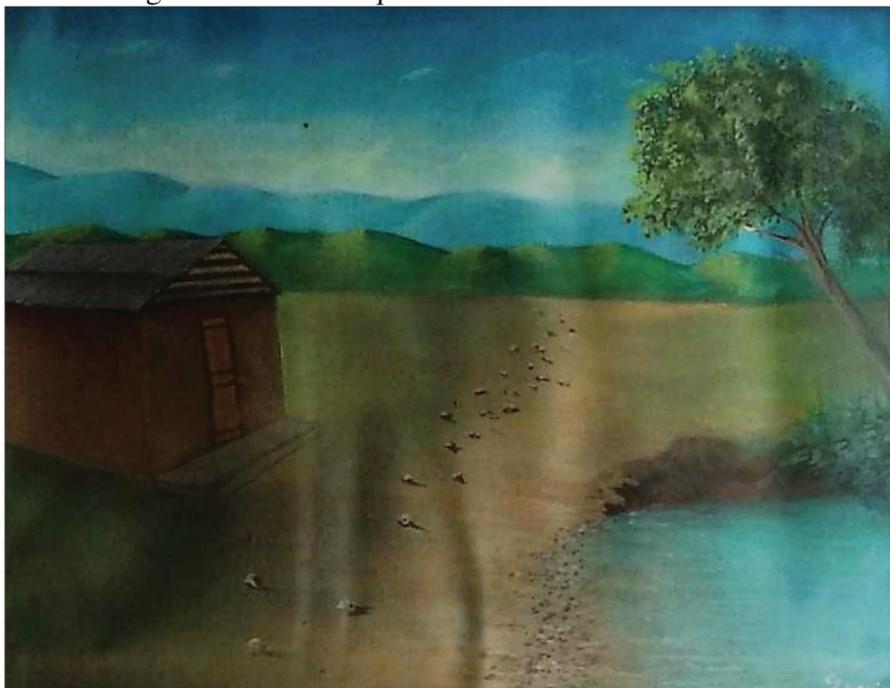


Figura 7 Reprodução fotográfica do Quadro Gérald Louis da Porta de Claudia
(aproximado)

"Esse foi um amigo que me deu. Me lembra meu noivo, que morreu no terremoto." Cláudia disse isso enquanto colocava para ferver uma chaleira de água para o café (que faria para mim) e para o chá (que ela tomaria). O comentário produziu em mim um certo estranhamento, pois era a primeira vez em seis meses que ela mencionara um noivo. Perguntei o porquê desse assunto não ter aparecido nem quando falamos do terremoto. "Não gosto de comentar sobre isso." Voltei o interesse para o quadro, quanto então ela passou a me contar que, quando era mais nova, preferia ler romances em seu quarto e raramente saía de casa. As histórias de Danielle Steel²⁴, sua romancista preferida, povoavam seu coração jovem e apaixonado. Pude perceber, através de sua fala e atos, que havia uma associação entre o quadro da porta, os romances lidos na adolescência e início da juventude e os sentimentos de Cláudia: o quadro retratava um tipo de "refúgio" para amantes no Haiti. Cláudia, na leitura de seus romances, imaginava-se indo para casinhas isoladas, próximas a lagos e praias, com seus amantes imaginários.

Nessa narrativa, nada me foi dito sobre seu "noivo". Ela disse que não costumava falar dele, mas contaria para mim sua história com ele desde o começo. Ela teve seu primeiro namorado aos 17 anos, tendo sido este namoro pouco aceito por sua mãe, evangélica e conservadora, que ficara muito chateada com a situação. Ao saber o motivo da chateação de sua mãe, Cláudia prometeu que não faria *tcha-tcha-tcha* (sexo) com seu namorado. Emanuel, seu primeiro namorado, não era o cara certo, e com 20 e poucos anos, ela encontrou James, o amor de sua vida. Ele era seu professor de dança. Namoraram até que ela fizesse 23 anos.

Ela relata que nesses primeiros anos não fizeram *tcha-tcha-tcha*. Segundo ela, mesmo ele sendo a pessoa com quem ela tinha certeza que ficaria para sempre, não tinha como eles ficarem juntos quando ele não tinha condições de cuidar dela. "Você imagina que ele ainda morava com os pais dele! Ah! Não poderia cuidar de mim". Nessa mesma época, Cláudia conseguiu seu trabalho no banco e fez sua casa própria. Isso gerou uma impossibilidade para o casamento, uma vez que não tinha como eles se casarem e ela "sustentá-lo". "Imagina! As pessoas não me respeitariam! E também não respeitariam ele", disse-me Cláudia.

Nessa época Cláudia acabou por se envolver com um homem casado, que "cuidou"

²⁴ Danielle Fernande Dominique Schuelein-Steel, ou Danielle Steel é escritora americana. Ela é conhecida por suas histórias de dramas românticos e já vendeu aproximadamente 600 milhões de cópias dos seus livros, traduzidos em 28 línguas e vendidos em 47 países. Os seus romances estiveram na lista de best-sellers do New York Times mais de 39 semanas consecutivas e 22 foram adaptados para cinema.

dela por 10 anos. De acordo com ela, a relação com ele “era só pra *tcha-tcha-tcha*”. Foi perguntado se ela havia feito *tcha-tcha-tcha* com James e ela disse que não poderia mentir porque Deus estava vendo: eles haviam transado, mas ele não gostou muito pois ela não era mais virgem (tudo o que ela tinha aprendido sobre sexo havia sido com o homem que cuidava dela). James queria casar com ela, mas ela não quis pela condição dele. Com um suspiro, Claudia disse que se arrependia de não ter se casado com o amor da vida dela, pois ele morreu no terremoto, desmoronando qualquer plano de futuro que ela havia feito para os dois.

Ela me perguntou se meu namorado havia sido o único da minha vida. Respondi que não e comecei a contar histórias de meus relacionamentos passados e do meu relacionamento atual, o que deu um rumo mais animado a nossa conversa. Lembrei-me que a poucos dias antes chegara em minha casa a cama que eu havia comprado e que, finalmente, todas as minhas coisas estavam arrumadas em Santa Barbara d’Oeste. Contei isso à Cláudia e disse a ela que, dessa forma, fazia muito gosto em recebê-la, junto com Eloise, para um almoço, assim como as irmãs sempre me recebiam.

Claudia me perguntou se o meu namorado havia pago pela minha cama. Eu respondi que estávamos dividindo o pagamento. Ela acenou com a cabeça negativamente à minha resposta, enquanto estralava a língua. Disse que não poderia fazer isso, porque "o homem compra a mesa, a mulher a toalha, o homem compra a cama e a mulher compra o lençol, o homem compra a geladeira e a mulher compra seus enfeites. Nem a comida a mulher compra. Como vocês brasileiras fazem não é certo. Ser orgulhosa não dá ajuda em nada."

A partir dessa tarde tranquila, acompanhada de café e chá, na folga da Claudia, que ocorria às quartas-feiras, alguns pontos sobre os relacionamentos amorosos heterossexuais se mostraram relevantes para compreensão das dinâmicas das redes e relações das mulheres que vivem em Santa Barbara d’Oeste. O primeiro deles é sobre sexo. Diferente das conversas que tive com os haitianos com quem realizei minha pesquisa no período da graduação, sexo é um tema muito delicado para se conversar com as haitianas, visto que consegui abordá-lo somente com Claudia, com quem dividia uma intimidade maior.

A fala de Claudia indica que a razão para os constrangimentos das haitianas em

relação ao sexo talvez esteja ligada a preceitos morais cristãos. A possibilidade de que Claudia fizesse sexo antes do casamento fez com que sua mãe ficasse muito preocupada com a menina, à época com 17 anos de idade, e o fato de “saber sobre sexo” a partir das relações com outro parceiro magoaram o noivo da moça. Não que a prática do sexo fora do casamento estigmatize a mulher haitiana, no entanto, a prática, recorrente entre homens e mulheres haitianos

“requalificaria” a moça, que passaria a ser vista com menos “respeito”, ao passo que conquistar uma moça e levá-la para a cama é visto de uma maneira positiva, sendo uma prática valorizada como um mérito e disseminada em conversas masculinas. Logo, há um contraste: o silêncio das mulheres em torno do assunto e sua frequência e aceitação nos círculos masculinos.

Essa assimetria das relações entre homens e mulheres do Haiti não está presente somente na vida sexual dos casais, mas também nas obrigações que cada um tem com o parceiro. Em sua fala, Claudia explicita um dos principais atributos da masculinidade haitiana: o prover. A escolha dela entre não ficar com seu noivo, a quem amava, para ficar com um homem casado, cuja relação era fundamentada em sexo, era a capacidade deles de cuidarem ou não dela. Enquanto o homem casado mobiliou toda sua casa, pagava seu supermercado, suas roupas, o salão de beleza e suas saídas aos finais de semana, James ainda morava com seus pais, não tendo dinheiro para cuidar de si mesmo ou de Claudia. Ficar com ele e sustentá-lo causaria a Claudia um grande constrangimento diante de seus parentes, amigos e vizinhos, pois mostraria que ela ficou com esse homem “fracassado”.

Para ilustrar melhor como o atributo do prover opera entre homens haitianos, trago a história de Mylove, com a qual me deparei em uma das diversas conversas com Lígia. Na festa de aniversário de Phahidra, conversando com uma brasileira de Santa Barbara d’Oeste que trabalhava na mesma empresa de sacolas plásticas que Phahidra, Alina e Mirlene, perguntei sobre o haitiano que havia trabalhado na mesma empresa que elas e sobre quem eu havia ouvido comentários depreciativos (elas diziam que ele era malquisto mesmo entre os outros haitianos).

A brasileira me respondeu que não sabia porque tantos haitianos não gostavam de Mylove e eu disse a ela que, segundo as fofocas, era porque ele aplicava golpes em seus conterrâneos, principalmente nos recém-chegados como, por exemplo, revender cestas básicas doadas por voluntários. Além disso, faltava ao serviço, desrespeitava os patrões e não realizava os serviços que não tinha interesse, passando de empresa em empresa e,

como me contou Luíza, “fechando a porta de todas elas para outros haitianos que viriam a morar na região”. A moça brasileira me olhou com surpresa: “Como assim? Não foi esse Mylove que conheci!”. Todavia, concordamos que, com esse nome, na região, só poderia ser a mesma pessoa. “Então acho que ele era assim só com os haitianos! Porque com os brasileiros, principalmente com as brasileiras, ele era incrível! Quando a gente saía para o forró, Mylove nem se sentava e já jogava sua carteira na mesa dizendo: “tudo o que vocês quiserem, princesas!”, e a gente tomava muita cerveja e batida e ele pagava tudo!”

Tanto Mylove quanto o homem que cuidava de Cláudia deixam claro que o “prover”, em suas diversas faces, deve sempre partir dos homens, como um presente²⁵. Tal presente diz muito mais sobre a masculinidade e a capacidade de cuidar do que sobre a dependência financeira dessas mulheres. No entanto, como qualquer presente, o dinheiro ou a ajuda²⁶ devem ser recebidos. Quando Cláudia fala que eu era muito orgulhosa ao dividir o valor do colchão com meu namorado, a crítica dela é dirigida a mim por não querer que ele me ajudasse, cuidasse de mim e não a ele que dividiu o valor comigo. Ao contar isso para os outros, eu estaria colocando meu namorado em um lugar de uma possível masculinidade fracassada frente as outras pessoas, na medida em que eu não permiti que ele desse um item de necessidade básica de um casal. Sendo assim, minha obrigação como mulher seria aceitar o presente, a ajuda do meu namorado.

Mantendo em Mauss [1925(2003)], os homens da relação teriam que *dar* (presentes, dinheiro, “ajuda”) e as mulheres teriam que *receber*. E como fica claro no texto do antropólogo, o próximo passo de quem recebe nas relações de dádiva é o de *retribuir*. Para mostrar um pouco mais das relações amorosas das haitianas com quem convivi, em Santa Barbara d’Oeste, trago a história de uma outra tarde de sábado, na qual visitei a casa de Alina e Marlene.

²⁵ A teoria sobre a dádiva de Mauss (2003) é, aqui, mais uma inspiração do que uma aplicação dos seus conceitos, visto que não trato especificamente de um fato social total e trabalho a partir da trajetória de indivíduos e não de figuras morais.

²⁶ O termo ajuda nas relações apresentadas se caracteriza de modo muito próximo ao trabalhado por Adriana Piscitelli (2011). A partir de um conjunto de reflexões sobre diversas interações desses “mundos hostis”, que envolvem amor, sexo, dinheiro, Piscitelli (2011) traz para o debate os intercâmbios considerados como ajuda no Brasil. Embora, no contexto de Fortaleza, esses intercâmbios possam ser situados, em termos analíticos, no âmbito do sexo mercantilizado, o fato de serem diferenciados da prostituição nas narrativas nativas é relevante. Segundo a antropóloga, entre pessoas de camadas baixas e médias baixas de brasileiros residentes no país e no exterior, essa noção tende a remeter a contribuições econômicas que, embora consideradas relevantes, não constituem a principal fonte de recursos para a subsistência (Gregg, 2006). E assim como no meu diálogo com Cláudia, a ajuda, no âmbito dos relacionamentos sexuais e afetivos, é frequentemente trocada por sexo, muitas vezes vinculada a afeto. A ajuda, assim, está inserida em uma tradição de intercâmbios hierárquicos, remete a noções de amparo, cuidado e afeto, que se expressam em termos de contribuição para a o gasto com o dia-a-dia e com itens ditos supérfluos.

2.2 Boullion, as tranças de Phahidra e o suco

Desde o dia em que conheci Phahidra, ela se mostrava muito chateada com seu cabelo. Havia feito uma escova progressiva brasileira²⁷ que lhe causou uma grande alergia e fez com que ela perdesse quase todo seu cabelo. Num sábado, dia 27 de junho, Phahidra, puxando uma mecha do cabelo afro de pouco volume, mostrou que finalmente havia a possibilidade de se fazer um trançado, já que o cabelo apresentava tamanho adequado. Seu irmão havia trazido do Haiti alguns apliques e Alina havia aceitado trançar seu cabelo. Combinei de acompanhá-la na semana seguinte à casa de Alina e Malene.

²⁷ A escova progressiva é uma técnica utilizada para alisar os cabelos que ajuda a tratar e diminuir o volume dos fios. A escova é chamada ‘progressiva’ pelo efeito gradual que causa nos cabelos a cada aplicação: eles vão ficando *progressivamente* mais finos e menos cheios. O principal componente da escova é o formol, que garante que o cabelo ficará liso. O formol está proibido pela ANVISA por ser um componente altamente tóxico para o organismo.



Figura 8 - Apliques para cabelo trazidos do Haiti



Figura 9 - Apliques para cabelo trazidos do Haiti 2

Nesse dia, saímos cedo, pois o sistema de trança “um a um” que Phahidra queria que fosse feito requeria várias horas para ser executado, mesmo pela experiente Alina (que havia sido cabelereira no Haiti). Os 20 minutos que separam a casa de Phahidra e Alina, cada uma em uma ponta periférica de Santa Barbara d’Oeste, não demoraram a passar. Em pouco tempo, chegamos à casa de Alina. Chamamos por ela, mas foi Malene quem nos atendeu. Era a primeira vez que eu ia a sua casa, dividida com Alina e o namorado desta, Hens. Subimos as escadas e chegamos à casa.

Quando chegamos na sala, Malene pediu para que aguardássemos, pois Alina havia

acabado de sair com Hens para o supermercado. Pediu desculpas pela amiga, que queria ter saído mais cedo, mas não pôde porque estava esperando seu companheiro. Phahidra ligou para ela para perguntar o quanto eles demorariam. Alina, do outro lado da ligação, disse que esperava um ônibus para ir para o centro e de lá conseguir outro para ir para casa, mas que já estava chegando. Phahidra deu um leve suspiro, calculando, pela resposta da amiga, que aguardaríamos mais um tempo até que o casal chegasse.

Nos sentamos na sala de estar e Phahidra colocou para tocar no computador que ficava no centro cômodo uma *playlist* de *konpa*²⁸ no site *Youtube*, que sequencialmente foi acompanhada pelo canto de Phahidra (só havia um computador com internet na casa, já que não havia um roteador para disponibilizar sinal Wi-Fi para o restante dos aparelhos da casa). Malene trocou de lugar com a amiga em frente ao computador, para poder falar no site de relacionamento *Facebook* com outros haitianos. Depois de algum tempo ouvindo músicas, conversando no *Facebook* e mandando mensagens no celular (com o sinal 3G disponível na região), Malene foi preparar um macarrão. Voltou com dois pratos de macarrão com salsichas e dois copos de energético, um para mim e outro para Phahidra. Já passava de uma hora da tarde quando Malene pediu para que Phahidra traduzisse para mim se eu poderia levá-la ao banco. Como iria ficar um tempo esperando, respondi que sim. Ela foi se trocar e Phahidra disse que ficaria em casa para poder começar o trabalho com seu cabelo no momento em que Alina chegasse. Entramos no carro e perguntei para Malene qual era o banco em que ela precisava ir. Ela respondeu que ficava no centro. Perguntei, então, qual era o banco. Ela pegou seu cartão magnético e me mostrou o símbolo do Banco 24 Horas. Eu exclamei: “Ah! Esse tem aqui perto!”.

Parei em um posto, puxei o freio de mão e aguardei. Ela então olhou para mim, não entendendo porque eu permanecia de cinto, dentro do carro. Eu olhei para ela, olhei para dentro da conveniência do posto e apontei para o caixa 24 horas: “é ali.”. Ela continuou me olhando, as duas não entendendo o que ocorria: eu me comunicava mal em crioulo e ela se comunicava mal em português. Ela me entregou um papel e o cartão, apontou para mim e fez uma mímica para que eu sacasse o dinheiro. Continuei a não entender, mas saí do carro e ela também. Caminhamos até o caixa e só então entendi: ela não sabia sacar o dinheiro. Ensinei como se fazia e ela sacou a quantia necessária para o pagamento de suas

²⁸ É um gênero musical típico do Haiti que mistura merengue com música eletrônica. As músicas têm como tema principal o amor romântico, suas conquistas e seus desencantos.

contas. De volta ao carro, perguntei a ela como ela fazia até então, ao que ela me respondeu: “marido”.

Voltamos a sua casa e encontramos Phahidra escolhendo músicas no computador. As duas se acertaram, em crioulo haitiano, que colocariam a música “My life” do grupo de *konpa 5 etwal*²⁹. Malene foi para o quarto e eu perguntei para Phahidra onde estava o marido de sua amiga. Ela me respondeu que ele havia migrado para os Estados Unidos. Perguntei se era pelo fato de ele ter perdido o emprego em Santa Barbara d’Oeste e ela disse que não, que o Cunha, chefe do marido de Malene, gostava muito do moço e havia, inclusive, arrumado exatamente a casa onde estávamos naquele momento para ele. Mas o marido de Malene não estava contente com o salário que ganhava e com o quanto gastava no Brasil. “Isso sem falar do dólar! Ele fez o mesmo quando estava na República Dominicana: não estava bom, foi embora!”.

“Agora ele foi pra lá...”, disse Malene voltando para sala. Ela se sentou no sofá, ao meu lado, enquanto sustenta um tristíssimo olhar para os pequenos bibelôs que enfeitavam o rack. “E você vai também?”, perguntei. “Não vou, não dá, muito difícil”. “Sente falta dele?”. “Sinto falta da minha filha”. “Você tem fotos dela?”. “Oh, sim!”. Malene aponta para os portaretratos que estão a nossa frente com fotos de um bebê muito pequeno. Depois vai até o computador, que ainda toca *konpa*, entra em sua rede social e pesquisa o nome de alguém. Entra na página de uma mulher de sua idade que tem o mesmo sobrenome que o seu. Presumo que é uma irmã ou uma prima. Lá, ela encontra um álbum de fotos repleto de retratos de sua filha.

“Ela tem três anos”. Ela me mostra para uma foto de sua filha em um uniforme azul todo engomado até os joelhos, com uma camisa branca de gola cor de rosa. Seus cabelos estavam trançados com duas marias-chiquinhas pequenas viradas para cima. Phahidra, então, pergunta se a menina não estava para chegar ao Brasil. A pergunta deixou ainda mais densos o olhar e as feições de Malene. “Não, não sei mais quando ela chega”, ela respondeu.

Malene conta que enviou 4 mil dólares para uma mulher trazer sua filha e que após o envio do dinheiro, essa mulher sumiu. A situação deixou Phahidra e eu desconcertadas. Abracei Malene. Phahidra ficou triste também e disse: “se for a vontade de Deus, logo vocês estarão juntas!” e Malene respondeu: “sim! Deixo tudo nas mãos de Jesus e ele faz

²⁹ Grupo musical haitiano.

da minha vida o que achar melhor”. Malene então se voltou para a tela do computador e percebeu uma chamada perdida no *Skype*. Ela retornou a ligação. Era seu marido do outro lado da linha. Ele estava acompanhado de muitos haitianos. O tom triste de nossa conversa é contagiado pelo tom leve do encontro, vindo do outro lado da linha. As meninas me apresentam e ele me acena com um bom dia. O casal então começa a conversar em crioulo. Falam sobre a semana, dão risadas – que eu nunca havia escutado de Malene antes –, falam sobre sua filha e, principalmente, falam muito sobre dinheiro.

Eram três horas da tarde quando Alina chegou. Achei que ela começaria de imediato as tranças de Phahidra e acabaria com a minha curiosidade de como estas eram feitas, mas, em vez das tranças, passou a preparar um *boullion*. Alina pediu para que nós nos deslocássemos para a cozinha para que ela pudesse começar seu trabalho enquanto verificava o preparo da comida. Hens, então, assumiu o computador, que deixou de tocar o animado *konpa* e passou a reproduzir vídeos de sermão evangélico em crioulo haitiano e francês. Mas não chegamos a prestar atenção a essa mudança, pois Malene, Alina e Phahidra seguiam uma conversa animada, comentando e brincando sobre suas diferenças. Alina era de Gonaives, Malene da periferia de Porto Príncipe e Phahidra era do Cabo Haitiano, com sotaque muito distinto do resto do país, o que provocava muitos risos entre as três dada a diferença na pronúncia de certas palavras e expressões.

A dinâmica de Alina me impressionava. Ela trançava com agilidade o cabelo de Phahidra segurando entre as mãos fios de plástico muito finos, juntos em pequenas quantidades, ao mesmo tempo em que não descuidava das panelas. Enquanto marinava o frango, descascava as bananas da terra verdes, tarefa nada simples, além de descascar e cortar os legumes. Malene ajudava-a fazendo os pequenos rolinhos de trigo com água. Quando o *boullion* ficou pronto, nos encontrávamos em sete pessoas na casa de Malene. Hens recebera um primo e um amigo para comer o cozido - acompanhado de um suco muito doce como sobremesa, preparado com leite, mamão, goiaba, morango e gelo, que Hens se esforçou muito para tirar da panela e triturar.

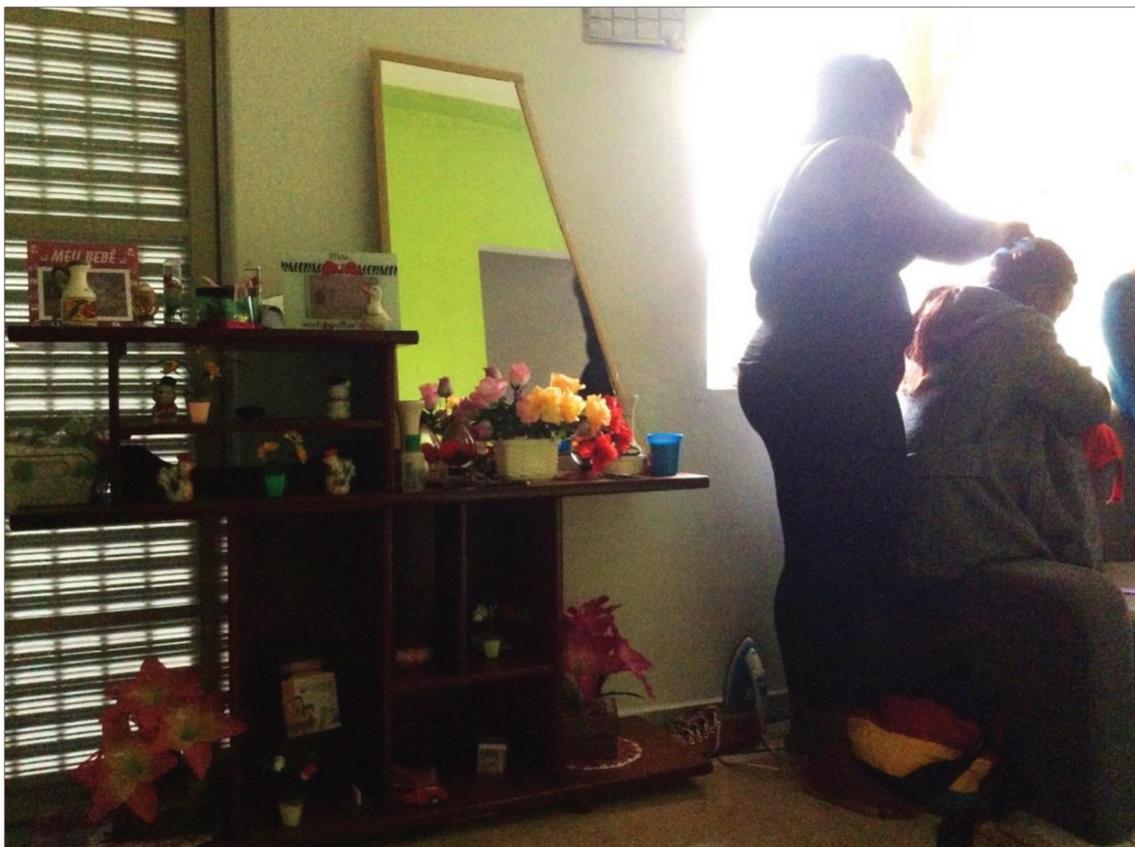


Figura 10 - Alina trança os cabelos de Phahidra

Depois do almoço, todos nos concentramos na sala. Os três homens se revezavam no computador enquanto nós circulávamos entre o tapete felpudo e o sofá, muito gasto – com alguns pontos que chegavam à madeira-, para que pudéssemos acompanhar e ajudar na feitura das tranças, separando e juntando os fios que caíam no chão ou no sofá e se perdiam. Ficou muito tarde e Phahidra resolveu que dormiria na casa de Alina. Como não teria onde ficar, resolvi voltar para casa mesmo sem ver o resultado final dos cabelos de Phahidra, o que pude verificar, através de fotos, no dia seguinte.

Malene era casada há três anos e morava há dez meses no Brasil. Ela deixou o Haiti quando sua filha tinha poucos meses de idade, deixando-a aos cuidados da avó e tia maternas da menina. Migrou primeiro para a República Dominicana e, depois que seu marido se estabeleceu no Brasil, veio morar com ele. Ele administrava as contas de casa, ia ao supermercado e à igreja, Assembleia de Deus, que ficava próxima a casa do casal.

Malene administrava os cuidados da casa como a limpeza, o preparo da comida e a limpeza das roupas, a divisão convencional de um relacionamento haitiano.

A convivência em um contexto de transnacionalidade não era novidade nas relações conjugais haitianas. Isso implicava em dois movimentos destoantes das ideais de um relacionamento amoroso que Claudia, assim como outras haitianas solteiras me apresentaram. O primeiro deles é o espaço mais restrito de circulação, que implica em uma certa dependência de seus companheiros. Claudia, junto de sua irmã, sem poder contar com seu irmão mais experiente ou com um companheiro, aprendeu a lidar com os afazeres do cotidiano, como ir em bancos, mercados e ao hospital sozinha, tendo maior autonomia para circular na cidade que habita. Essa circulação acaba sendo limitada quando se deposita toda a confiança em um companheiro, como é o caso de Alina no mercado e Malena com o banco. Isso implica em uma dificuldade maior com a língua e de interação com os brasileiros, mas não restringe as relações das haitianas entre si ou com suas redes que vêm do Haiti. Mantendo seus contatos, por exemplo, com Phahidra, que domina a língua portuguesa, Malene e Alina conseguem circular de maneira mais independente de seus maridos, enquanto a amiga, como uma troca, recebe tranças mais elaboradas em seus cabelos.

Phahidra, como dito no capítulo anterior, opera como uma intermediária cultural de suas amigas e colegas de trabalho que tem uma maior dependência de seus companheiros. Em sua análise sobre mulheres que vieram muito jovens de Portugal para uma cidade dos Estados Unidos, Feldman-Bianco (1997) indica que com a inserção no trabalho industrial e cotidiano em um novo contexto cultural no qual estão inseridas, essas mulheres acabam tendo um rápido domínio do novo idioma e dos tramites culturais necessários para terem uma maior qualidade de vida no país em que se estabeleceram. Isso fazia com que as jovens mulheres portuguesas ocupassem um espaço de poder entre sua família. Pensando em Phahidra, que pela grande capacidade de colocar em relação duas culturas, mesmo com a questão do gênero e idade, alterava seu status entre os haitianos do mesmo modo que as mulheres portuguesas. Uma evidência visível desse fato era que Phahidra podia requerer qualquer favor das mulheres a quem ajudava em Santa Barbara d'Oeste.

O segundo ponto diz respeito às “economias da intimidade” e as negociações que ocorrem na diáspora. Em um contexto como aquele apresentado por Claudia em que as mulheres haitianas esperam que o homem compre a mesa, a mulher, a toalha, o homem compre a cama e a mulher, o lençol, o homem compre a geladeira e a mulher, seus

enfeites, que ela não compre nem a comida, a mulher dividir todas essas obrigações do “prover” acaba por dinamizar os papéis preestabelecidos do país e do lugar social da onde essas mulheres vieram. A história de Alina é ilustrativa dessa questão.

Alina tem o ensino completo e era cabelereira no Haiti. Sua família tinha meios de sustentá-la e ao filho que teve “sozinha”. Foi quando ela conheceu Henz. Ele era de uma família grande e conhecida de Gonaives, era casado e sua esposa estava grávida. Ele cuidava de sua esposa e filho ao mesmo tempo em que enchia Alina de presentes e cuidava para que ela e o filho, que não era dele, sempre tivessem tudo o que precisavam. Foi então que Henz fica sabendo sobre a possibilidade de migrar para o Brasil. Vendo nisso uma grande oportunidade, Henz veio para o país. No momento em que ele encontrou um bom emprego e uma boa casa, Alina viu sua oportunidade. Eles juntaram algum dinheiro e ela também veio para o Brasil.

Como é possível verificar na narrativa de campo destacada acima, com a chegada de Alina, o casal passou a ter um cotidiano marital, ou seja, ele trabalha e “dá” tudo o que ela precisa e quer, enquanto ela cuida da casa, das roupas, da comida, etc., assim como Malene. No entanto, dois pontos acabam por distanciar o sonho de Alina e de tantas outras mulheres haitianas que estão no Brasil do ideal que Cláudia apresentou. O primeiro deles diz respeito à vida no Brasil, que traz implicações para o cotidiano dos haitianos na medida em que recebem um salário proporcional a um custo de vida que torna impossível que as contas básicas sejam assumidas na casa por uma só pessoa. Isso faz com que as mulheres tenham que trabalhar, fazendo com que o homem não seja o único responsável pelo prover. Mesmo assim, as mulheres continuam executando todas as tarefas domésticas em seus dias de folga e realizam a manutenção do cotidiano do casal.

A sequência de eventos apresentada nos leva a pensar sobre o segundo ponto que diz respeito à remessa e a manutenção das relações. Henz veio para o Brasil com a justificativa de dar uma vida melhor para o seu filho e sua esposa que continuavam no Haiti. A maneira de fornecer uma vida melhor é através das remessas de dinheiro que são enviadas mensalmente para o Haiti. Tendo em vista que o salário de Henz, um dos melhores entre os haitianos com quem convivi em Santa Barbara d’Oeste, girava em torno de R\$ 1.400 reais, suas possibilidades de manter a vida de sua família, sozinho e, além disso, cuidar de Alina, mantendo não só os custeios da vida cotidiana, mas também os presentes e viagens que ele tinha proposto a dar a ela ainda no Haiti, é uma tarefa quase impossível. No entanto, esse processo em que as mulheres que se encontram na situação

de namoradas ou amantes de um migrante que está no Brasil, e no qual o pouco salário se soma ao contexto de uma moeda que foi se desvalorizando no decorrer do ano de 2015 nem sempre se mantém de forma tranquila, como foi o caso de Alina e Henz.

Pude observar essa questão através de uma preocupação que Luiza dividira comigo. Era um sábado à noite e tínhamos acabado de passar em algumas casas para que Luiza entregasse alguns documentos e combinasse alguns detalhes com o haitiano que ela levaria a um exame médico no dia seguinte. Estava escuro na proximidade do conjunto de apartamentos em que ela morava e já estávamos fora do carro. “Rafaela. Acho que você não está sabendo. O Zabani está pra pegar fogo por causa de Ena! Acho que ainda sai morte de lá!”. Ela me contou que Dinoir e Ena estavam juntos desde a República Dominicana. Ambos eram casados com outras pessoas no Haiti e Dinoir tinha 3 filhos com sua esposa. Ena há muito havia abandonado o envio de remessas para seu marido, enquanto Dinoir mandava tudo que sobrava do seu salário para o sustento dos seus filhos. Ena começou a ficar muito incomodada com a situação: “Dinoir não me dá um suco, Dona Luiza!”, exclamou Luiza imitando Ena para mim. Em razão desses desentendimentos, eles haviam se separado. Porém, dada a narrativa de Luiza, eu ainda não entendia porque o termino de Ena e Dinoir colocaria fogo no bairro com a maior concentração de haitianos

Luiza continuou contando que Mercina e Ena haviam mudado para um bom apartamento, muito mais espaçoso e confortável. Como era muito próxima a Mercina, Luiza não pode deixar de se preocupar com o aluguel alto que acarretaria na piora da qualidade de vida de Mercina e Luciana. Mercina sinalizou que estava tudo bem, dizendo que o novo namorado de Ena ajudava no aluguel contribuindo com o valor de 800 reais, mais da metade do valor mensal. Enquanto isso, segundo Luiza, Dinoir estava muito chateado, chorando para quem estivesse disposto a ouvir as suas saudades de Ena. Entretanto, observou a brasileira, depois de um mês, mais ou menos, os lamentos terminaram. Era julho, férias escolares de Luciana, mas não de Mercina. Por essa razão, ela se revezava com Ena nos cuidados da criança, já que a amiga tinha um horário de almoço mais flexível e dias inteiros de folga. Em um desses momentos no qual Luciana estava sob a responsabilidade de Ena, o namorado da haitiana, que a ajudava a pagar o aluguel, passou na casa para uma visita. Em uma ocasião em que esperava encontrar apenas a haitiana e Luciana, ele se deparou com Ena junto a Dinoir. Segundo Luiza, isso teria desencadeado uma briga grande entre o ex-namorado e o atual namorado de Ena, numa cena que teve Luciana como testemunha, sozinha e chorando em um canto.

Quando ficou sabendo de tudo isso, e pensando na situação a qual sua filha foi exposta, Mercina decidiu deixar a casa em que vivia com Ena, pois não poderia confiar mais na amiga. Luiza continuou a narrativa me contando que, depois da briga, Ena se resolveu com seu namorado, que continua ajudando com os seus gastos, mas que de vez em quando ainda se encontra as escondidas com Dinoir, e, por essa razão, o Zabani pegaria fogo. Luíza, que era muito mais próxima de Dinoir e da Mercina, estava muito brava com toda situação. Dizia ela que, se Ena gostava de Dinoir, não precisava ficar com outros homens só por dinheiro.

Mas o que se mostrou estar em jogo na relação era apenas dinheiro. Como foi apresentado até aqui, é possível verificar que o dinheiro não tem a função somente da manutenção da vida, de pagar a conta do aluguel, ou ao menos um suco, como reclamava Ena. O dinheiro, *larjan*, funda e reforça laços, cria demandas e obrigações, do mesmo modo em que essas demandas e obrigações, que em muitas vezes vêm através de afazeres domésticos e sexo, requerem algum comprometimento financeiro. Quando essa troca de cuidados não ocorre da maneira esperada, há a grande possibilidade de ruptura do casal, pois uma parte do acordo não está se cumprindo.

No entanto, temos que lembrar que estamos lidando com transmigrantes, ou seja, essas situações não ocorrem somente entre haitianos e em solo brasileiro. Outro movimento, também muito comum, é quando as remessas - substância que mantém as relações transnacionais - deixam de chegar à família do haitiano que veio para o Brasil em prol dos cuidados que ele passa a dedicar à namorada com quem se envolveu na diáspora. Porém, o marido desta mulher “abandonada” no Haiti tem, no país em que se instalou, relações estabelecidas com pessoas que possuem algum tipo de ligação com sua esposa, produzindo uma rede na qual ela vai ficar sabendo a razão do não recebimento do dinheiro com o qual conta para o sustento dela, da casa e dos filhos.

Foi o que aconteceu com Wilmener. Nunca chegamos a conversar, pois ela era grande desafeto de várias haitianas pelos problemas que havia tido em alguns de seus trabalhos e que haviam resultado em sua demissão e de outras haitianas. A história de Wilmener começa com o nascimento de Luciana, a qual contarei detalhadamente mais adiante. A mãe de Luciana, Mercina, no momento do nascimento da menina, tinha uma rede restrita de ajuda que contava com poucos haitianos que falavam o português, entre eles, Frank. Frank é um homem que tem entre 50 e 60 anos, alto, forte e tido como bonito dentro do círculo das haitianas. Com toda certeza, se destacava entre os outros haitianos que vinham visitar Mercina e ajudá-la a entender o que estava acontecendo no hospital

com ela e com sua filha. Frank conquistou admiração e depois o coração de uma das enfermeiras do hospital. Eles começaram a sair. Ela frequentava a casa dos haitianos e era muito querida por eles. Ambos estavam tão próximos, que, como me contam e recontam, Frank “se esqueceu” de sua esposa e filhos. Ele, porém, não foi esquecido por sua esposa. Wilmener ficou sabendo sobre a nova namorada de Frank, reuniu dinheiro com sua família e veio para o Brasil em pouquíssimo tempo.

Passando a viver com sua esposa, Frank teve que terminar a relação com a enfermeira brasileira, que chegou a implorar, inclusive para Wilmener, para que pudesse manter seu relacionamento com Frank. De acordo com a descrição da cena, Wilmener não quis, nem mesmo, que traduzissem o que a brasileira dizia, de joelhos e chorando muito. Wilmener se manteve categórica: aquele era seu marido e as obrigações dele eram com ela. Ele e a brasileira não se veriam nunca mais. E assim foi feito. Wilmener cobrava constantemente a presença de Frank, impossibilitando qualquer espaço e tempo para o envolvimento com outra mulher, retrazendo e reativando a rota do dinheiro ganho no Brasil para o Haiti, para seus filhos e para os parentes que administram a vida das crianças.

2.3 Sobre economias da intimidade na *diáspora*

Ao passar pelas histórias de Claudia, Alina, Mirlene, Ena e Wilmener, a relação de Eloise com seu namorado se torna um exemplo de como afeto, sexo e dinheiro se relacionam na *diáspora* haitiana. Como transmigrantes, as haitianas que fazem parte da pesquisa pensam nas relações amorosas nos termos em que elas se estabelecem no Haiti: o “prover” é um atributo da masculinidade, um sinal de cuidado e de interesse de que a relação se mantenha. Como visto, ele pode vir como um presente, uma ajuda em uma situação de emergência, como aluguel, como cama ou comida, não tendo necessariamente a mulher como destinatário final, como no caso de Eloise, em que foi seu irmão um dos receptores da ajuda de seu namorado.

No entanto, quando na *diáspora*, o fluxo de obrigações e ajuda se configura de um modo diferente. Apresentei para Phahidra a questão do prover e do cuidado como “obrigações” masculinas e ela concordou que os haitianos cuidam de suas namoradas e esposas, as presenteiam e dão a elas tudo o que precisam. Mas quando questionada se isso acontecia no Brasil, Phahidra respondeu, depois de pensar um pouco, que isso não era

possível aqui. Estando no Brasil, com a moeda desvalorizada em relação ao dólar³⁰, sendo empregados em serviços de baixa remuneração em relação a um alto custo de vida, os haitianos que vivem em Santa Barbara d'Oeste não tinham condições de manterem suas companheiras.

Elas, por sua vez, também precisavam arrumar trabalho, contribuindo financeiramente com a casa. Entretanto, os cuidados com a casa, com as roupas e com as crianças não são redistribuídos pelo casal. A mesma situação é narrada por Zelizer (2009, p. 184) a partir da pesquisa de Levitt (2001)³¹ sobre transmigrantes dominicanos nos Estados Unidos. Zelizer (2009) mostra como antes das migrações os orçamentos familiares da maioria dos casais dominicanos eram controlados pelo homem, até mesmo quando a esposa contribuía para renda. Como na história de Claudia, a renda da mulher, até então, tinha um fim supérfluo. Contudo, estando em outro país, produzindo uma renda próxima a do marido, as contribuições começam a se equalizar e a esposa a contribuir com bens mais duráveis.

A autora verifica o aumento da autonomia feminina e um descompasso nas relações de gênero pois, para os casais dominicanos, as práticas orçamentárias eram um ponto onde executavam transformações nas relações entre gêneros. Para Gramuck e Pessar (1992, p. 158), “é comum [que a estratégia financeira] crie um conflito entre marido e esposa, a qual traçou um trajeto financeiro oposto”. Com isso, as negociações as vezes falham resultando na separação do casal, como no caso de Ena, que não queria mais cuidar de Dinoir por não ganhar nem um suco dele. Tal como ela, outras haitianas que conheci durante a pesquisa mudavam de namorado, mantinham mais de uma relação, “traíam” seus parceiros que ficaram no Haiti ou na República Dominicana, procurando assim, uma relação mais próxima daquela que Claudia havia apresentado como sendo a ideal.

Eloise, durante o período em que convivi com ela, não se relacionou com outra pessoa e manteve um contato intenso com seu namorado via mensagem no aplicativo WhatsApp, além de realizar, com certa frequência, conferências pelo Skype. Nessas conversas, *larjan* (dinheiro) estava presente quase sempre, sendo possível compreender que o fluxo de remessas não se extinguiu com a vinda de Eloise para o Brasil, assim como a proposta de que a moça, algum dia, fosse morar com seu namorado em Atlanta.

Sendo assim, o dinheiro é uma substancia importante em um relacionamento

³⁰ Por se tratar de um país com muitos migrantes que vivem nos Estados Unidos, os haitianos, em seu cotidiano, pensam suas transações financeiras em relação a moeda estadunidense.

³¹ Levitt, Peggy (2001). *The Transnational Villagers*. Berkley: University of California Press.

amoroso entre as haitianas e seus companheiros, tanto na *diáspora* quanto em seu país. É seu fluxo transnacional que permite verificar se uma relação continuava se mantendo na imigração ou se uma nova relação se configurou na *diáspora*. Quando o fluxo diminuiu ou foi cortado de vez, como indica pela estória de Wilmener, era um claro sinal de que o dinheiro está sendo redirecionado, podendo indicar uma traição. O exemplo claro disso é Ena que, ao estabelecer uma convivência cotidiana íntima, exigia que o dinheiro de Dinoir deveria ser dado à pessoa que cuidava dele (no caso, Ena) e não enviado para a esposa que não estava mais cuidando de Dinoir.

Descrito desse modo, fica claro que não estamos falando de mulheres “interesseiras” que buscam em seu companheiro um provedor ou de mulheres “submissas” que, ao receberem dinheiro de seus companheiros, passam a ser suas empregadas. Estamos falando que as escolhas das haitianas são um pouco mais complexas que essa polarização e julgamento. Como procurei mostrar, o dinheiro faz parte da negociação da intimidade e há uma agência muito clara dessas mulheres quanto a seus afetos ao escolherem se manter em uma relação à distância em que a garantia financeira se torna a garantia da manutenção da relação. Há também a preferência por não permanecer em uma relação, como no caso de Claudia, considerando que se a mulher fosse provedora de seu próprio sustento, ela e seu companheiro seriam julgados pela incapacidade dele de prover a ela, fazendo assim que ela tivesse que escolher outro companheiro, mesmo não havendo grande afeto, para que ela fosse cuidada.

Em suma, nesse capítulo analisei como, ao agenciar suas relações íntimas, estando na *diáspora* ou permanecendo no Haiti, as haitianas estão “otimizando” seu tempo e suas funções em razão de um cálculo que envolve sentimentos, suas tarefas cotidianas e dinheiro em razão de uma melhor qualidade de vida e de uma relação moralmente prescrita entre os seus nacionais.

CAPÍTULO 3 - MATERNIDADE NO COTIDIANO TRANSNACIONAL

Na busca de compreender a diáspora e as principais motivações da vinda das haitianas para Santa Bárbara d'Oeste, tracei no primeiro capítulo as principais redes migratórias pelas quais as haitianas chegaram no município onde realizei minha pesquisa. Os primeiros nós de rede que conectam o Haiti (e suas várias regiões e cidades) à Santa Bárbara d'Oeste são os dois *brokers* brasileiros que foram até Brasileia³² contratar haitianos para trabalhar na região. Chapelete, dono de uma empresa de construção civil, contratou haitianos para trabalharem como pedreiros e Luíza, operadora logística que compra flores para supermercados e floriculturas em uma cooperativa, contratou alguns haitianos para trabalharem em um supermercado para o qual ela prestava serviço. Além desses, Luíza se comprometeu a levar mais quatro haitianos que não faziam ideia de onde ela vivia, mas confiaram nela e pediram para que os levasse para onde quer que ela fosse.

Essas três redes de haitianos que vieram para o estado de São Paulo eram exclusivamente compostos por homens. Conforme instalavam-se em uma casa, encontravam trabalho e verificavam *possibilidades* de prosperar no Brasil, e se assim conseguissem, chamavam então seus amigos, irmãos, vizinhos, além de suas irmãs, tias, primas e amigas para, num momento seguinte, chamarem suas esposas. Como detalhado no segundo capítulo, o “amor romântico” é uma via de novos fluxos de pessoas e remessas que acaba por reconfigurar relacionamentos no Haiti e no Brasil. No entanto, não se pode definir a reunião familiar ou o início de uma relação amorosa como os únicos motivos de todas as haitianas migrarem. No período em que estive em contato com essas mulheres, pude verificar com cuidado outro aspecto dentre os pretextos que trazem as haitianas para o Brasil. As mães sem um relacionamento amoroso que implicava obrigações de trocas econômicas, migravam para o Brasil em busca de meios para criar os filhos deixados no Haiti.

Dando continuidade à reflexão do capítulo anterior, atentando-me aos aspectos do cotidiano da *diáspora*, procuro discutir nesse capítulo alguns acontecimentos que marcaram as vidas e os corpos de Marli, Mercina e Rose.

Em recepções informais em suas casas, essas três mulheres mostraram o lado mais

³² Cidade fronteira brasileira localizada no Acre, referida pelos haitianos como “refúgio”. Os primeiros haitianos que chegavam ao Brasil, sem referências de parentes, amigos ou possíveis localidades onde pudessem se estabelecer, ficavam no “refúgio” a espera de empregadores que os contratassem e os instalassem.

vulnerável entre as haitianas com quem convivi. Enfrentando trabalhos precários, o racismo em sua violência mais diluída e corriqueira como ele ocorre no Brasil, essas três mulheres me falam sobre as possibilidades de “ser mãe” em contextos em que o “prover” e o “cuidar” não podem ser feitos presencialmente e no dia-a-dia. Seguindo o esforço metodológico de Glenn (1994), vejo nas possibilidades que essas haitianas me apresentam, um “ser mãe” como relacionamento variável histórica e culturalmente

em que um indivíduo provê e cuida de outro. *Mothering* ocorre em um contexto social específico em que variam os termos de recursos materiais, culturais e constrangimentos. Como a maternidade é concebida, organizada e realizada não é simplesmente determinado por estas condições, no entanto. *Mothering* é construída por meio de ações de homens e mulheres dentro de circunstâncias históricas específicas e não biologicamente construídas (GLENN, 1994, p. 3 – **tradução minha**)

Na coletânea em que esse texto se encontra³³, o movimento das organizadoras e das demais autoras dos artigos³⁴, além de expandir a definição de “maternidade” construída no século XIX e XX nos Estados Unidos em torno da mulher branca de classe média e dona de casa, é também o de recolocar a questão do “ser mãe” em outros contextos de classe e raça, e nesse movimento, outras facetas da maternidade ligadas, por exemplo ao que se refere a trabalhar fora³⁵, apareceriam e trariam pontos importantes que atingem uma grande população no mundo. Nesse capítulo, através de temas como trabalho, racismo e novos meios de comunicação, pretendo refletir sobre a maneira pela qual as histórias das haitianas com quem trabalhei colocam novas possibilidades de se pensar a maternidade, trazendo essa maternidade

“marginal” para o centro da reflexão (GLENN, 1994, p.5).

Devido a migração se tratar de um aspecto recente na vida dessas haitianas, analiso o seu cotidiano pelos códigos culturais que elas trazem das regiões em que viviam, em que as três mulheres com quem conversei são consideradas “marginais” em relação ao próprio sistema haitiano de parentesco, visto que elas não possuem marido e nem pais que

³³ Glenn, Evelyn N.; Chang, Grace; Forcey, Linda R. *Mothering: Ideology, Experience, and Agency*. Routledge, New York. 1994.

³⁴ Eileen Boris, Linda M. Burton, Grace Chang, Barbara Christian, Patricia Hill Collins, Linda Rennie Forcey, Evelyn Nakano Glenn, E. Ann Kaplan, Ellen Lewin, Margaret K. Nelson, Barbara Katz Rothman, Denise A. Segura, Stephanie J. Shaw, Rickie Solinger, Carol B. Stack, Susan L. Tananbaum, Sau-Ling C. Wong.

³⁵ “Working at motherhood: Chicana an Mexican immigrant mothers and employment”, Denise A. Segura

as auxiliam financeiramente na criação de seus filhos. O fato delas já terem sido casadas desobriga seus pais a ajuda-las, e como vimos no capítulo anterior, a obrigação de “prover” em um núcleo familiar vem do marido e pai. Com essa figura ausente, Marli, Rose e Mercina, com poucas oportunidades de serviço no Haiti e devido “ser mãe” de mais de uma criança, sentiram que migrar para o Brasil sozinhas traria boas oportunidades para as suas vidas.. E é a partir das histórias dessas mulheres que desenvolverei as temáticas abordadas nesse capítulo.

3.1 As remessas e o trabalho com o lixo

Em campo, meus dias geralmente começavam com a ida até a casa de Mercina. Por ser uma das haitianas mais próximas de Luíza, ela se tornou um nó essencial da trama que eu traçava em campo³⁶ que transferia, de certo modo, a confiança que os haitianos tinham em Luíza para mim. Além disso, em sua vizinhança, estavam várias casas de haitianos, sendo mais fácil estacionar o carro em frente à sua casa e seguir o campo a pé. Na tarde de 14 de junho de 2015, um sábado, foi um desses dias que segui para a casa de Mercina. Sai do carro e vi uma grande aglomeração em frente à casa. Naquele dia, o culto haitiano do Pastor Eddy³⁷, da cidade de Domingos, estava acontecendo na garagem. Ao lado da garagem, no corredor já lotado de roupas de adultos masculinas e femininas estendidas, estava Mercina lavando a roupinha de Luciana, sua filha caçula. Perguntei se Marli estava e Mercina, com um sorriso, me apontou a edícula no fundo da casa.

Além de Mercina e Luciana, mais três famílias residiam nessa casa, totalizando oito pessoas: o cunhado de Mercina e um primo deste, um casal que havia mudado a pouco para Santa Barbara d’Oeste e Marli e José. Havia 3 cozinhas na casa, além de 4 banheiros, o que dava certa privacidade aos moradores, que tinham somente um grande corredor lateral - no qual Mercina trabalhava naquele dia - como a única ligação entre as casas e como único acesso à rua. Desci esse corredor, dei um beijo em Luciana, que brincava ao final dele, e encontrei dois haitianos conversando com José enquanto este tinha o cabelo trançado por Marli. José e Marli deram um sorriso e me disseram para entrar e me sentar. Os dois haitianos foram embora e o casal perguntou se eu faria a entrevista naquele dia.

³⁶ As tramas que tracei em campo foram foco do primeiro capítulo da dissertação.

³⁷ Esses eram cultos evangélicos ministrados em crioulo haitiano. Eles se passavam em cada semana na casa de um haitiano diferente, geralmente pertencente ao mesmo bairro.

Nós havíamos nos conhecido na semana anterior, momento no qual combinei com eles a entrevista que gostaria de fazer com Marli.

A casa de Marli estava limpa, com a comida pronta. A *konpa* tocava no computador de José, sendo que este tinha aberto, em seu navegador, a página da rede social *Facebook*, local em que José mantinha algumas conversas em andamento. Sentei-me e ela me perguntou se poderia continuar trançando os cabelos de José, ao que eu respondi que sim. Marli tinha 35 anos mas aparentava ser mais nova. Seus cabelos estavam presos em pequenas tranças que se juntavam em um rabo baixo. Como ela entendia pouco o português, pediu para que José ficasse para traduzir a entrevista. Vi que ela ficou mais à vontade com seu companheiro por perto, então disse a ela que não seria um problema. Ela me contou que a vida não era nem boa e nem ruim no Haiti. *Pa pi mal*. Ela fazia comércio, era uma *madanm sara*, descrita por eles como uma função parecida com a de "sacoleira" no Brasil. Elas são comerciantes que garantem a oferta de produtos de boa parte dos mercados de Porto Príncipe e de outras cidades centrais para a economia do Haiti. Elas conectam as cidades mais centrais com as regiões rurais do país e são responsáveis, muitas vezes, pelos circuitos entre Haiti e a República Dominicana, Estados Unidos e Panamá (THOMAZ, 2010).

Marli chegou ao Brasil no final de 2013 pela cidade de Brasileia, depois de uma difícil viagem pelo Peru. Quando perguntei a ela sobre como se sentiu na viagem, ela me respondeu: "em um país que tem "*pè*" ("medo", em crioulo haitiano) no nome, eu não poderia ter me sentido diferente". Ela descreve que foram recorrentes as vezes em que o ônibus que atravessava o país era parado pela polícia peruana e eram feitas "revistas" nos haitianos, que perdiam todo o dinheiro que carregavam consigo no processo. José narrou que chegou a ser preso por não ter dinheiro para dar aos policiais.

De Brasileia, José e Marli seguiram para Cascavel, no Paraná, onde se encontraram e começaram a namorar. Lá, José tinha um emprego que perdeu depois de algum tempo. Marli nunca conseguiu achar um. Foi um amigo de José que lhe contou sobre o município de Santa Barbara d'Oeste.. Sem o trabalho de José e sem a perspectiva de Marli conseguir um trabalho os dois voltaram a migrar, agora para São Paulo. Chegaram no interior paulista em abril de 2015. No momento em que conversávamos, José se encontrava empregado, mas Marli não. Ele sustentava a casa que os dois dividiam no Brasil além de ajudar seus dois filhos que ficaram no Haiti. Seria um cenário comum se, primeiro, o casal estivesse

no Haiti e segundo, se os filhos fossem de Marli. Como esse não era o cenário que se configurava, Marli estava muito desconfortável com a situação.

As haitianas mais jovens almejavam isso: ter todos os custos bancados pelo companheiro. As mais velhas me narravam suas experiências no Haiti nas quais maridos e companheiros pagavam quase tudo para suas esposas, namoradas e amantes, ajudando, inclusive, a cuidar de filhos que não fossem seus. Quando questionadas se no Brasil isso também ocorria, elas diziam que não. Por mais que esse fosse seu ideal de uma relação, "todo mundo que está fora é para trabalhar", como me conta Phahidra, e para Marli não seria diferente. Marli, que residia na periferia da capital do Haiti, desistiu dos últimos anos de escola para se casar. Com isso, perdeu o contato com o pai, que não aceitou o casamento da filha aos 17 anos.

O marido de Marli construiu uma casa e eles tiveram três filhos. Quando seu filho mais novo tinha poucos meses de idade, o casal se separou. Ela ficou com a casa e com as três crianças para sustentar.

Marli chegou a trabalhar costurando uniformes escolares, mas conseguiu ter mais sucesso ao trabalhar com comércio. Chegou a namorar mais um moço, mas o relacionamento também não deu certo. "A vida foi ficando mais difícil", como ela me disse. Quando sua filha mais velha completou 14 anos, Marli pediu para a irmã, que morava na França, para cuidar da menina. No entanto, a situação financeira não melhorou. Foi quando ela ouviu no mercado sobre o Brasil. Ela então juntou suas economias com dinheiro de seus familiares, deixou os outros dois filhos aos cuidados de outra irmã que residia no Haiti e veio para o Brasil. No dia em que conversávamos, a única renda que auxiliava as crianças era a que vinha do aluguel da casa no Haiti.

Duas semanas depois dessa primeira conversa, retornei à casa de Mercina. Marli estava na porta da cozinha da amiga. Tinha em sua face um aspecto mais cansado, marcado por suas olheiras mais intensas. Ela me contou que havia conseguido um emprego na empresa Reciclagem S.A., local em que muitas haitianas trabalhavam. Perguntei se ela estava feliz com isso e a resposta foi um longo suspiro e um aceno negativo com a cabeça: "Mas preciso do dinheiro pro Haiti. Não tem como dizer não pra trabalho.". Na cozinha de Mercina, dividi o prato que a dona da casa tinha feito de seu *boullion* para mim com Luciana, enquanto Marli encerrou o assunto com Mercina e desceu para sua casa. Depois de conversar algumas amenidades sobre a escolinha de Luciana, fui à casa localizada no final da rua, pertencente à Phahidra, com quem iria

conversar naquele dia. Chegando lá, fui recebida com sorrisos e abraços pelas moradoras da casa, que lavavam roupas na garagem e gritaram por Phahidra. Ela saiu e nos sentamos no sofá que ficava na garagem. Enquanto olhávamos o movimento da rua, vi José indo ao mercado e logo me lembrei de Marli. Perguntei à Phahidra porque tantas mulheres trabalhavam e odiavam seus trabalhos na Reciclagem S.A.

“Entra e sai muita gente de lá. Ninguém vai te contar, mas lá dá um pouco de medo trabalhar, porque tem homens com armas e tudo. E o trabalho é horrível. Elas trabalham com lixo”. Falei que reciclagem não era lixo, eram vidros, plásticos e papéis que deveriam ser separados. Com um aceno negativo de cabeça, Phahidra continuou: “Fralda é reciclável? Papel higiênico é reciclável? Cachorro morto é reciclável? Eu acho que não. Isso tudo é lixo”. Tive que concordar com ela. “Eu não trabalharia lá. Eugini me contou que todas as mulheres se sentam ao chão, com suas próprias roupas, avental, luvas e uma máscara. Abrem as pernas e um homem vem e despeja o lixo no meio delas e elas começam a separar o material reciclável do lixo. E vem muito bicho, verme, coisa estragada no meio. Eu não trabalho com isso não!”.

Phahidra, tinha 23 anos no dia em que conversávamos. Ela era considerada pelos outros haitianos como uma menina, como uma adolescente que saíra a pouco da infância, e assim como outras jovens haitianas solteiras e sem filhos de Santa Barbara d’Oeste tem uma maior liberdade de escolher seus empregos. Durante os quatro meses que eu estava em campo, Phahidra ficou três deles desempregada procurando por um emprego em que ganhasse melhor, em que tivesse melhores condições de trabalho. Marli, assim como Mercina e Rose - e outras haitianas -, tinha poucas opções e muita urgência. Diferentemente de Phahidra, que tinha uma vasta rede de ajuda, incluindo mãe, pai, tios e irmãos, e que não tinha obrigação de enviar remessas e ajuda a algum dependente seu que estivesse no Haiti - o que permitia a ela ter mais tempo para selecionar o seu trabalho -, Marli precisava sustentar quase que totalmente sozinha sua vida no Brasil pagando aluguel, contas e alimentação, além de sustentar seus filhos que estão longe e auxiliar as pessoas que se prontificaram a cuidar de suas crias. Sua *localização social* a posiciona em um espaço muito mais definido e sem muitas possibilidades de mobilidade.

As poucas mulheres jovens e solteiras com quem tive contato (uma delas Phahidra) vinham para o Brasil para estudar e trabalhar, tornando assim a qualificação profissional um outro motivo das haitianas migrarem. Entre as haitianas, as jovens são assim definidas menos no sentido da faixa etária e mais no sentido da *localização social*, pois eram

mulheres solteiras, sem filhos, com uma vasta rede de ajuda que incluía remessas de parentes que residem principalmente na República Dominicana e nos Estados Unidos. Diferente de Rose, Marli e Mercina, as três mães haitianas as quais divido parte de suas histórias nesse capítulo, Phahidra e Claudia, vieram para o Brasil não porque a vida estava difícil no Haiti, mas porque ouviram que aqui, além de trabalhar, elas poderiam estudar em instituições brasileiras. Essa era a principal vantagem para estas jovens na escolha do Brasil ao invés dos Estados Unidos, local em que só poderiam estudar se possuísem o *Green Card*³⁸. Ou seja, o trabalho não era uma prioridade na trajetória de migração dessas jovens, diferentemente das mães que estão nesse capítulo e das outras mães que não tem marido e não podiam contar com a ajuda de seus familiares e que precisavam enviar a remessa para sustentar seus filhos que ficaram no Haiti.

Quando se trata do mercado de trabalho, a única “vantagem” que Phahidra tem sobre Marli diz respeito somente ao tempo que ela tem para selecionar um emprego, mas não diz respeito aos tipos de emprego que são ofertados às haitianas e haitianos que estão vindo ao Brasil. No decorrer da pesquisa acompanhei, através de várias reportagens, a precariedade dos trabalhos atribuídos aos imigrantes haitianos³⁹. Em duas dessas publicadas por dois jornais distintos, em datas apartadas, são narrados o sentimento de indignação dos haitianos diante das possibilidades e condições de trabalho que encontram no Brasil, comparando tais condições ao trabalho escravo, assim como conta Robert ao jornal televisivo dominical da Rede Globo, o

“Fantástico”⁴⁰.

³⁸ O Green Card se refere ao processo de imigração para qualquer estrangeiro nos Estados Unidos se torne um residente permanente. O Green Card serve como prova de que o seu titular é um residente permanente legal (lawful permanent resident - LPR), ao qual foi concedido oficialmente benefícios de imigração, que incluem a permissão para residir e ter um emprego nos Estados Unidos.

³⁹ Entendo *trabalho precário* a partir da definição de Hirata (2009), que traz, através das pesquisas realizadas sobre o trabalho e o desemprego em âmbito internacional, três indicadores do trabalho precário: 1) ausência de proteção social e de direitos sociais, inclusive de direitos sindicais; 2) horas reduzidas de trabalho, que resultam em salários baixos e que levam frequentemente à precariedade; 3) níveis baixos de qualificação: a ausência de qualificação formal e a conseqüente baixa renda levam, em inúmeros casos, à precariedade e ao desemprego. Esses indicadores direcionam-se para uma marcada divisão sexual da precariedade, já que as mulheres são mais numerosas do que os homens tanto no trabalho informal quanto no trabalho em tempo parcial, além do número inferior de horas trabalhadas e de níveis mais baixos na escala de qualificação (Hirata, 2009).

⁴⁰ “Robert tem quatro filhas. Professor de matemática no Haiti, em São Paulo, ele conseguiu emprego de operário, mas não gostou do que viu. “Encontro muitas injustiças. Muitos brasileiros ou brasileiras consideram os haitianos, nas empresas, como escravos”, afirma.”. Imigrante diz que muitos brasileiros consideram haitianos como escravos. Em: <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2015/07/imigrante-diz-que-muitos-brasileiros-consideram-haitianoscomo-escravos.html>. Acesso em: 07/03/2016.

“Laurie Jeanty: Alguns brasileiros usam os haitianos, eles não têm direitos iguais aos dos outros empregados. Nem todo mundo é assim, mas alguns [empregadores] manipulam bem. Alguns tratam os haitianos como escravos. Eles não conseguem fazer nada quanto a isso, como vão conseguir ajuda, se não

Os trabalhos em que os haitianos se empregam são descritos por empregadores voluntários e outros brasileiros como “serviços que os brasileiros não querem fazer”. Esse movimento é definido por Sayad (1998) como o paradoxo da alteridade, uma vez que esses trabalhos são um recurso para quem migra, na tentativa de melhoria, mas também são um recurso a ser explorado pelo capital desejoso de força de trabalho. No entanto, as formas de inserção do imigrante nessas condições são marcadas pela tensão, e por mais que ele viva em um lugar, será sempre um estrangeiro. Glick-Schiller (2009) também fala desse paradoxo da imigração em que as transferências financeiras de migrantes tem figurado em políticas de poderosas instituições do globo, sendo que o próprio Banco Mundial declarou que as remessas dos migrantes se tornaram o novo agente do desenvolvimento. Entretanto, Glick-Schiller (2009) verificou um descompasso entre este discurso com o discurso de políticos, imprensa e opinião pública, que retratam os migrantes transnacionais como ameaças à segurança nacional.

Nessa lógica, afinal, o que é um imigrante? Sayad (1998) define um imigrante essencialmente como uma força de trabalho - e uma força de trabalho provisória temporária, em trânsito. Em virtude desse princípio, um "trabalhador imigrante" se torna quase um pleonasma (SAYAD, 1998, p. 54). A análise do autor é categórica em relação à dicotomia imigração e trabalho, sendo que essas duas complementam-se e a primeira só tem sentido quando contemplada pela segunda, pois um imigrante só tem razão de ser no modo do provisório e com a condição de que se conforme ao que se espera dele. Ele só está aqui e tem sua razão de ser pelo trabalho e no trabalho, porque se precisa dele, enquanto se precisa dele, para aquilo que se precisa dele e lá onde se precisa dele (SAYAD, p. 55).

No entanto, a definição do trabalho do imigrante como uma força de trabalho provisória e precarizada deve ser ainda mais aprofundada quanto à ideia de que alguns dos empregadores escravizam esses haitianos. Primeiro, pois como afirma a reportagem e como foi narrado no campo em Santa Barbara d'Oeste, aqui no Brasil muitos haitianos,

sabem falar bem a língua portuguesa? Não tem ninguém para interagir, não tem ninguém para falar por eles.” 'Alguns brasileiros tratam os haitianos como escravos', diz organização de defesa dos imigrantes. Em: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/samuel/43152/alguns+brasileiros+tratam+os+haitianos+como+es+cravos+diz+organizacao+de+defesa+dos+imigrantes.shtml><http://operamundi.uol.com.br/conteudo/samuel/43152/alguns+brasileiros+tratam+os+haitianos+como+es+cravos+diz+organizacao+de+defesa+dos+imigrantes.shtml>. Acesso em 07/03/2016.

assim como outros estrangeiros, encontram trabalhos análogos ao escravo⁴¹. Além disso, como descreve

Fedo Bacourt, para a reportagem da Opera Mundi: “Tem alguns direitos do trabalho que os haitianos não recebem por falta de conhecer a lei do país. Nós temos que acessar os mesmos direitos [que os brasileiros]”. O segundo ponto que deve ser levado em conta quando se trata de os haitianos afirmarem que estão sendo empregados em “trabalhos escravos” no Brasil é o peso simbólico contido nessa resolução. Devemos lembrar que o Haiti, o “país mais negro das Américas”, se coloriu por meio das mãos dos "vingadores do novo mundo", como descreve Dubois (2004), antepassados desses imigrantes que agora estão chegando aqui.

A primeira e única revolução de escravos que teve sucesso nas Américas começou em 1791, quando milhares de escravos brutalmente explorados se levantaram contra seus senhores em Saint-Domingue, a colônia mais rentável no mundo atlântico do século XVIII. Dentro de alguns anos, os insurgentes escravos forçaram os administradores franceses da colônia a emancipá-los, uma decisão ratificada pela Paris revolucionária em 1794. Esta vitória foi um impressionante desafio à ordem das relações mestre/escravo em todas as Américas, incluindo o sul dos Estados Unidos, reforçando as esperanças mais ardentes de escravos e os piores temores de seus mestres. Depois de muitas batalhas, uma vitória decisiva sobre os franceses garantiu o nascimento do Haiti e da abolição definitiva da escravidão naquela terra. A independência do Haiti reformulou o mundo Atlântico, tecendo as histórias de escravos, de pessoas livres de ascendência africana, brancos ricos e administradores franceses em um conto inesquecível de insurreição, guerra, heroísmo e vitória. Dubois (2004) estabelece a Revolução Haitiana como um momento fundamental na história da democracia e dos direitos humanos.

Essa vitória faz parte da vivência e embebe e ressignifica as experiências de seus descendentes. Estes dedicam atenção a cada vez que se sentem colocados em uma posição de exploração e não temem em denunciar, levando suas indignações quanto as condições de trabalho aos seus patrões, a figuras que tenham autoridade em ajuda-los, como o

⁴¹ De acordo com o artigo 149 do Código Penal brasileiro, são elementos que caracterizam o trabalho análogo ao de escravo: condições degradantes de trabalho (incompatíveis com a dignidade humana, caracterizadas pela violação de direitos fundamentais colocuem em risco a saúde e a vida do trabalhador), jornada exaustiva (em que o trabalhador é submetido a esforço excessivo ou sobrecarga de trabalho que acarreta a danos à sua saúde ou risco de vida), trabalho forçado (manter a pessoa no serviço através de fraudes, isolamento geográfico, ameaças e violências físicas e psicológicas) e servidão por dívida (fazer o trabalhador contrair ilegalmente um débito e prendê-lo a ele). Os elementos podem vir juntos ou isoladamente.

Ministério Público, aos jornais, que fariam de suas histórias públicas e aos voluntários brasileiros que lidam no cotidiano com os haitianos. Se somarmos esse “não se calar” ao fato de que, no Brasil, a maioria das oportunidades de trabalho que esses haitianos têm são racializadas, as relações estabelecidas entre patrão e trabalhador haitiano se tornam mais turbulentas. No caso das mulheres, isso fica ainda mais evidente quando o setor de serviços domésticos foi um dos únicos espaços no qual essas mulheres encontraram serviço. Os homens haitianos, entendidos como

“negros e fortes”, são empregados por tais características. Por sua dificuldade em se mover socialmente a procura de melhores oportunidades, são empregados em serviços com grande rotatividade, como siderurgia, frigorífico, ou outros empregos sem espaço de ascensão. Um haitiano de Santa Barbara d’Oeste disse que na siderúrgica em que trabalha “um haitiano equivale a cinco brasileiros”. No entanto, quando identificam que estão sendo explorados, os haitianos não hesitam em acusar que seus empregadores estão os escravizando. O marcador de raça e a desigualdade de classe, somados à “exploração” ,geram revolta entre os empregadores, que veem as acusações dos haitianos como sinal de ingratidão, uma vez que esses migrantes “nunca seriam empregados no Brasil” se não fosse pela “bondade” desses empresários. O marcador "raça" será retomado com mais profundidade na continuidade do capítulo. Por hora, é importante frisar que ele é um dos mais relevantes no que tange ao mercado de trabalho.

Todavia, o marcador “raça” não é único. Ao se fazer uma reflexão sobre trabalho, gênero e migração, é impossível não trazer para a discussão as questões que envolvem as mulheres migrantes pobres e racializadas dos países do Sul que se tornam trabalhadoras domésticas e trabalhadoras do *care*⁴² nos países do Norte (“países ricos”), questões presentes em várias investigações atuais. Handerson e Joseph (2015) fazem uma reflexão em seu artigo

“As Relações de Gênero, de Classe e de Raça: mulheres migrantes haitianas na França e no Brasil” sobre a trajetória de 4 mulheres haitianas - duas que migraram para a França e duas que migraram para o Brasil - que trabalham nos serviços de *care*. Para essas mulheres, a oportunidade de trabalho nesse tipo de serviço geralmente é recusável, a não ser quando se apresenta como única opção. Do ponto de vista dessas mulheres, as atividades que consistem na limpeza de objetos e de pessoas são consideradas sujas

⁴² Entendo o *care* como esse trabalho de cuidado à pessoa será considerado como parte do trabalho doméstico (gratuito ou pago), mesmo que o cuidado à pessoa seja uma atividade particular no setor doméstico.

(JOSEPH, 2011). O “trabalho sujo” (*sale boulot*), analisado por vários autores no setor do trabalho doméstico (Benelli, 2011), e o *care* (Molinier, 2004) são os principais aspectos da *decadência do status social* das mulheres migrantes haitianas.

Os autores colocam que esses aspectos materiais da decadência estão articulados com os aspectos simbólicos e devem ser levados em consideração para apreender em que medida o trabalho pode parecer degradante do ponto de vista delas. Algumas pessoas podem estranhar e se surpreender pelo fato de essas mulheres haitianas recusarem o setor doméstico -

“um trabalho digno”, alguns poderiam dizer. Mas, é importante compreender que essas mulheres haitianas assimilaram e interiorizaram essa desvalorização do setor doméstico, que é sobretudo social. No Haiti, esse tipo de serviço é desvalorizado, e as mulheres haitianas se referem sistematicamente à situação das empregadas domésticas no Haiti para criticar o desprezo associado ao serviço doméstico (HANDERSON e JOSEPH, 2015).

Mas o que acontece quando o referencial deixa de ser mulheres próximas, de um status inferior ao seu e que lidam com o serviço doméstico - como uma empregada doméstica -

, e passa a ser uma pessoa “realmente pobre” - como uma catadora - que manuseia o lixo dos outros para ganhar a vida, como me descreveu Claudia? É com esse tipo de comparação que muitas haitianas que trabalham com “lixo” lidam todos os dias. Por serem avaliadas por suas qualidades e não por suas qualificações, elas são empregadas no setor da separação da reciclagem. Se estas mulheres possuem ensino fundamental, médio ou superior, não importa. Não importa se falam três línguas ou no que elas trabalhavam no Haiti, o que importa aos empregadores são as qualidades consideradas, social e historicamente, inerentes e naturais a elas como mulheres, como atenção, cuidado e organização do espaço (FREITAS, 2010).

“Eu me sinto um lixo”, Marli me disse três meses após o nosso último encontro, em frente à casa de Mercina. Acabados os três meses de treinamento, a empresa de reciclagem a demitiu. Nesse dia, eu havia me dirigido à casa para falar com a irmã de Mercina e aproveitei para ver Marli. A encontrei, em pleno sábado, no meio da manhã, deitada no sofá, acordada, olhando para a tela do computador desligado. Seus cabelos não estavam mais trançados como de costume, estava de pijama, com olheiras profundas. Ela me deu um sorriso de olá. Eu a abracei e ela então me contou que havia sido demitida sem nem saber o porquê, mas que também não queria mais trabalhar lá. Se sentia como um lixo.

Depois, com lágrimas nos olhos, disse que precisava do emprego, por mais que não gostasse dele. O movimento que Handerson e Joseph (2015) viram em seus respectivos campos ficou evidenciado para mim: o da desvalorização do *self* que essas mulheres passam ao trabalharem em serviços desvalorizados e em pensar que essas são as únicas oportunidades que elas têm no país que escolheram viver.

No entanto, não era somente a consciência de Marli sobre o trabalho que ela tinha feito que fez com que a mulher se sentisse desvalorizada. O fato de ela não conseguir enviar as remessas aos seus filhos era motivo de grande parte da tristeza de Marli. Logo chegaria o aniversário do seu filho mais novo e ela não poderia enviar dinheiro para roupas novas. Não tinha conseguido comprar um celular para as duas crianças que ficaram no Haiti que ainda dependiam do telefone da avó para falar com sua Marli. Com a filha a mais velha que mora na França, Marli quase não tem mais contato, não podendo ajudar sequer com a comida dela. Esses foram problemas que encontrei não só com Marli, mas com outras haitianas que, por não conseguirem manter um emprego, não conseguiam manter o fluxo contínuo de remessas para seus filhos que ficaram para trás.

Lajan, ou o dinheiro, que aqui trago como remessa, é frequentemente o primeiro assunto a ser resolvido entre os haitianos que estão na *diáspora* e aqueles que ainda estão no Haiti. Mesmo entre mães e seus filhos que ainda não estejam na idade adulta, ele é o primeiro tema resolvido em ligações telefônicas, mensagens instantâneas ou em vídeo conferências. Isso porque o envio de remessa é um dos principais motivos dos haitianos migrarem. No caso das mulheres com filhos que não tem marido nem uma vasta rede de ajuda e que tem poucos recursos, trabalhar para enviar remessas foi o principal motivo para a vinda dessas mulheres para o Brasil. Quando se trata de remessa, não é só o prover a vida, mas é cuidar da vida de quem ficou.

Com isso, a remessa pode ser entendida como muito mais que um meio para alimentar, vestir e educar os filhos que ficaram para trás, ou como no caso de Marli, que também migraram para outros países. A remessa é uma *substância* que realiza a manutenção dos laços de parentalidade entre mães e filhos que estão distantes. Não digo que essas mulheres deixem de ser mães dessas crianças quando não dão conta de enviar remessas aos seus filhos, pois o sangue é mais forte que qualquer outra substância quando se trata da constituição do parentesco no Haiti, mas a remessa, pensada a partir da noção de *relatedness* de Carsten (2004), constitui e estrutura uma maternidade para essas mulheres a partir da qual Marli daria conta de prover tudo o que seus filhos precisassem:

comida, roupas, uniformes, sapatos, brinquedos, celulares, estudos e o que mais as crianças pudessem desejar e isso é uma parte de como uma haitiana da *diáspora* pode ser uma boa mãe.

Ao não conseguirem enviar o dinheiro da remessa, se coloca em jogo, para essas mulheres não somente da sobrevivência da criança que ficou para trás, mas o quanto elas se preocupam com seus filhos. A tristeza e o desgaste de Marli eram muito mais que mera frustração por não conseguir manter um trabalho no Brasil, processo maior inclusive do que aquele em que, de uma imigrante haitiana, Marli se transforma em “lixo”: se tratava também da incapacidade dela de cumprir com o principal propósito em ter vindo para o Brasil - o de cuidar de seus filhos.



Figura 11 - Corredor da Casa de Mercina

3.2 Mãe, mulher, negra, haitiana e desempregada no Brasil

Em 15 minutos, já havíamos praticamente acabado nossa conversa. Mercina, tão

próxima, pessoa que me abriu tantas portas para tantas outras haitianas, me contou praticamente toda a sua vida a partir da questão *como era sua vida no Haiti?* A resposta vem de prontidão: “eu vivi bem no Haiti”. Enquanto cortava os pedaços de mamão para sua filha caçula Luciana comer, Mercina continuou sua estória, que começa com seu casamento:

“Eu casei. Fiquei casada por 10 anos com ele e fiz quatro filhos pra ele. Depois desses 10 anos, ele teve um problema e estava a sofrer e depois morreu. Eu pensei, eu tenho quatro crianças, todas na escola privada, tenho que pagar todo mês a escola. Eu não tenho nada pra ajudar a cuidar das crianças. Enquanto eu pensava no que faria, um outro homem veio falar comigo. Eu namorei com ele. Depois, eu fiz sexo com ele e eu fiquei grávida. Eu, então, disse pra ele:

“eu estou grávida”. Esse homem agora está em Boston. Você sabe Boston? Depois que eu contei que estava grávida, ele ficou quieto. Não falou mais nada comigo. Não deu mais dinheiro pra ajudar com a comida, pra comprar nada. O homem me dava dinheiro quando a gente namorava e depois nada. Eu pensei, e pensei... eu tenho quatro crianças no Haiti, eu vou ter mais um, vou ficar com cinco! Eu pensei, pensei... ficou difícil pra mim no Haiti, não tinha nada pra cuidar das crianças.

Eu pensei: eu tenho um terreno. Então, eu vendi o terreno e aí eu vim pra cá. Saí do Haiti, passei pela República Dominicana. Da República Dominicana eu passei para o Panamá, de Panamá para o Equador, de Equador para Peru. No Peru passei em muitas cidades. Então, tombei no Acre e do Acre eu vim pra cá. Quando eu cheguei no Brasil eu estava há sete meses grávida. Depois de dois meses eu tive meu neném aqui. Eu fiquei 10 meses sem trabalhar porque depois que a Luciana nasceu, quando ela estava com quatro meses, a creche estava fechada. Eu esperei, esperei e depois de 10 meses a Luíza achou um trabalho pra mim. E agora eu estou a trabalhar. Eu tenho um ano a trabalhar. E em abril, quando eu tinha um ano a trabalhar, eu fui mandada embora, porque ela falou que não tinha mais trabalho. Agora eu estou sem trabalhar.

Lá no Haiti tá muito difícil, porque eu tenho quatro crianças e eu não tenho nada pra ajudar. Meu pai não tem possibilidade de cuidar de criança pra mim, não. Meu pai não trabalha agora. Meu pai trabalha na terra. Ele tem um pé que é doente, então só fica em casa. Só minha mãe que está a fazer alguma coisa, mas ela tem nove crianças, só quatro que estão casados. Tem que pagar a escola, porque, no Haiti, a escola do governo está difícil, todo dia tem greve. Só escola privada que está boa pra enviar a criança. Eu, todo mês, mando dinheiro pros meus filhos, pra ir pra escola, comprar comida, comprar tudo que necessita. Não mando muito dinheiro, porque eu trabalho, trabalho, trabalho e recebo 900 reais todo mês. E eu tenho que comprar fralda pra Luciana, comida pra ela e pra mim, pago a casa... A única coisa boa é que quando vou pagar o aluguel, tem sete pessoas morando aqui pra dividir. Aqui está bom, porque se eu alugo uma casa sozinha é 800 reais. É difícil, tá muito difícil.” (Diário de Campo, 15 de junho de 2015)

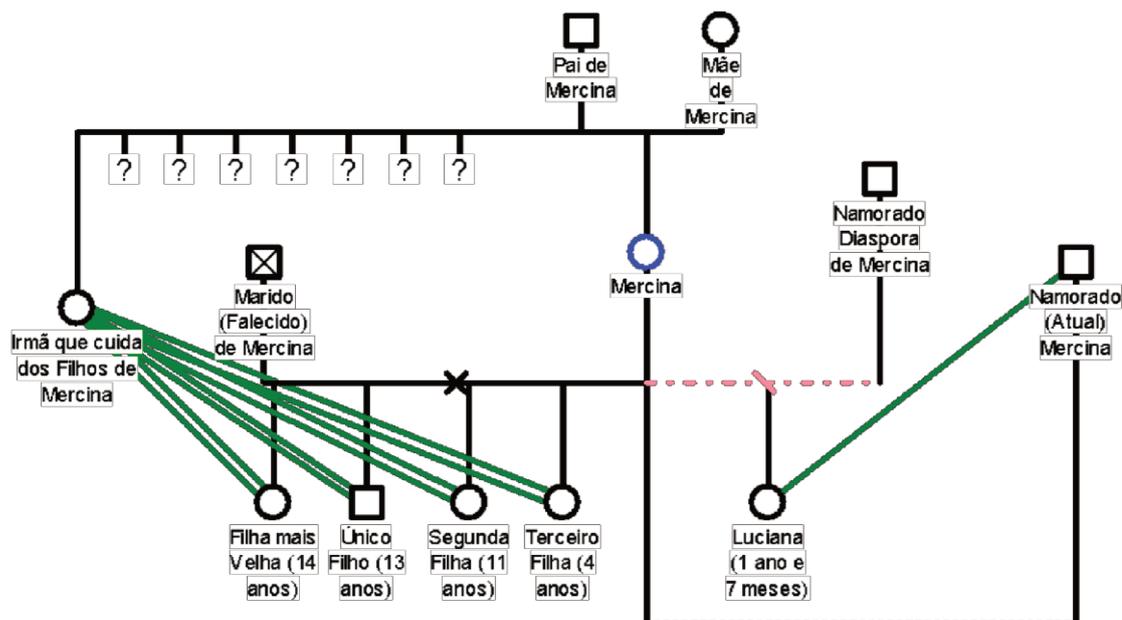


Figura 12 - Relações de Parentesco e Ajuda de Mercina⁴³

Mercina é de Gonaives, assim como a grande maioria dos haitianos que residem em

Santa Barbara d'Oeste. Se eu tivesse conversado com ela duas semanas antes, ela não teria me contado nem a metade do que me contou. No entanto, no momento em que conversávamos, tanto os haitianos como Luíza já haviam me contado a história de Mercina e Luciana. E ela sabia disso. Isso porque, os acontecimentos em torno do nascimento de sua filha foram muito marcantes, podendo ser entendidos como uma *situação social* (GLUCKMAN, 2009)⁴⁴, fazendo com que eu não fosse a primeira pessoa de fora da rede de Luíza a quem Mercina tinha que contar sua história. Quando encontrou pela primeira vez com Mercina, Luíza não sabia, mas a carteira de pré-natal registrava o tempo de gravidez de forma errada, marcando dois meses a menos. Ou seja, baseada nesse documento, Luíza achava que Mercina estava grávida de sete meses quando, na verdade, a haitiana já havia passado o nono mês de gestação.

“Luciana já ‘causava’ antes de nascer”, brincou Luíza⁴⁵. Em razão da confusão do registro na carteira de pré-natal, a brasileira, que era o único contato de Mercina no país, não teve como se organizar e estava trabalhando no momento em que a haitiana entrou em trabalho de parto. Assim, no dia do nascimento da “Lulu”, como era chamada a

⁴³ Legenda no fim do capítulo

⁴⁴ GLUCKMAN, Max. Análise de uma situação social na Zululândia moderna, 1958.

⁴⁵ *Causar* é uma gíria popular entre os jovens brasileiros, que significa agitar, bagunçar, chamar a atenção de todos. Como Luíza e Gabriel eram muito próximos a Mercina, Luíza reproduzia algumas percepções de seu filho sobre os haitianos.

pequena pela brasileira, Luíza pôde contar somente com a ajuda de seu filho, que tinha domínio do francês, para ajudar Mercina na hora do parto. Com 16 anos, Gabriel chegou a entrar na sala de parto, pois os médicos não conseguiam se comunicar com Mercina.

Após o nascimento da menina, um grande burburinho começou no hospital. Mercina, que estava assustada com toda a situação, não quis amamentar sua filha. A haitiana “não queria passar para a criança a sensação ruim” que o momento transmitia, como ela própria me narrou. Como o leite é uma substância muito importante no Haiti, ele pode, segundo as haitianas com quem conversei, passar os sentimentos e as sensações da mãe para a criança. Ao se tratar de uma recém-nascida, ainda muito frágil, somada ao fato que Mercina ainda se sentia insegura e tensa com a situação no hospital, ela pediu para que Gabriel, a pessoa que ela mais confiava no momento, desse a mamadeira para Luciana. Entretanto, era evidente que a mulher que estava internada era uma estrangeira, pobre, registrada como desempregada, negra que acabara de parir. Nascera um neném de cabelos ruivos, com textura crespa, e de pele branca.

Os burburinhos se alastraram pelo hospital de forma tão rápida e intensa que, como conta Luíza, quando ela estava para entrar de acompanhante no hospital, havia uma mulher sentada ao lado de Mercina, com um celular em mãos, perguntando a haitiana, através do *Google Tradutor*⁴⁶, se ela não gostaria de dar sua filha para ela. Luíza perguntou o que estava acontecendo e a mulher saiu. Mercina não sabia, não tinha como saber, mas era alvo de preconceito. Sua competência como mãe estava sendo contestada a cada hora que ela e a menina passavam no hospital. As especulações sobre o futuro de Luciana, nome escolhido por Gabriel para a menina, levaram o hospital a chamar o Conselho Tutelar de Santa Barbara d’Oeste.

Por meios legais - através do Conselho Tutelar - ou por meios ilegais - como a mulher desconhecida querendo levar a filha da haitiana consigo - as investidas sobre o futuro da menina apresentam elementos reveladores. Mercina não quis amamentar a criança e a atitude da mulher foi imediatamente entendida como um possível abandono. Assim como seus ataques de pânico, sua irritabilidade, o desânimo, a apatia, o cansaço constante e as alterações de apetite e sono. Todos esses fatores podem ser indicativos de depressão pós-parto, segundo sites especializados no tema⁴⁹. Nessa chave, a negativa em

⁴⁶ O serviço de *tradução* on-line gratuito do *Google* traduz instantaneamente textos e páginas da web. Ele pode ser baixado como um aplicativo e tem a opção de traduzir para e do crioulo haitiano. ⁴⁹ www.aleitamento.com/amamentacao/conteudo.asp?cod=731

amamentar poderia ser entendida como uma dificuldade em se apegar ao bebê, outro dos sintomas tidos indicativos. Mas, no caso da haitiana, essa possibilidade não foi aventada. Médicos, enfermeiros e administradores do hospital entenderam a situação como se a mulher rejeitasse a menina, uma vez que, sendo negra, migrante recém-chegada, sozinha e desempregada, ela se encontraria em uma situação de vulnerabilidade, tornando necessária a presença do Conselho Tutelar.

“Se fosse uma italianinha, com toda certeza não tinham chamado ninguém!”, me conta Luíza, indignada com o alvoroço em torno do nascimento da menina. A nacionalidade haitiana de Mercina tem não diz respeito somente a raça, mas a todos os preconceitos que existem em torno do Haiti, como um país de desastres naturais e extrema miséria. Ou seja, com poucos dados sobre aquela mulher, com o registro do tempo de sua gestação registrado em sua carteira de pré-natal com a data errada, desempregada, monolíngue, haitiana, sem marido ou parente próximo que pudesse tomar conta dela, Mercina foi entendida como uma mãe que rejeitava sua filha ao não amamentá-la.

“Foi nesse momento que a prefeitura de Santa Barbara d’Oeste soube que havia haitianos na cidade”, me contou a secretária de educação do município. Tanto essa secretária como o chefe do conselho tutelar e a secretária da providencia social - órgãos envolvidos no caso - fazem parte do movimento negro da cidade. O encontro entre o poder público municipal, movimento negro, haitianos e Luíza não foi tranquilo. Primeiro, porque era necessário saber se Mercina teria condições e queria criar sua filha. Segundo, porque todos queriam saber quem era Luíza e que vantagem a mulher tirava dos haitianos. E por último e não menos importante, era necessário para o movimento negro um diálogo com os haitianos para que estes tomassem conhecimento dos processos de racismo existentes no Brasil para que eles tivessem meios de lidar com as agressões que eram geradas a partir de eventos racistas.

Essa situação teve como desdobramento a abertura de um processo legal de definição da guarda de Luciana⁴⁷ para o qual Mercina foi intimada a depor. No dia de seu depoimento, a haitiana estava em posse de uma carta, escrita por Luíza, que tinha por intuito comunicar ao juiz a impossibilidade do depoimento devido ao fato da haitiana não compreender as questões que seriam feitas, já que estava há poucos meses no Brasil e não tinha domínio da língua. Esse envolvimento de Luíza fez com que ela fosse também

⁴⁷ Desde que comecei meu trabalho de campo até hoje, não tive conhecimento de qualquer outro processo de guarda aberto de forma semelhante com outras crianças haitianas nascidas em Santa Barbara d’Oeste.

chamada a depor em uma nova audiência para explicar a ajuda que prestava à Mercina e a outros haitianos.

O processo no Conselho Tutelar abriu precedentes para a investigação às ações de Luíza, que antes não eram de conhecimento público, ainda porque na época ela ajudava um número muito pequeno de haitianos na cidade de Santa Barbara d'Oeste. No momento de minha conversa com Mercina, passado um ano das duas intimações judiciais, tanto o processo da guarda de Luciana quanto a investigação sobre Luíza ainda não haviam sido concluídos e continuavam em andamento na Justiça. O primeiro no judiciário e, o segundo, no processo de investigação.

No entanto, quero focar a análise no último ponto do encontro que ocorreu entre o poder público/movimento negro e os haitianos: a tentativa de estabelecer um diálogo sobre o racismo no Brasil. Nesse diálogo, que aconteceu na Universidade Metodista da cidade, os haitianos discordaram do movimento negro, pois não enxergavam as ações de alguns brasileiros como racismo. Alguns haitianos diziam que haviam escolhido o Brasil por ser um país da igualdade em que não sofreriam nenhum tipo de violência em decorrência da cor de sua pele. “No Brasil não é igual à República Dominicana ou aos Estados Unidos. Quando eu morava em Santo Domingo, uns dominicanos atiraram uma lata vazia no meu rosto e gritaram: ‘vá embora, seu preto!’ Aqui não. Aqui todo mundo é legal, paciente com haitiano”, conta Dinoir, um dos haitianos que estava presente nesse encontro. “Além disso, tem muito preto no Brasil. Tem alguns que vivem bem!”, afirma Claudia. Nessas falas, fica claro que a ideia de uma democracia racial brasileira foi exportada para o Haiti e foi um dos pontos para que alguns haitianos preferissem vir ao Brasil e não para outros países em que o preconceito racial é mais violento em termos físicos. Por terem vivido ou por terem parentes que viveram situações em que só o fato de ser negro justificava a violência física, como é o caso de Dinoir na República Dominicana, a sutileza da maneira como o racismo opera no Brasil demorou a ser apreendida por esses migrantes haitianos. Mesmo que não apreendida por eles, eu presenciei incontáveis cenas em que o racismo parecia, a mim, evidente, como a vez em que esperávamos a abertura do Ministério do Trabalho para que dois haitianos tirassem a carteira de trabalho.

Havíamos chegado muito cedo e o local abriria somente à tarde. Assim, eu e mais três haitianos decidimos esperar em uma praça próxima, muito agradável e com muita sombra. Dois haitianos, um homem e uma mulher, conversavam em um banco, enquanto eu estava deitada a sombra em um segundo banco, e o outro haitiano, Cherry, se deitara a

sombra do banco seguinte. Ficamos lá por algum tempo, até que alguns funcionários responsáveis pela limpeza da praça acordaram Cherry e começaram a falar com ele. Eu não conseguia ouvir o que diziam, mas vi que pouco tempo depois, sob olhares de desaprovação, Cherry se levantou e foi se juntar aos outros haitianos. Assim que o haitiano se levantou, os funcionários passaram por mim sorrindo, me desejaram um bom dia e continuaram seu caminho: eu estava deitada na mesma posição e sob o mesmo tipo de árvore que Cherry, mas meu descanso não foi repreendido e interrompido como o dele.

Assim como essa cena, mesmo que a maior parte da violência racial presenciada por mim e narrada pelos haitianos aconteça na discriminação cotidiana, na evitação, na discriminação no trabalho, na desvalorização no mercado sexual, ou seja, em pequenos olhares, atitudes e comentários que não saem do ordinário, não se pode esquecer daqueles casos de agressões que chegaram a ser físicas contra imigrantes negros. O sociólogo Vargem (2015)⁴⁸ contabilizou os seguintes casos em entrevista para o jornal *Opera Mundi*: em 2007, três apartamentos onde viviam estudantes africanos no campus da UnB (Universidade de Brasília) tiveram as portas queimadas e pichadas com dizeres de cunho racista; em 2011, Toni Bernardo da Silva, 27 anos, estudante da Guiné-Bissau, em intercâmbio na UFMT (Universidade Federal do Mato Grosso), foi espancado até a morte por um empresário e dois policiais militares numa pizzaria de Campo Grande; em março de 2012, 575 africanos e haitianos foram detidos e levados em ônibus para delegacias numa megaoperação policial no Centro de São Paulo; em maio de 2012, a estudante angolana Zulmira de Souza Borges Cardoso, 26 anos, foi assassinada a tiros após discussão entre brasileiros e um grupo de angolanos que confraternizava num bar no bairro do Brás, em São Paulo; em agosto de 2015, seis haitianos foram baleados em dois ataques diferentes na Baixada do Glicério, no centro de São Paulo. De acordo com testemunhas, a pessoa que atirou antes gritou: “haitianos, vocês roubam nossos empregos!”; e não posso deixar de lembrar de Fetiere Sterlin, que foi atacado e morto a facadas por um grupo de cerca de 10 pessoas em outubro de 2015⁴⁹.

Eu não era a primeira para quem Mercina narrava sua história. Mercina teve que contar mais de uma vez ao conselho tutelar e mais de uma vez para outros haitianos que não a conheciam mas que já tinham ouvido falar de seu caso. E enquanto carregava aquela menina tão parecida com ela em cada traço, mas de cabelos ruivos e pele branca, todos que se sentiam com um mínimo de intimidade a questionavam sobre a menina, sobre o pai, sobre a “beleza exótica que logo daria trabalho”. Cheguei a presenciar alguns desses questionamentos, que geralmente eram acompanhados de respostas sintéticas, vagas, bem

⁴⁸ Mais a cerca dessa questão em <http://www.geledes.org.br/imigrantes-negros-que-chegam-ao-brasil-deparam-secom-racismo-a-brasileira-diz-sociologo/#ixzz42VHQ6Ujw>.

⁴⁹ Mais informações em <http://diariogaucha.clicrbs.com.br/rs/noticia/2015/10/haitiano-e-agredido-ate-a-mortepor-grupo-de-pessoas-em-sc-4881826.html>

mais vagas e sintéticas do que os 15 minutos que ela dedicou a questão que eu lhe fiz em nossa primeira conversa. E como resposta a sua resposta, como no fatídico dia em que Luciana nasceu, Mercina recebia olhares, cochichos, conversas paralelas, em que sua maternidade, a maternidade de uma mulher negra, estrangeira e pobre no Brasil, era questionada. Assim como no hospital e nas motivações que fundamentam o processo de guarda de Luciana, a vontade e a capacidade de Mercina de cuidar da filha são colocadas sob suspeita. “Como ela dá conta?”, “Mas com 900 reais você ainda consegue mandar dinheiro pros seus outros filhos?”, “Mas o namorado dela a ajuda!” entre outros tantos comentários diminuem as pequenas vitórias cotidianas dessa mulher que trança todos os dias, com os elásticos dos coloridos mais diversos, os cabelos ruivos de sua filha, que com seus 900 reais mensais e contando com a ajuda de uma de suas irmãs e de sua mãe que estão no Haiti, Mercina continua cuidando de suas três meninas e de seu menino, mantendo com eles contato diário via *Whatsapp*. “Eles não falam tanto, por isso tem muita saudade, mas adoram a Lulu!”. A mãe das cinco crianças não tem sucesso em colocar em contato a filha mais nova que nasceu no Brasil com seus irmãos mais velhos que estão no Haiti, porque a menina sempre emudece quando pega no telefone, mas isso não impede que um vínculo entre os irmãos e a pequena se fortaleça a cada ligação.

Como uma mãe transnacional para os quatro mais velhos, Mercina mantém a suas relações com seus filhos que ficaram para trás pelas remessas de dinheiro mensais que envia e pelos novos meios de comunicação online sobre os quais falarei com mais cuidado adiante no capítulo. Como mãe de Luciana, Mercina tem outros dilemas, como sustentar as fraldas que sua filha usa, prover a ela moradia, encontrar creche, tentar achar meios de como cuidar da menina quando ela está de férias, levá-la ao posto de saúde quando adoecer. Mercina dificilmente reclama, a não ser do preço das fraldas descartáveis, já ela veio para o Brasil pra isso: cuidar de sua filha que nasceria e ter como sustentar aqueles que ficaram no Haiti. Perguntada sobre seu sonho, a haitiana me responde que é fazer com que os filhos venham todos para o Brasil para ficar com ela, “mas pra isso tem muita coisa pra acontecer”.



Figura 13 - Luciana e Mercina na Expoflora, Holambra

3.3 O cotidiano na *diáspora*

Sentadas na varanda, Phahidra e eu ouvíamos *konpa*. A música *My Life*, do grupo *5 etwal*, embalou quase todos os dias em que estive com as haitianas. Hoje não havia muito movimento na rua como costumávamos observar, talvez por que fosse uma segunda-feira à tarde. Phahidra, Rose, Wesley (irmão de Phahidra) e eu havíamos combinado de eu dar a eles uma carona para o distrito industrial de Santa Barbara d'Oeste para que Rose pudesse comparecer a uma entrevista de emprego em uma siderúrgica e Phahidra e Wesley aproveitariam para entregar seus currículos nessa empresa e em outras próximas. Era meio de agosto, e a crise econômica, que vi chegando aos poucos a partir de minha pesquisa, se tornava uma realidade contra a qual os haitianos e suas redes buscavam novas estratégias de enfrentamento. Terminada a entrevista - que Rose descreveu como não muito boa - fomos para casa que Phahidra e Rose dividiam com mais duas haitianas e dois haitianos, casa que apelidei como *Kap Kay la*, ou a casa do Cabo Haitiano, isso porque todos seus moradores já se conheciam da cidade de Limonade, na Região do Cabo Haitiano, norte do Haiti.

A casa não era muito grande. Tinha dois quartos, uma cozinha/sala, um banheiro e uma garagem. A garagem tinha um grande sofá e cadeiras distribuídas, além de duas máquinas de lavar que não funcionavam e várias bacias nas quais as roupas eram lavadas. Phahidra e eu ficamos na garagem enquanto Wesley foi buscar o tablet da irmã no quarto e Rose seguiu para a cozinha. Phahidra e Wesley me mostraram um vídeo gravado no celular da haitiana no culto do dia anterior em que Wesley cantava uma música gospel em português. Aplaudi o moço que estava em minha frente e pedi por uma demonstração que, como no vídeo, não deixou espaços para defeitos, tanto em seu português quanto em sua afinação. Novamente, betemos palmas e ouvimos as palmas de Rose vindas da cozinha. Chamei Rose para se sentar conosco, mas foi Phahidra quem respondeu: “Rose está fazendo *fritay*⁵⁰ pra você! Falei que você gostava muito de banana frita e ela quis fazer pra você. Ela também vai fazer *salami*. Você conhece *salami*?

Na República Dominicana a gente chama assim”. Não demorou para que Rose trouxesse um prato grande com muitas bananas da terra verdes e fritas acompanhadas de mortadela frita, ou *salami*.

Rose voltou para a cozinha para preparar um suco e, enquanto Pha, Wesley e eu dividíamos o prato, o celular de Phahidra tocou. Era o filho mais novo de Rose. Os dois conversaram por poucos minutos e depois de encerrada a ligação, Rose voltou até a garagem para pedir que Wesley emprestasse a ela o tablet de Phahidra, pois seu filho logo faria uma chamada por *Skype*⁵¹. Rose, assim como Marli e Mercina, era mãe, e seus dois filhos ficaram no Haiti. No país, Rose nasceu e cresceu em Limonade, uma cidade importante do Norte do país. Nessa cidade, ela chegou a cursar até o equivalente ao ensino fundamental I brasileiro, e com esse concluído, foi ajudar a mãe com o comércio. Foi nesse período que aprendeu com sua mãe a fazer negócios em Dajabón⁵². Já mais velha,

⁵⁰ *Fritay* é um termo usado para comidas fritas no Haiti. Nas ruas do país é comum encontrar mulheres vendendo esses pratos. O *fritay* pode incluir carne de porco, carne de vaca, banana da terra (verde) e linguiça, e é acompanhado por *pikliz*, que é repolho cortado de forma fina, com cenoura ralada, temperado com vinagre e pimenta.

⁵¹ O Skype é uma ferramenta de comunicação on-line por texto, áudio e vídeo-chamada que, segundo o site da criadora Microsoft, "serve para ajudar as pessoas a fazerem coisas juntas quando estão separadas. O chat e as chamadas de voz e com vídeo do Skype facilitam a troca de experiências com quem mais importa na sua vida, onde quer que vocês estejam.

Com o Skype, você pode compartilhar uma história, comemorar um aniversário, aprender um idioma, realizar uma reunião, colaborar com colegas – praticamente qualquer coisa que vocês precisem fazer juntos todos os dias. Você pode usar o Skype como for melhor para você: no seu telefone, computador ou em uma TV com o Skype instalado. Você pode começar a usar o Skype de graça, para falar com outras pessoas, vê-las e trocar mensagens de chat com elas, por exemplo.

⁵² Dajabón é uma cidade localizada na República Dominicana, na fronteira com o Haiti. Ela é descrita como uma cidade mercado. Às segundas-feiras até sextas-feiras, os haitianos estão autorizados a atravessar temporariamente a ponte para vender seus produtos. A maioria dos produtos são roupas usadas, sapatos, produtos secos a granel, e electrodomésticos. Nesses dias, uma área de vários acres na borda ocidental da cidade torna-se um lugar de negócios lotado. Além dos haitianos, dominicanos vão ao mercado para vender alimentos (legumes cultivados em sua parte do país).

Rose se casou e com seu marido e teve dois filhos. Nessa época ela não precisou trabalhar fora, pois seu marido mantinha um emprego na capital, Porto Príncipe, e provia o que a família precisava em Limonade.

Essa realidade mudou no dia 12 de janeiro de 2010. O marido de Rose estava trabalhando quando o relógio começava a aproximar seus ponteiros das 17 horas e os abalos do grande terremoto que assolou o país foram sentidos na capital haitiana. Era um terremoto de magnitude 7,0 na escala Richter. A má qualidade dos materiais de construção era clara no momento em que se viu quase metade da capital haitiana destruída. Estimase que 250 mil pessoas foram feridas, 1,5 milhão de habitantes ficaram desabrigados e o número de mortos ultrapassou 200 mil⁵³. Entre os mortos, estava o marido de Rose. Viúva, Rose voltou a trabalhar com comércio para sustentar seus filhos. No início de 2015, ela ficou sabendo pela avó de Phahidra que seus netos estavam conseguindo bons trabalhos no Brasil e decidiu deixar os filhos para trás e se mudar, em maio de 2015, para a casa onde sempre nos encontrávamos em meu trabalho de campo. Nos primeiros meses, ela conseguiu um emprego em uma fábrica e investiu, com seu primeiro salário, em um tablet para o filho. Um mês se passou e ela foi demitida. “Eu ia comprar um *smartphone* pra mim”.

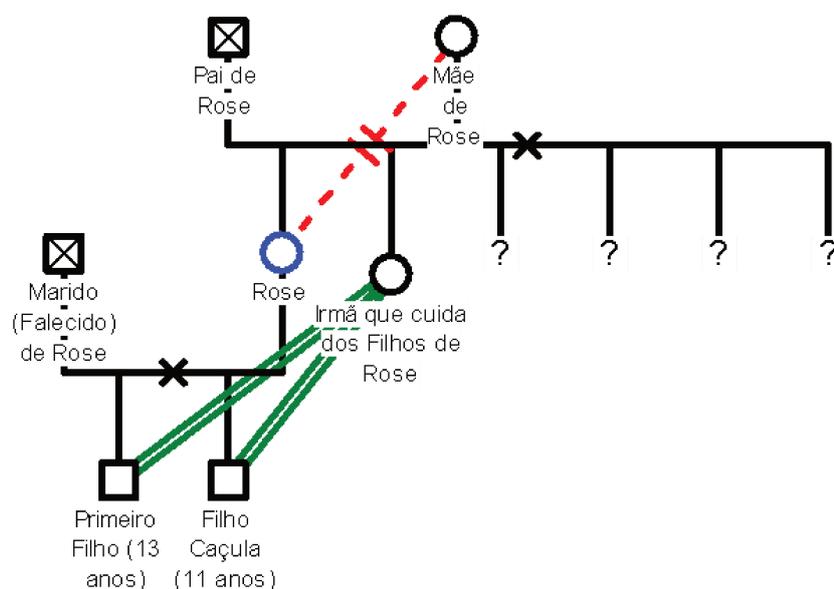


Figura 14 - Relações de Parentesco e Ajuda de Rose⁵⁴

⁵³ <http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL1446514-5602,00-COBERTURA+COMPLETA+TERREMOTO+NO+HAITI.html>

⁵⁴ Legenda no final do capítulo

Rose, Marli e Mercina, assim como Marlene, Sherline, Marijo e tantas outras haitianas de Santa Barbara d'Oeste procuram meios para se comunicarem com seus filhos que ficaram no Haiti. Ao se comunicarem com essas crianças e esses adolescentes que estão no Haiti, essas mães não obtêm notícias e dão somente informações sobre o que está se passando, assim elas estão cuidando dos seus filhos. A distância, que apartaria a participação dessas mulheres na criação de seus filhos, se dilui, pelo menos no espaço de tempo em que essa mulher se conecta com seu país, e mais uma cena do cotidiano transnacional acontece com a manutenção de várias vidas em dois lugares diferentes. Naquela tarde de segunda-feira, vi na chamada por *Skype* que Rose fazia para seu filho, que conectava o tablet emprestado da amiga no Brasil com o tablet da criança no Haiti, que esta não parecia ser uma relação “lesionada” pela distância espacial. O menino, que já trajava uma camisa grande e confortável, com uma bermuda também “desleixada”, tomou uma bronca da mãe porque não estava “com uma roupa boa” para falar com as visitas - no caso eu, muito distante dele. O menino, com vergonha, saiu para trocar de blusa e eu pude ver no seu quarto um uniforme pendurado ao fundo. Phahidra e eu conversávamos com ele, enquanto Rose terminava de fazer o suco para nós. Ao retornar, o menino nos descreveu seu dia na escola, algumas de suas brincadeiras e falou que o irmão estava bem e que estava na casa da tia deles. Depois que Rose terminou o suco, pegou o tablet para si e os dois começaram a discutir sobre as remessas e Phahidra e eu voltamos à garagem.

A manutenção dos vínculos entre mães e filhos separados pela migração transnacional, que faz com que a “família transnacional conectada” se mantenha de forma intensa nos dias atuais, se dá por meio da explosão de oportunidades comunicativas proporcionadas pelas novas mídias (BUMACHAR, 2011). Conforme os anos passam, as mídias de comunicação acabam por “denunciar” a época em que produzimos nosso material de campo. Richman (2005), por exemplo, que desenvolveu seu trabalho de campo entre haitianos migrantes nos Estados Unidos e entre parentes desses imigrantes no Haiti, acompanhou essa busca de conexão e proximidade ser colocada em prática por meio da gravação e do envio de fitas cassetes. Nos fluxos atuais cada vez mais intensos, barreiras temporais e espaciais são desafiadas, por sua vez, a cada instante de um “click”

em uma notificação de chegada de uma mensagem em tempo real⁵⁵ em um aplicativo, que está no *smartphone*, em nossas mãos.

Além do *Skype*, as haitianas de Santa Barbara d'Oeste também utilizam com regularidade o *Whatsapp* e o *Facebook*. Também existe a possibilidade da realização de chamadas internacionais, realizadas com o uso do cartão telefônico "Africard". Cada uma das mídias tem possibilidades de ação a partir da interseção de marcadores sociotécnicos, tais como "interatividade, temporalidade, capacidade de armazenamento, durabilidade do conteúdo, replicabilidade, alcance e visibilidade, mobilidade, pistas, natureza pública/privada, custo e capacidade informacional" (BUMACHAR, 2011). Para entender tanto a comunicação quanto como se dá a maternidade transnacional no contexto das haitianas de Santa Barbara d'Oeste, é necessário compreender os marcadores sócio técnicos em cada possibilidade de comunicação e como elas são acionadas.

Primeiro, é necessário pensar sobre os equipamentos e acessórios aos quais os migrantes haitianos tem acesso. Quando chegam, na maioria das vezes, eles não têm nenhum equipamento: celular, tablet, *smartphone*, notebook ou computador. Nas primeiras semanas, eles emprestam o celular de outros haitianos para se comunicarem com parentes e amigos. Não demora até que comprem seus próprios celulares de modelos mais simples. Nesses celulares, eles realizam chamadas internacionais através do uso do cartão "Africard". Comprado em Campinas e revendido em Santa Barbara d'Oeste por 10 reais, os haitianos conseguem ligar para seu país durante 10 minutos para cada cartão, o que barateia os custos em relação a uma ligação internacional simples, mas ainda é muito caro e restritivo. Mesmo que adquiram aqui no Brasil ou tragam do Haiti ou da República Dominicana celular, tablet, notebook ou computador, todos têm alguma limitação comparado ao *smartphone*. O celular, mesmo sendo o equipamento mais barato, é a comunicação mais cara. O notebook e o computador têm a dificuldade do transporte e de, assim como o tablet, não ter a possibilidade de comunicação via *Whatsapp*.

Esse software para *smartphones* é utilizado para troca de mensagens de texto instantaneamente, além de vídeos, fotos e áudios através de uma conexão à internet. Ou seja, com a internet instalada na casa e transmitida via *Wi-Fi*⁵⁶, todos os haitianos

⁵⁵ Depende da conexão com a internet.

⁵⁶ *Wi-Fi* é uma abreviação de "Wireless Fidelity", que significa fidelidade sem fio, em português. *Wi-Fi*, ou wireless é uma tecnologia de comunicação que não faz uso de cabos, e geralmente é transmitida através de frequências de rádio, infravermelhos etc.

conseguem se comunicar instantaneamente com outros haitianos que estão também conectados à internet no Haiti e em outros lugares da *diáspora*. Conselhos, piadas, comentários, paqueras atingem um tom de cotidiano e proximidade mais difícil de ser atingido em conversas por *Skype*, que também podem ser feitas via smartphone. Com esse equipamento os haitianos podem acessar de forma rápida e prática o *Facebook*, outra ferramenta de comunicação muito importante para eles. Assim como por *Whatsapp*, a rede social permite que aqueles que se utilizam dela enviem mensagens instantâneas para parentes e amigos. Mesmo que esse seja o uso mais recorrente da rede social, o uso mais interessante foi o envio, recebimento e o armazenamento de fotos.

Um dia de festa, um dia de culto, uma ida ao shopping, toda semana nas aulas de português, uma touca, um par de óculos ou uma roupa nova sempre foi uma justificativa para haitianos e haitianas posarem e fazerem fotos para postar em suas páginas pessoais no *Facebook*. Perguntei para Cláudia o porquê daquilo e ela me respondeu que não havia jeito melhor da sua família saber se ela estava bem se não através das fotos postadas. As fotos sempre eram tiradas em situações em que se sentiam bem, estavam arrumados e estavam em um lugar bonito, “chique”, como me descreve Cláudia, para todos saberem que estão bem. Mas não só os haitianos que estão na *diáspora* têm esse hábito. Os haitianos que ficaram no Haiti também registram seus bons momentos para que seus amigos e parentes saibam que estão bem. Mães, tias, irmãos e avós registram seus filhos, sobrinhos, irmãos e netos arrumados para seu primeiro dia de aula ou para irem à igreja para que os pais, as mães, os tios, avós das crianças, que enviam remessas para ajudar na educação e nos cuidados, saibam que ela está bem.

Com o smartphone, fotografar e compartilhar fotografias torna-se muito mais rápido e prático, aproximando os cotidianos, o que adiciona mais um motivo pela preferência desse equipamento. Por isso, quando Rose diz que teria comprado um smartphone com seu próximo salário, ela está dizendo que teria comprado o meio para entrar no cotidiano de seus filhos, amigos e parentes que estão no Haiti e fora dele via *Whatsapp*, além de que, sempre que possível, faria vídeo conferências com as crianças via *Skype* pelo aparelho. Cada vez que tivesse saudades ou estivesse preocupada, poderia ver, através do aparelho, as fotos de seus filhos arrumados e saberia que eles ficariam menos preocupados quando vissem as suas fotos no *Facebook*. Além disso, ela poderia se sentir mais próxima do seu país ao poder ouvir rádios haitianas pelo aparelho quando estivesse conectada à internet ou ouvir suas músicas favoritas, compartilhadas via

*Bluetooth*⁵⁷ com outros haitianos próximos. Sendo assim, Rose poderia se fazer mais presente na criação dos seus filhos, atendendo suas necessidades de maneira mais eficaz.



Figura 15 - Wesley no tablet e Phahidra com dois smartphones

3.4 A saudade é o mais difícil

Localizei essas três mães socialmente de um modo diferente das outras mães com quem conversei, pois uma questão se destacava constantemente no recontar de suas narrativas: “*eles [seus filhos] não tem ninguém*”; “*eu não tenho ninguém*”. As mulheres migrantes ocupam na imaginação do social o espaço de acompanhantes de seus maridos. Esse movimento merece ainda mais ênfase quando se trata do contexto haitiano em que o homem ocupa um lugar claro de provedor, lugar daquele que trabalha para fora e ganha o dinheiro para manutenção da casa, como apresentado no segundo capítulo dessa dissertação. No entanto, essas três mulheres, duas viúvas e uma separada, não podem

⁵⁷ O Bluetooth é uma tecnologia de comunicação sem fio que permite que computadores, smartphones, tablets e afins troquem dados entre si e se conectem a mouses, teclados, fones de ouvido, impressoras e outros acessórios a partir de ondas de rádio. A ideia consiste em possibilitar que dispositivos se interligem de maneira rápida, descomplicada e sem uso de cabos, bastando que um esteja próximo do outro.

contar com a ajuda de seus ex-companheiros. Como elas são mulheres que tiveram filhos, elas são responsáveis por essas crianças. Mesmo que a criação das crianças no Haiti não pertença somente aos pais⁵⁸, são eles que proveem o básico a essas crianças. Os avós e tios das crianças também ajudam financeiramente, mas a ajuda é esporádica. Por isso, essas três mulheres dizem não contam com ninguém mais a não ser elas mesmas e sua força de trabalho, força esta que tem urgência de ser empregada, pois paga comida, educação e roupas para os filhos. Não há tempo para seleção do emprego que mais as interessa. Há a necessidade de se ter um salário.

As três estavam ou passaram pela empresa Reciclagem S.A. Seus corpos se modificaram: “para que se arrumar tanto se vou trabalhar com lixo”, diz Rose. O processo de Marli exemplifica de forma mais contundente essas mudanças: os cabelos antes minuciosamente trançados agora estavam soltos, quando muito cobertos por uma touca. Seus olhos, antes com uma leve maquiagem para os encontros casuais em um sábado à tarde, agora estão marcados por profundas olheiras.

A vaidade perde espaço para a necessidade de responder a uma demanda urgente de cuidar dos filhos. Em razão disso, e por serem mulheres negras que emigraram do Haiti, elas acabam por selecionar os primeiros trabalhos que encontram. Mesmo que tenham companheiros, como é o caso de Marli e Mercina, ou que tenham amigos com quem possam contar, como é o caso de Rose com Phahidra, essas pessoas, diferente de um núcleo familiar, têm suas próprias obrigações com suas redes, tendo assim pouca possibilidade de ajuda a não ser em pequenezas do cotidiano, como o companheiro de Mercina ao comprar um pacote de fralda para Luciana quando sua companheira não tem dinheiro para tanto. Sendo assim, a ajuda

“extra”, quando vem, não vem na forma de dinheiro, que é o único componente da remessa que Mercina, Marli e Rose enviam para o Haiti.

A questão é que ainda que essas mulheres estabeleçam redes aqui no Brasil, o fato de serem mães transnacionais que têm uma rede de possibilidades de ajuda limitada é determinante em suas estratégias, escolhas e agenciamentos no país em que residem. Essas mulheres enfrentam situações de dificuldade, em que sua “localização”, que opera em sua cor da pele e na não compreensão do português, colocam em cheque a sua

⁵⁸ Tratei sobre o tema no artigo “Criando Crianças :Reflexões sobre o Parentesco Haitiano em meio a Dyaspora”, apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia e na ANPOCS de 2014.

capacidade de prover e cuidar de seus filhos. Mas, mesmo que as remessas sejam pouco volumosas, no momento em que Mercina obteve seu RNE⁵⁹, não demorou para abrir um carnê para ter um *smartphone* para ouvir sua música, ver seus amigos e, principalmente, cuidar de seus filhos. Rose não conseguiu comprar o aparelho eletrônico que desejava, mas conta com a ajuda de sua pequena rede para falar com seus dois filhos. Por essa dependência, não é sempre que a saudade chega que ela consegue falar com eles, assim como Marli, que depende muito de José.

Nesse cotidiano em que é tão árduo e precário “prover”, e o “cuidar” física e emocionalmente implica em uma constante negociação do que é melhor para o futuro de suas crianças, o “mais difícil é a saudade”. Apesar da saudade, o medo da influência da cultura do país para o qual imigraram na formação de seus filhos faz com que essas mulheres tenham a certeza de que deixar seus filhos para trás ao migrarem é a melhor escolha para as próprias crianças. A maioria das mulheres acredita que “é melhor que os mais pequenos cresçam no Haiti. A escola é melhor, lá tem respeito, tem igreja, tem Deus. Aqui fica muito difícil dar limite, cuidar de tudo”, como me disse Cláudia certa vez.

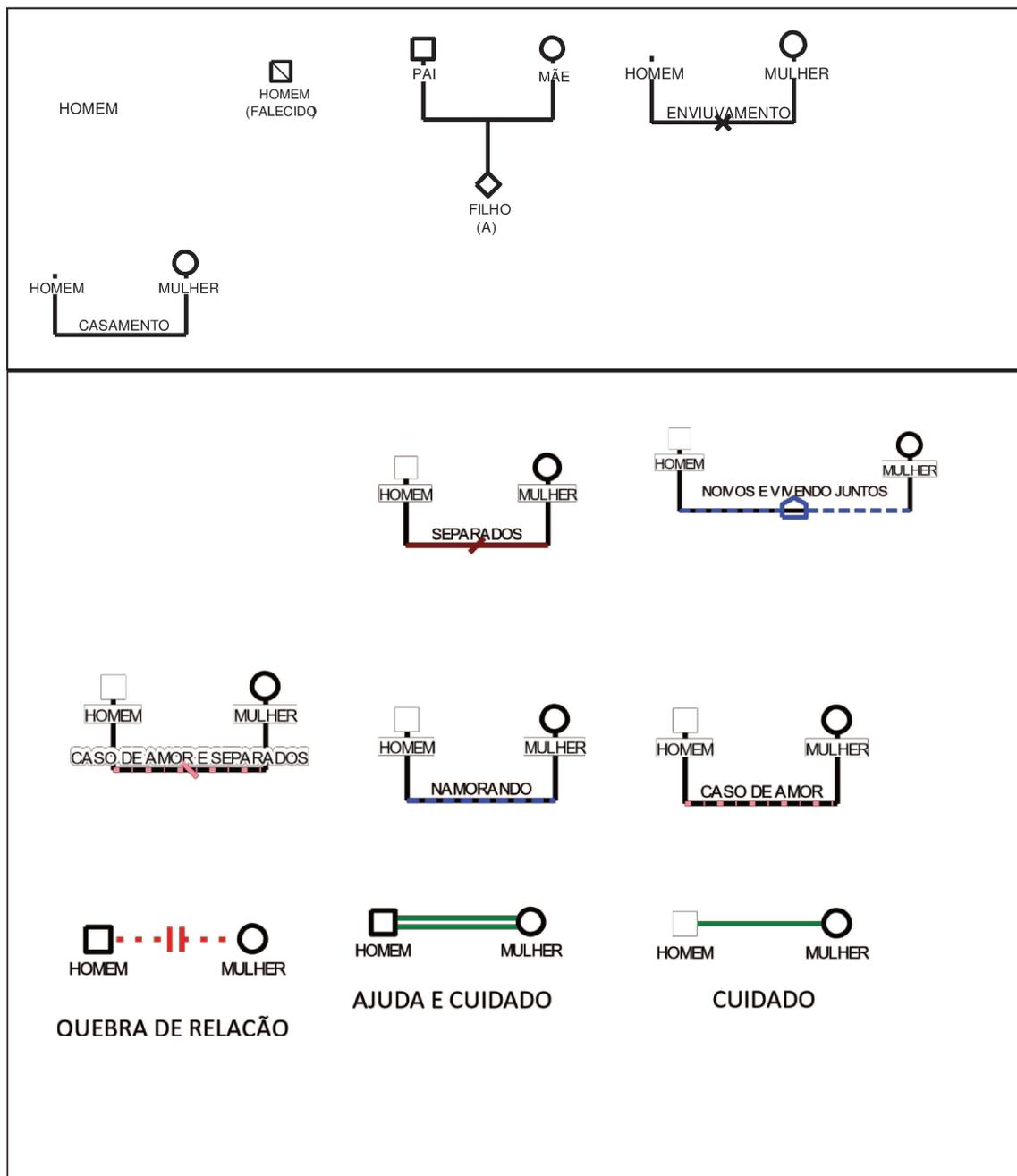
Entretanto, é notável que todas essas dificuldades não enfraqueçam os sonhos dessas haitianas de estarem novamente ao lado dos filhos. Nas vezes em que fui à casa de Mercina, lugar em que sempre me encontrava com ela e Marli antes de passar na casa de Rose, o “*Eles não tem ninguém*” e “*eu não tenho ninguém*” ganhavam força sobre qualquer que fosse a possibilidade negativa de trazer as crianças para o Brasil. Seja para ajudar na renda ou para tê-las por perto, o maior desejo de Marli, Mercina e Rose era ter a oportunidade de trazerem seus filhos para junto de si. Esse era um sonho que se mantinha na vida dessas mulheres.

Nesse movimento de pensar a motivação da migração transnacional com a finalidade de “prover” bens materiais para os filhos, trabalhar com cotidiano e a precariedade do trabalho, que passa pela nacionalidade, classe, raça e gênero, se mostrou muito interessante para pensar outros episódios da vida das haitianas que vivem em Santa Barbara d’Oeste. Desde o emprego na Reciclagem S.A. até o nascimento de Luciana, vemos os percalços enfrentados por essas mulheres “localizadas” em um espaço específico da imigração para que através de remessas consigam suprir as funções e responsabilidades dos pais das crianças. Foi no cotidiano que encontrei agenciamentos

⁵⁹ Registro Nacional de Estrangeiro.

possíveis da saudade “que é o mais difícil”. Com ajuda de suas estreitas redes e a facilidade a um “clique” das novas tecnologias de comunicação, a administração dos afetos entre Rose, Marli e Mercina com seus filhos tornam possível a realização dessa migração transnacional.

3.5 Legenda dos Gráficos de Parentesco e Ajuda:



CONSIDERAÇÕES FINAIS

No mês seguinte a minha entrada em campo, Phahidra fora demitida de seu emprego na empresa de sacolas plásticas. Completara um ano na empresa e nesse tempo nunca teve sua carteira de trabalho assinada, portanto, não teve direito a direitos trabalhistas ao ser demitida. Eu e outros brasileiros falamos que ela deveria recorrer à justiça para ter acesso do que seria seu por direito, mas Phahidra preferiu não o fazer. Havia um grande medo entre as haitianas que perderam o emprego na mesma empresa de serem estigmatizadas como ingratas e briguentas, perdendo assim outras oportunidades de trabalho. Mesmo insistindo, a resposta definitiva fora negativa e Phahidra seguiu meses procurando outro emprego.

Como dito, não só Phahidra ficara desempregada no ano de 2015, como Alina, Rose, Malena entre tantas outras haitianas que, devido à crise política e econômica que se agravara no mesmo ano, não tiveram novas chances de serem reempregadas ou obterem seu primeiro emprego no Brasil. Segundo a página do G1 do dia 28/04/2017, o desemprego no Brasil chegou a 13,7% no trimestre de janeiro a março de 2017, tendo os dados divulgados no dia 31 de março pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) por meio da pesquisa Pnad Contínua. De acordo com o IBGE, essa foi a maior taxa de desocupação da série histórica, iniciada em 2012.

Com a falta de trabalho no Brasil, a jovem haitiana não teria como sustentar seu sonho, seu irmão nem a promessa de que ela poderia manter um emprego e estudar no país. Além disso, Phahidra verificou que as poucas oportunidades de trabalho daqui se aproximavam muito com os trabalhos oferecidos nos Estados Unidos, mas ganhando menos e em uma moeda menos valorizada. Phahidra e sua família decidiram que a irmã abriria mão de estudar no Brasil e iria para os Estados Unidos para trabalhar na mesma cidade que seu pai.

Assim como Phahidra, vários haitianos que se estabeleceram no Brasil decidiram por reemigrar e tiveram como seu principal destino os Estado Unidos. Esse fluxo migratório de haitianos que deixaram o Brasil chegou as fronteiras entre México e Estados Unidos em 2016. A situação desses haitianos fica ainda mais crítica quando se contextualiza a chegada destes no momento em que Donald Trump é eleito presidente estadunidense em uma campanha claramente xenofóbica, com uma proposta de

construção de um muro que impediria a entrada de imigrantes ilegais na fronteira sul do país, local em que a maior parte dos haitianos tentavam atravessar com a ideia de terem e proporcionarem uma melhor qualidade de vida no país que se declara a maior potência econômica do mundo.

Do mesmo modo que Phahidra deixou o país para viver em Boston com seu pai, muitos haitianos foram em busca de uma nova chance na *diáspora*. No entanto, muitos são os que permanecem no Brasil ou devido a não terem dinheiro para reemigrar ou porque conseguiram melhores condições de trabalho ou na vida pessoal que favoreceram a permanência no Brasil. Por exemplo, Mercina e Claudia que se destacaram por sua dedicação em seus empregos e foram promovidas.

Sendo assim, Mercina viu na possibilidade de crescimento e prosperidade em seu trabalho, aliada a uma rede de afetos que construíra no Brasil junto de Luíza, que conseguiria dar melhores oportunidades para Luciana e seus outros filhos mais velhos ao permanecer no país sul-americano ao invés de tentar uma imigração incerta junto de uma criança pequena.

Já Claudia viu seu irmão escolher migrar novamente, mas dessa vez decidiu que ficaria no Brasil. Trabalhando como secretária da empresa de construção civil onde iniciara como membro da equipe de limpeza, Claudia se viu cercada de novas amizades, que chegaram a ajudá-la a ser promovida e com seus problemas de saúde, além de indicar a ela como encontrar novas chances no mercado de trabalho brasileiro.

Em sua linha mestra, o presente estudo acompanhou as experiências de mulheres haitianas na *diáspora* que viveram em Santa Barbara d'Oeste, interior do Estado de São Paulo. No decorrer da pesquisa, foi possível vivenciar conquistas e fracassos das haitianas. Viu-se, assim, Phahidra abrir mão de estudar e trabalhar, Claudia não conseguir um emprego no banco em que ganharia melhor do que no trabalho que tinha no Haiti e Mercina não alcançar a autonomia integral para administrar financeiramente a vida de seus filhos.

As três viram seus sonhos e ambições se diluírem de maneira drástica na correnteza do cotidiano de suas vidas na *diáspora*, ao verificarem que seus objetivos não seriam atingidos no tempo que estimavam. No entanto, como outras haitianas, elas continuaram a agenciar suas possibilidades e suas necessidades através de suas redes de trabalho, amor e amizade, tentando assim, dia após dia, ter uma melhor qualidade de vida no país em que escolheram estar. Visto deste modo, as vivências que passaram pela crise no Brasil, não

foram capazes de destruir as expectativas das haitianas, mas resignificaram a experiência de migração dessas mulheres que passaram por Santa Barbara d'Oeste.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ronaldo de. **A Igreja Universal e seus demônios**. Terceiro nome. São Paulo, 2009.

BAPTISTE, Chaneline Jean. **Transição para a Vida Adulta e Migração Internacional: o caso dos Jovens Haitianos na cidade de São Paulo**. Dissertação (Mestrado), 156 páginas - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2015.

BARNES, John Arundel. Redes sociais e processos políticos. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas - Métodos**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

BASCH, Linda, GLICK-SCHILLER, Nina e SZANTON-BLANC, Cristina. **Nations Unbound: Transnational Projects and the Deterritorialized Nation-State**. New York: Gordon and Breach, 1994

BELL, Beverly. **Walking on Fire: haitian women's stories of survival and resistance**. Cornell University Press. Ithaca and London, 2001.

BENELLI, Natalie Nettoyeuse. **Comment tenir le coup dans un sale boulot**. Editions Seismo: Zurich, 2011

BERSANI, Ana. **O (extra)ordinário da ajuda : histórias não contadas sobre desastre e generosidade na Grand'Anse, Haiti**. Dissertação (Mestrado), 234 páginas – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2014.

BISSAINTHE, Jean Ghasmann. **Paradigma de la migracion haitiana en Republica Dominicana: migracion, raza y nacionalidad**. Editora Buho, Santo Domingo (República Dominicana). Biblioteca digital da participação social, 2002. Disponível em: <<http://biblioteca.participa.br/jspui/handle/11451/371>>. Acesso em: 09/08/2017

BOISSEVAIN, Jeremy. Amigos de amigos:: redes sociais, manipuladores e coalizões. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas - Métodos**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

BUMACHAR, Bruna Louzada. Migração e novas mídias: um diálogo sobre a experiência familiar transnacional de estrangeiras presas em São Paulo e de trabalhadoras filipinas

residentes em Londres como fazer um blog. **Revista Pós-Graduação Ciências Sociais**, Natal, UFRN, v. 12, n.2, 2011, p. 75-95.

_____. Por meus filhos: usos das tecnologias de comunicação entre estrangeiras presas em São Paulo. In: Cogo, Denise; ElHajji, Mohammed; Huertas, Amparo. (Org.). **Diásporas, migrações, tecnologias da comunicação e identidades transnacionais**.

1ed.Barcelona: Institut de la Comunicació, Universitat Autònoma de Barcelona, 2012, v. 1, p. 449-468.

CALEGARI, Jorge Otavio. **Codemò: escravos sem grilhões: vida operária ao redor da zona franca CODEVI em Ouanaminthe, Haiti**. Dissertação (Mestrado), 155 páginas - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas: Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2014.

ÇAGLAR, Ayse, GLICK-SCHILLER, Nina **Locating Migration: Rescaling Cities and Migrants**. Cornell University Press, 2011.

CANALES, Alejandro. The role of remittances in the transnational family relationships configuration, **Papeles de Población**, Año 11, vol. 44. p. 137-158. Toluca, 2005

CAPES. Programa Emergencial Pró-Haiti. Em: <<http://www.capes.gov.br/cooperacaointernacional/haiti/pro-haiti>>. Acesso em: 27/01/2016.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em Movimento. **Revista de Estudos Avançados**, Ed.17, vol.49, São Paulo, 2003, p 117-132.

_____. Enegrecer o Feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Disponível em: <http://www.unifem.org.br/sites/700/710/00000690.pdf>. Acesso em 29/01/2016.

CARSTEN, Janet. **After Kinship**. Cambridge University Press: Cambridge, 2004.

CASTELLS, Manuel. **The rise of the Network society** (The information age: Economy, Society and Culture, Volume 1). Malden, MA: Blackwell Publishers, Inc., 1996.

COTINGUIBA, Geraldo Castro. **Imigração Haitiana para o Brasil – a relação entre trabalho e processos migratórios**. Dissertação (Mestrado), 155 páginas - História e Estudos Culturais da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Porto Velho, 2014.

COLE, Jennifer; THOMAS, Lynn M. **Love in Africa**. University of Chicago Press, 2009.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial relativos ao Gênero. **Estudos Feministas**, Ed.10, Vol.1. Florianópolis, 2002, pp 171-188.

DAS, Veena. **Life and Words: Violence and the Descent into the Ordinary**. University of California Press, 1 edition, 2006.

Desemprego fica em 13,7% no 1º trimestre de 2017 e atinge 14,2 milhões. Em: < <http://g1.globo.com/economia/noticia/desemprego-fica-em-137-no-1-trimestre-de-2017.ghtml>>. Acesso em: 09/08/2017

DUARTE, Luiz Fernando. **Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas**. Zahar, Rio de Janeiro, 1988.

FAVRET-SAADA, Jeanne. **The Anti-Witch**. Trad. Matthew Carey. Hau Books. Chicago, 2015.

FELDMAN-BIANCO, Bela. **The Petty Supporters of a Stratified Order: The economic entrepreneurs of Matriz, São Paulo, Brazil (1883-1974)**. Tese (Doutorado). Columbia University, CUNYC, Estados Unidos, 1981.

FELDMAN-BIANCO, Bela. Multiple Layers of Time and Space: The Construction of Class, Ethnicity and Nationalism among Portuguese Immigrants. In: TRANSNATIONAL PERSPECTIVE ON MIGRATION: RACE, CLASS, ETHNICITY AND NATIONALISM RECONSIDERED. New York: **Annals of the New York Academy of Sciences**, 1991.

FELDMAN-BIANCO, Bela. Entre a Saudade da Terra e a América: Mulheres Imigrantes. **Estudos Feministas**, no.3, vol. 1 Rio de Janeiro IFICS/UFRJ, 1995, p. 96-121.

FELDMAN-BIANCO, Bela. Migración, Enfrentamientos Culturales y Reconstrucciones de la Identidade Femenina: El Caso de las Intermediarias Culturales Portuguesas. In: KRON, S; ZUR NIEDEN, B; SCHÜTZE, S; ZAPATA GALINDO, M (ORG). **Diasporische Bewegungen im transatlantischen Raum**. Diasporic Movements – Movimientos diaspóricos, Belin: edition Tranvía, 2010.

FELDMAN-BIANCO, Bela. Remaking Locality: Uneven Globalization and Unequal incorporation of Transmigrants. In: ÇAGLAR, A; GLICK-SCHILLER, N. (ORG). **Locating Migration: Migrants and cities**, Cornell University, 2011.

FERNANDES, Duval; CASTRO, Maria da Consolação. **Estudos sobre a migração haitiana ao Brasil e diálogo bilateral**. Projeto de trabalho. Belo Horizonte, 2004.

FREITAS, Taís Viudes. **Entre o tempo da produção econômica e o da reprodução social: a vida das teleoperadoras**. Dissertação (Mestrado), 179 páginas – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2010.

GLICK-SCHILLER, Nina. Towards a Comparative Theory of Locality in Migration Studies: Migrant Incorporation and City Scale. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, Ed. 35, Vol.2, 2009, pp. 177-192.

GLICK-SCHILLER, Nina; FOURON, Georges. **Georges Woke up Laughing: LongDistance Nationalism and the Search for Home**. Duke University Press, Durham, 2001. GLENN, Evelyn N.; CHANG, Grace; FORCEY, Linda R. **Mothering: Ideology, Experience, and Agency**. Routledge, New York, 1994.

GLUCKMAN, Max. Análise de uma situação social na Zululândia moderna. In: BIANCO, B. (Org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas - Métodos**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

GUPTA, Akhil; FERGUSON, James. Beyond “culture”: Space, identity and politics of difference. **Cultural anthropology**, Ed. 7, Vol.1, 1992.

GUIMARAES, Antonio Sérgio Alfredo. **Classes, raças e democracia**. São Paulo, Editora 34, 2002.

_____. Preconceito de cor e racismo no Brasil. **Rev. Antropol.**, São Paulo, v. 47, n. 1, 2004 p. 9-

43. Em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003477012004000100001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 29/01/2016.

_____. *Depois da democracia racial*. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 18, n. 2. 2006.

Em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v18n2/a14v18n2>. Acesso em: 29/01/2016.

GUIMARÃES, Nadya Araujo; HIRATA, Helena; SUGITA, Kurumi. **Trabalho flexível, empregos precários?** Uma comparação Brasil, França, Japão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

HANDERSON, Joseph. **Vodu no Haiti – Candomblé no Brasil: identidades culturais e sistemas religiosos como concepções de mundo Afro-Latino-Americano**. Dissertação (Mestrado), 183 páginas, UFPEL. Pelotas, 2010.

_____. **Diáspora. As dinâmicas da Mobilidade Haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa**. Tese (Doutorado), 430 páginas. Programa de PósGraduação em Antropologia Social - Universidade Federal do Rio De Janeiro (Museu Nacional). Rio de Janeiro, 2014.

HANDERSON, Joseph; JOSEPH, Rose-Myrlie. As relações de Gênero, de Classe e de Raça: mulheres migrantes haitianas na França e no Brasil. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, Brasília, v.9 n.2. pp. 1-33. 2015.

HIRATA, Helena. A precarização e a divisão internacional e sexual do trabalho.

Sociologias, Porto Alegre, n. 21, 2009, p. 24-41. Available from

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222009000100003&lng=en&nrm=iso>.access on 29 Jan. 2016.

<http://dx.doi.org/10.1590/S1517-45222009000100003>.

HOOKS, Bell. Mujeres Negras. Dar forma a la Teoria Feminista. In: HOOKS, B. et alli. **Otras Inaporpiables – Feminismos desde las Fronteras**. Madrid: Traficantes de sueños, 2004.

Disponível em

<https://www.marxists.org/espanol/tematica/mujer/autores/hooks/1984/001.htm>.

Acesso em: 29/01/2016

INGOLD, Tim. **Lines: A Brief History**. Cambridge, MA and London: Harvard, 2007.

JABARDO, Mercedes. **Feminismos Negros – Uma Antología**. Madrid: Traficantes de Suenos, 2012. Disponível

em <https://www.marxists.org/espanol/tematica/mujer/autores/hooks/1984/001.htm>. Acesso em:

29/01/2016.

KEMPADOO, Kamala. **Sexing the Caribbean: Gender, Race and Sexual Labor**. Routledge: New York, 2004.

KEBBE, Victor Hugo . **Reordenações na família decasségui: Dilemas e desafios**. Travessia (Sao Paulo), v. 69, p. 19-30, 2011.

KOFES, Suely. Narrativas biográficas: que tipo de antropologia isso pode ser?. In: KOFES, S; MANICA, D. **Vidas e Grafias: narrativas antropológicas, entre biografia e etnografia**. Lamparina Editora, Rio de Janeiro, 2015.

KOFES, Suely, PISCITELLI, Adriana. Memórias de "Historias femininas, Memórias e Experiencias". **Cadernos pagu** (8/9), 1997, pp.343-354.

LAGUERRE, M. S. **American odyssey: Haitians in New York City**. Ithaca, N.Y., Cornell University Press, 1984.

LAGUERRE, M. S. **Diasporic citizenship: Haitian Americans in Transnational America**. Basingstone, UK. Macmillan, and New York: Saint Martin's Press, 1998.

LATOUR, Bruno. **Reassembling the Social**. New York: Oxford University Press, 2005 LÉVI-STRAUSS, Claude. **A eficácia simbólica**. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. Cosac Naify. São Paulo, 2012.

LEVINSON, David & EMBER, Melvin (orgs.). **American Immigrant Cultures – Builders of a Nation (Encyclopedia)**. New York: MacMillan Publishers, 1997, pp 703-714.

MACHADO, Igor José de Renó. Laços de sangue e fluxo de dinheiro: notas sobre o parente ausente no contexto migratório transnacional Portugal/Governador Valadares. In: Reunião Brasileira de Antropologia, 25., 2006, Goiânia. **Anais...** Goiânia, 2006, p. 1-27. 1 CD-ROM. _____ . **Deslocamentos e Parentesco**. EDUFSCAR: São Carlos, 2015.

MADIANOU, Mirca; MILLER, Daniel. **Migration and new media: transnational families and polymedia**. Londres/Nova York, Routledge, 2012.

MAHLER, Sarah J.; PESSAR, Patricia R. **Gendered geographies of power: Analyzing gender across transnational spaces**. Harvard Academic Publish. Cambridge, 2001.

MARCUS, George E. Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography. **Annu. Rev. Anthropol.** 24, 1995, p. 95-117.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. Cosac Naify: São Paulo, 2003.

MÉTRAUX, Alfred. **Voodoo in Haiti**. Trad. Hugo Charteris. Schocken Books. Nova York, 1972.

MOLINIER, Pascale. La haine et l'amour, la boîte noire du féminisme?. Une critique de l'éthique du dévouement. In: BACHMANN, Laurence (et al.). **Famille-travail: une perspective radicale?** Nouvelles Questions Féministes Volume 23, N° 3. Lausanne:

Antipodes, 2004, p. 12-25.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Conselho Nacional de Imigração.**

Em: <http://portal.mte.gov.br/portal-mte/> Acesso em 27/01/2016

PADOVANI, Natalia Corazza . **Sobra casos e casamentos: Afetos e “amores” através de penitenciárias femininas em São Paulo e Barcelona.** Tese (Doutorado), 400 páginas – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas: Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2015.

PARMAR, Pratibha. Feminismo Negro: la política como articulación. In: JABARDO, M. (ed). **Feminismos Negros – Uma Antología.** Madrid: Traficantes de Suenos, 2012. Disponível em <https://www.marxists.org/espanol/tematica/mujer/autores/hooks/1984/001.htm>

PARREÑAS, Rahcel Salazar (2001). *Mothering from a distance: emotions, gender and intergenerational relations in Filipino Transnational Families.* *Feminist studies*, 27 (2), 361-390.

_____. The care crisis in the Philippines: children and transnational families in the new global economy. In: EHRENREICH, B.; HOCHSCHILD, A. (eds). **Global woman: nannies, maids, and sex workers in the new economy.** New York: LLC, 2002.

_____. **Children of Global Migration: Transnational families and gendered woes.** Standford: Standfoir University Press, 2005.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, Categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Revista Sociedade e Cultura**, v.11, n.2, pp. 263-274. jul/dez, 2008.

_____. **Geografia política do afeto: interesse, “amor” e migração.** I Seminário de Estudos sobre Imigração Brasileira na Europa, Universidade Autônoma de Barcelona, 2012, pp.14-22.

Redação da Rede Brasil Atual. **Haitianos no Brasil fazem webserie para combater o preconceito.** 2015. <http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2015/08/haitianos-no-brasilfazem-webserie-para-combater-preconceito-3258.html> Acessado: 27/01/2015

POVINELLI, Elizabeth A. **Empire of Love.** Duke University Press: Durham, 2006.

RICHMAN, Karen. **Migration and Vodou.** Gainesville: University Press of Florida, 2005.

ROSA, Renata de Melo. A construção da desigualdade no Haiti: experiências históricas e situações atuais. **Revista Universitas: Relações Internacionais**, Brasília, v. 4, n. 2, p. 1-25, 2006.

SAYAD, Abdelmalek. **Imigração ou os paradoxos da alteridade**. Edusp: São Paulo, 1998

SCHWARCZ, Lilia **O espetáculo das raças; cientistas, instituições e questões raciais no Brasil (1870-1930)**. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

_____. *Questão racial e etnicidade*. In: MICELI, S. (org). **O que ler na Ciência Social brasileira (1970-1995)**. São Paulo: Editora Sumaré: ANPOCS; Brasília, DF: CAPES, 1999.

THOMPSON, Eduard Thomas. **Costumes em comum**. Estudos sobre a cultura popular tradicional. S.P.: Cia das Letras, 1998.

TOGNI, Paula. **Europa é o Cacém. Mobilidades, gênero e sexualidade nos deslocamentos de jovens brasileiros para Portugal**. Tese (Doutorado), 318 páginas – Escola de Ciências Sociais e Humanas – Instituto Universitário de Lisboa. Lisboa, 2014.

TURNER, Victor. Dewey, Dilthey, and Drama: An Essay in the Anthropology of Experience. In: TURNER, V.; BRUNER, E. (eds.). **The Anthropology of Experience**.

University of Illinois Press, 1986.

VELASCO, Laura; GIANTURCO, Giovanna. Migración internacional y biografías multiespaciales: una reflexión metodológica. In: ARIZA, M; VELASCO, L (coord.). **Métodos Cualitativos y su Aplicación Empírica: por los caminos de la onvestigación sobre migración internacional**. México: UNAM, Instituto de Investigaciones Sociales; El Colegio de la Frontera Norte. pp. 11-46.A.C, 2012.

WAGNER, Roy. **Invenção da Cultura**. Trad. Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. Cosac Naify. São Paulo, 2010.

Western Union. **About Us**. Disponível em: http://corporate.westernunion.com/About_Us.html. Acesso em: 27/01/2016.

WUCKER, Michele. **Why the cocks fight: Dominicans, Haitians, and the struggle for Hispaniola**. Hill & Wang, 1999.

ZELIZER, Viviana. **Negociação da intimidade**, Editora Vozes: Campinas,2009.